



RENATA RIVERA FERREIRA

Este exemplar corresponde à redação final
do tes defendido pela candidate Renata
Rivera Ferreri e aprovado pela Comissão
Julgadora.

Elenice

PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO EM AFÁSICOS:

**UMA CONTRIBUIÇÃO CLÍNICA PARA A
PLASTICIDADE NEURAL**

TESE DE MESTRADO

APRESENTADA AO

INSTITUTO DE BIOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ÁREA: F I S I O L O G I A

ORIENTADOR: PROF^a, DR^a, ELENICE A. DE MORAES FERRARI

CAMPINAS — 1990

Ao meu pai,
sempre presente ...

*À minha mãe e tia Neide,
amigas dedicadas ...*

*A minha irmã Lígia,
autora da arte final ...*

*Aos pacientes afásicos,
razão deste estudo ...*

A G R A D E C I M E N T O S

- ⊕ À **Prof.^a Dr.^a ELENICE A. DE MORAES FERRARI**, *pela orientação e pelo apoio em todos os momentos.*
- ⊕ Ao **Prof. Dr. CÉSAR TIMO-IARIA**, ao **Prof. Dr. ERNESTO D'OTTAVIANO** e ao **Prof. Dr. NUBOR FACURE** *pelas sugestões durante a discussão da dissertação.*
- ⊕ Aos **Professores ANTONIO P. FRANCESCHI** e **RENÉ MENDES** *pe-
lo incentivo nos primeiros passos da atividade cien-
tífica.*
- ⊕ Ao **DEPARTAMENTO DE FISIOLOGIA E BIOFÍSICA DO INSTITUTO DE BIOLOGIA (UNICAMP)** e ao **SERVIÇO DE NEUROLOGIA E NEUROCIRURGIA "NUBOR FACURE"** *que tornaram possível a realização desta pesquisa.*
- ⊕ Ao **Sr. VANDERLEI PARÉ**, *pela elaboração dos desenhos.*

"PEOPLE COME AND GO,
BUT THE CREATIVE SOURCES OF GREAT HISTORICAL
EVENTS AND THE IMPORTANT IDEAS AND DEEDS
REMAIN ..."

A. R. Luria, 1979

Í N D I C E

1.	INTRODUÇÃO	
	1.1 - REFLEXÕES ACERCA DA PLASTICIDADE NEURAL	10
	1.2 - MODELOS LINGÜÍSTICOS	17
	1.3 - AVALIAÇÕES AFASIOLOGICAS	23
2.	MÉTODOS	
	2.1 - SUJEITOS	29
	2.2 - SITUAÇÃO DE AVALIAÇÃO	53
	2.3 - PROCEDIMENTO	53
3.	RESULTADOS	
	3.1 - SUJEITO N.L.	58
	3.2 - SUJEITO O.P.L.	72
	3.3 - SUJEITO L.N.	110
	3.4 - SUJEITO R.A.R.	122
	3.5 - SUJEITO L.L.C.	139
4.	DISCUSSÃO	151
5.	RESUMO	177
6.	ABSTRACT	179
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	181
8.	APÊNDICE	
	8.1 - ANEXO I	190
	8.2 - ANEXO II	192
	8.3 - ANEXO III	202

INTRODUÇÃO

No que concerne à plasticidade neural, esta significa comportamentalmente a capacidade do indivíduo de incorporar as experiências vividas e nos neurônios a tradução de tais experiências em alterações bioquímicas, citoarquitetônicas e elétricas (Finger & Stein, 1982).

O debate acerca da plasticidade, no âmbito da investigação científica e da evolução clínica, reveste-se de grande valor para as Neurociências ao proporcionar uma análise de seus fundamentos, face aos quais *"a dramática recuperação de traumas e muitas vezes extensas lesões neurais é usualmente considerada como uma exceção à regra de que funções neurais são localizáveis e de que o dano numa área específica leva a uma perda irreparável da função"* (Finger & Stein, 1982; p. 01).

Isso ocorre porque a elaboração de mapas neurais, a partir sobretudo do início do século XIX, induziu à concepção, ainda vigente, do sistema nervoso como um mosaico, constituído por áreas com limites definidos e precisos, vinculadas a funções específicas, estabelecendo assim uma correspondência biunívoca entre funções e estruturas (corticais e subcorticais).

Desse modo tornou-se possível a construção de preceitos, historicamente dominantes, de que o sistema nervoso central caracterizar-se-ia por extrema estabilidade e carência de dinamismo, visão esta alimentada pelas dificuldades em encontrar evidências da regeneração de tecidos ou da restauração da atividade neuronal após lesões em mamíferos adultos. Conseqüentemente, não existiria a possibilidade de recuperação funcional, dada a irreversibilidade das lesões. Os registros indicativos do contrário representariam o resultado de procedimentos metodológicos insuficientemente rigorosos aos déficits residuais. Nessas circunstâncias, *"a recuperação funcional é tratada como uma ameaça ou um obstáculo às doutrinas estabelecidas"* (Finger & Stein, 1982; p. 8), constituindo-se em mais um dentre os diversos conflitos existentes no âmbito das ciências biológicas (Rose, 1973).

Nas últimas décadas, constata-se o desenvolvimento de

uma "neofrenologia", com destaque para as investigações baseadas em registros unitários, análises ultraestruturais, ensaios bioquímicos e identificação de vias anatômicas, graças ao avanço tecnológico em eletrofisiologia, biologia celular, bioquímica e anatomia. Nesse contexto, a perspectiva teórica da organização neural, orientada segundo a relação entre estrutura e função, assumiu um valor de verdade absoluta, permitindo portanto que o paradigma atual não seja sequer questionado (Finger & Stein, 1982).

Na verdade, tal situação reflete o fato de que a neurobiologia apresenta-se como um terreno em que a oposição entre "reducionistas" e "holistas" alcança uma importância particular, em função dos desdobramentos conceituais e consequentemente, clínicos.

O primeiro grupo propõe, nas palavras de Rose (1973), "*ser possível definir todos os aspectos das funções do sistema nervoso como casos especiais das leis da física das partículas*" (p.32), sendo formado principalmente por biólogos moleculares, que representam em última análise o pensamento ortodoxo da neurobiologia ocidental contemporânea (Monod, 1970), caracterizado como materialista e mecanicista.

No que diz respeito aos holistas, considera-se, segundo Rose, que "*a análise não poderá jamais fornecer uma especificação completa da célula como um todo, ao deixar de considerar as relações de organização existentes entre os componentes*" (1973; p. 32) porque preconizam a existência de propriedades emergentes dos sistemas biológicos, propriedades estas irredutíveis às leis físicas e químicas.

De fato, tais abordagens representam diferentes níveis interdependentes de estudo do processamento neural, arranjados segundo uma hierarquia caracterizada por limites definidos operacionalmente, adequadamente representada pelo diagrama proposto por Rose (1973) (figura 1). Assim, grande parte da controvérsia descrita acima surge devido a situações em que se atravessam irrestritamente níveis hierárquicos do discurso científico, como, por exemplo, na descrição reducionista.

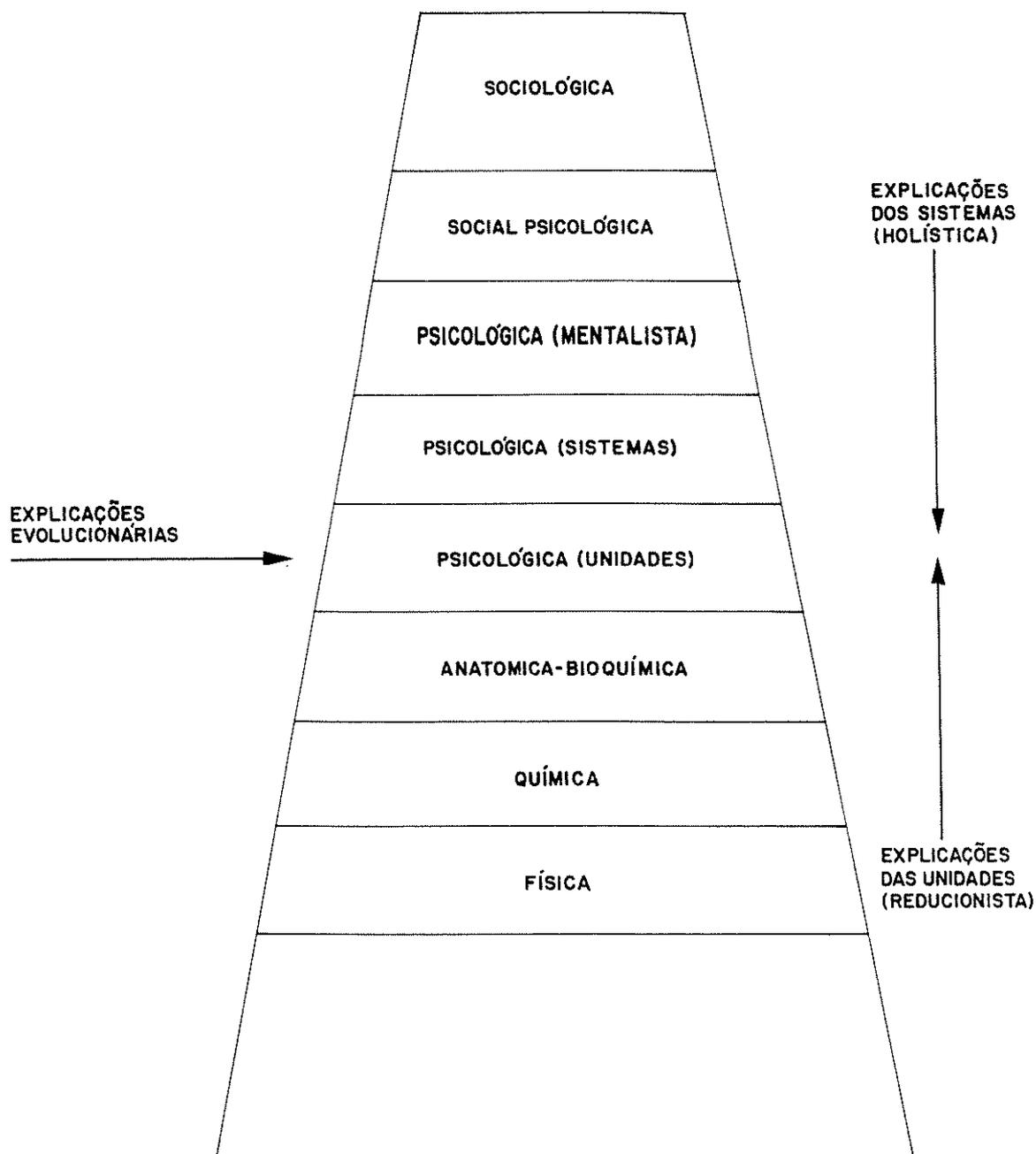


Figura 1. Hierarquias presentes na organização da explicação biológica (Rose, 1973).

das propriedades do processamento neural em termos moleculares (Rose, 1973).

Ocorre que, para a neurobiologia ocidental contemporânea os paradigmas dominantes são desenvolvidos em um molde completamente reducionista, o que é ilustrado pela presença freqüente de metáforas relativas ao sistema nervoso humano que se inspiraram, nos séculos XVII e XVIII, na física newtoniana e atualmente se estendem à informática (Miller, Galanter & Pribam, 1960; Rose & Rose, 1971; Rose, 1973) ou, ainda, exemplificado pelas explicações evolucionistas, desenvolvidas pelos etologistas, que se baseiam e confirmam em grau variável, a concepção do processamento neural como inato e geneticamente determinado (Rose, 1973).

Desde que a história de qualquer ciência é escrita por meio de paradigmas que se sucedem na busca de conhecimentos, visando a esclarecer seus temas principais, não se pode negar a contribuição do reducionismo biológico. Ao simplificar o sistema em estudo como, por exemplo, elegendo a espécie mais adequada para determinada abordagem metodológica, ou ao limitar os aspectos a serem investigados, o reducionismo torna a neurobiologia mais acessível a métodos e teorias gerais, desenvolvidos com vistas a sistemas menos complexos. É importante, porém, destacar que tal paradigma reflete o caráter ideológico do pesquisador e da sociedade, com todos os desvios decorrentes desse fato:

"No espaço de um paradigma, a pesquisa científica pode ser impecavelmente objetiva, pode inclusive funcionar em termos de gerar resultados ajustados ao modelo, pode certamente produzir tecnologias poderosas; a questão entretanto, é que os dados obtidos serão encaixados em um esquema no qual o mundo artificial do conhecimento humano não corresponde à realidade objetiva, distorcendo-a, e a medida dessa distorção é a medida da extensão da penetração ideológica no paradigma" (Rose & Rose, 1971; p.141)

A questão da viabilidade de um paradigma sem conotações ideológicas, de outra parte, suscita alguns equívocos. Isso implicaria em um isolamento frente à sociedade atual,

uma vez que, ao contrário do que aconteceu até o século XIX, no presente século, principalmente nas últimas décadas, o trabalho científico perdeu seus traços de relativa autonomia e converteu-se em atividade profissional. Como tal, submeteu-se a determinada ideologia, a determinado conjunto de abordagens do mundo externo (objetivamente real) e de instrumentos epistemológicos. Assim sendo, as perspectivas quanto a que tipo de ciência uma sociedade livre de ideologias produziria sofreriam limitações. Além desse aspecto, seria interessante analisar as mediações entre o mundo real (externo) e o mundo artificial (do conhecimento científico), considerando que a importância relativa da participação ideológica não é a mesma, necessariamente, para todas as ciências e em todas as épocas, diversidade esta constatada no reducionismo (Rose & Rose, 1971).

No caso da neurobiologia reducionista, a análise adquire maior complexidade desde que *"este paradigma tornou-se a tal ponto a corrente de pensamento dominante, que veio a constituir-se no que poderia ser descrito como uma ideologia da própria ciência, o que não apenas confere ao reducionismo uma importância universal, invalidando todas as demais formas de conhecimento, como também nega a significância de qualquer contribuição social ao mundo artificial do conhecimento, reduzindo-o assim a uma cópia progressivamente mais precisa do mundo externo real, uma ideologia portanto positivista* (Rose & Rose, 1971; p. 142)". Os desdobramentos éticos referem-se ao reconhecimento da racionalidade e da objetividade como valores prioritários e determinantes para o progresso da sociedade, para quem a ciência torna-se o objetivo e o método (Rose & Rose, 1971; Monod, 1970).

Assim, essa questão do confronto entre *reducionismo* e *holismo* constitui o cenário em que se desenrola o outro conflito paradigmático da neurobiologia contemporânea: entre os que apoiam o determinismo genético das atividades humanas e suas diferenças individuais, como produto de forças genéticas e evolutivas e aqueles que defendem a preponderância dos fatores ontogenéticos e da experiência individual. De fato, trata-se de um conflito entre especificidade e plasticidade,

a primeira responsável pelas características das espécies e da população e a segunda pela capacidade evolutiva do ser humano, fazendo de cada um o resultado de suas experiências específicas e não de uma programação restrita.

De modo geral, os fenômenos relativos à especificidade podem ser ilustrados por várias observações da biologia do desenvolvimento, porém em nenhum deles assume características tão significativas como no sistema nervoso central, o que já é testemunhado pelos estudos pioneiros de Sperry e Weiss nas décadas de 30 e 40. Os trabalhos de Sperry, por exemplo, demonstraram que o padrão de regeneração do tecido nervoso, em anfíbios, obedece a mapas inatos que estabelecem um reconhecimento apropriado entre células e fibras do sistema óptico. Outras pesquisas indicam a ocorrência de fenômenos análogos em relação a outras áreas do sistema nervoso central e a determinados aspectos do sistema nervoso periférico, ainda que nenhum se tenha mostrado tão inequívoco como no caso do sistema óptico (Finger & Stein, 1982; Rose, 1973).

Em termos filogenéticos, a relevância da especificidade para a sobrevivência é evidente, pois, uma vez que a experiência da espécie tenha sido incorporada ao seu conjunto de atividades, torna-se possível ao indivíduo antecipar os eventos recorrentes do meio e reagir a eles, de acordo com padrões adequados e inatos. Entretanto, essa capacidade adaptativa também depende, sobretudo na espécie humana, da plasticidade neural, sem o que uma estrutura estritamente específica determinaria um padrão automatizado de atividades, no qual estaria ausente a variabilidade como reflexo da experiência individual.

Devido ao predomínio do paradigma reducionista na neurobiologia, a metodologia de abordagem da neuropsicologia humana — com exceção da escola soviética, cujas diretrizes foram fixadas por Vygotsky e Luria — também obedece, desde os estudos clássicos até os mais recentes, a preceitos de orientação materialista e mecanicista (Hécaen & Dubois, 1969; Hécaen & Lanteri-Laura, 1977; Hécaen & Albert, 1978).

Assim sendo, o corpo de dados para análise baseia-se, principalmente, em correlações anatomo-clínicas em seres humanos e em estudos de anatomia comparada, incluindo diversas espécies animais. Acrescentam-se a esses dados os relativos à neurofisiologia e à neuroquímica, obtidos de acordo com o mesmo ponto de vista. De fato, nas palavras de Hécaen & Albert (1978; p. 02):

"... a neuropsicologia afirma sua especificidade enquanto uma disciplina científica, apresentando suas próprias hipóteses a partir de suas próprias evidências ... os esforços são envidados para estabelecer correlações entre as deficiências observadas e as localizações lesionais, de modo que o mapa anatômico do córtex seja então substituído por um mapa funcional".

Dentro dessa perspectiva o presente trabalho destina-se a uma abordagem da neuropsicologia humana, quanto à questão da plasticidade neural, focalizando especificamente o domínio da neurolingüística.

Em linhas gerais, a influência dos modelos lingüísticos na neuropsicologia da linguagem é caracterizada por ser fragmentada e estática, visto que se trata de uma transposição, direta e considerada como definitiva, de conceitos estritamente teóricos, pertinentes a uma disciplina científica relativamente recente e em permanente evolução, tomada como definitiva e homogênea. Esta é a análise de Coudry (1986), ao considerar que a freqüente aplicação dos paradigmas propostos por Saussure e Chomsky na afasiologia seguiria tais parâmetros. Parece-nos relevante destacar determinados aspectos, por ela comentados, relativos a esses modelos.

No que concerne a Saussure, salienta a autora que este se opõe aos rumos delineados pelos estudos lingüísticos anteriores, centrados nos atos individuais ou seja na **fala**, discutindo uma metodologia que aborde os fenômenos da **linguagem** e afastando as variações lingüísticas históricas, sociais ou psicológicas.

Assim sendo, na perspectiva de Coudry (1986), com o estruturalismo saussureano, em que pese seu valor histórico, se instala uma dicotomia língua-fala e uma abordagem que privilegia a **língua**, por meio de uma idealização do objeto dos estudos lingüísticos, *"levada mesmo muito além do necessário, pela falta de condições históricas prévias que lhe fornecessem técnicas e instrumentos formais de representação adequados"* (p.37).

Quanto ao modelo de Chomsky, a autora evidencia a concepção por ele defendida, de que *"a gramática gerativa não é uma teoria descritiva das línguas naturais: é uma teoria da linguagem"* (p.41), sendo a **linguagem** por ele compreendida não como a *"noção de senso-comum ... nem uma atividade humana ("externalized language") ... nem uma noção técnica ... Chomsky se interessa pela estrutura interna da linguagem, uma linguagem internalizada ("internalized language")"* (p.41), ou seja pela **linguagem** enquanto uma faculdade essencialmente inata do processamento da mente humana. De fato, em Chomsky, não haveria a necessidade histórica, presente em Saussure, de definir um objeto autônomo para a lingüística, interpreta da então dentro de um contexto mais amplo de estudo das ati-

vidades cognitivas.

Com o paradigma chomskyano, segundo a opinião de Coudry, a dicotomia língua-fala de Saussure é substituída pela dicotomia competência-desempenho. De fato, a nosso ver, é importante ressaltar o comentário de Coudry, de que a teoria gerativa e transformacional, tomada até 1982, exclui, de um lado a participação de elementos sócio-culturais relativos à atividade do sujeito, na construção da significação, enquanto os fatores individuais desviantes seriam considerados como domínio de uma teoria do desempenho. Portanto, para esse modelo não existiria a possibilidade de incorporar o sujeito senão como um sujeito ideal.

Coudry conclui sua discussão acerca dos paradigmas propostos por Saussure e Chomsky afirmando que modelos linguísticos como esses têm seus propósitos programáticos e os atendem, obtendo a solução de um grande número de questões cientificamente relevantes, sem contudo constituírem uma base teórica adequada para orientar a avaliação da linguagem, no que se refere a sujeitos afásicos. Na verdade, como observamos anteriormente, mediante essas abordagens são incorporados à neurolinguística modelos epistemológicos produzidos em condições históricas determinadas, que se caracterizam pela redução da complexidade e multiplicidade dos fenômenos, com o intuito de definir um objeto teórico. Tal atitude acarretaria distorções ao considerar programas em constante reestruturação como quadros teóricos estabelecidos, além de não valorizar os elementos relativos "*à atividade individual do sujeito na fala no caso de Saussure e aos múltiplos fatores que interferem no desempenho individual e social, no caso de Chomsky*" (p.44).

Consideramos ainda, como apontado e debatido por Coudry (1986), que o fato de elementos surgidos das pesquisas em pragmática e análise do discurso estarem ausentes no universo teórico e terapêutico da afasiologia decorre desse recorte fenomenológico, preconizado em diversos planos.

Entendemos que a repercussão desse processo de transferência, originado da premissa de que a linguística se confi-

gura como um campo definitivo e homogêneo, está presente inclusive em textos de formação em neurologia, como um reflexo do que ocorre, tanto na atividade prática como na organização do corpo teórico da neurolingüística.

Em um argumento representativo dessa atitude epistemológica Callegaro & Nitrini (1983) destacam que *"para a lingüística é essencial o estudo da **língua**, sendo secundário o estudo da **fala** ... se dá o inverso com a neurologia, onde o interesse primordial se desloca para a fala; logo, são disciplinas complementares, pois é óbvio que as afasias são distúrbios da fala e não da língua"* (p. 385). Coudry (1986) comenta que nesse texto é evidente a presença do pensamento estruturalista saussureano, sem as restrições históricas imprescindíveis, o que reduz a lingüística ao estudo da **língua**, desconsiderando temas desenvolvidos pré e pós-Saussure. Observa ainda a ruptura, nessa concepção da neurolingüística, entre seu objeto — **fala** — e seu método — **língua** — preceito esse reiteradamente confirmado por Callegaro e Nitrini, para quem *"o mais importante para a compreensão dos distúrbios da **fala** seria o conhecimento da organização neurofisiológica da **linguagem**"* (p. 385).

Essa distorção do estudo da fala por meio da **linguagem** torna-se ainda mais conflitante quando se verificam inadequações na própria conceituação desses termos. Tal ocorre no livro texto de Neurologia Clínica, amplamente difundido, de Adams & Victor (1977), que afirmam que *"embora **linguagem** e **fala** sejam funções intimamente relacionadas, não são estritamente sinônimos ... enquanto a função da **linguagem** envolve a compreensão e transmissão de idéias e sentimentos através do uso de sinais convencionais, marcas, sons e gestos e a ordenação sequencial deles, segundo regras gramaticais aceitas, a **fala** refere-se mais aos aspectos mecânicos e articulatórios da expressão verbal"* (p. 324). Cumpre ressaltar que esses autores não respeitam sequer a concepção de fala e linguagem elaborada a partir de Saussure e Chomsky, presente na maioria dos estudos afasiológicos.

Classicamente, em decorrência desses preceitos, o procedimento metodológico desenvolvido, no âmbito da neuropsicologia da linguagem, caracteriza-se pela apresentação de um conjunto de testes-padrão, cujos resultados são submetidos a estudos estatísticos, de acordo com a tradição iniciada por Weisenburg e McBride, em 1935 (Hécaen & Albert, 1978).

Assim sendo, os dados quantitativos, associados a outros aspectos do exame neurológico, resultariam na localização da lesão, a partir de correlações com a provável localização da *função* afetada, obtida por meio de diversos caminhos metodológicos, dentre os quais, o estudo anatomo-clínico seria um dos mais aplicados.

Parece-nos irrefutável a influência, nessa abordagem, das raízes históricas do estudo dos processos cognitivos, remontando à denominada "*idade de ouro*", no século passado. Na verdade, a análise retrospectiva dos trabalhos em neuropsicologia da linguagem, de Flourens, Gratiolet e Vulpian a Gall, Bouillaud, Auburtin e Broca, revela um cenário, em que a atividade cognitiva e a linguagem em particular adquiriram "*status*" de elemento de prova, histórica e epistemologicamente, para o princípio das localizações (Hécaen & Dubois, 1969; Hécaen & Lanteri-Laura, 1977).

Paralelamente, os dados permitiriam atender a critérios necessários à classificação afasiológica em diferentes subtipos, enquadrados em uma taxonomia geral marcada pela referência à dicotomia entre **afasia motora** (expressão) e **afasia sensorial** (compreensão). Tal classificação, devido aos desdobramentos que implica, está presente, por meio de quadros sinópticos e descrições, distintos em maior ou menor grau, tanto nos textos relativos ao debate teórico (Hécaen & Albert, 1978; Lúria, 1973; Lúria, 1976a) como nos concernentes à perspectiva clínica (Adams & Victor, 1977; Canelas et al., 1983; Chusid, 1982; Leleux & Lebrun, 1979; Tolosa & Canelas, 1975).

Uma análise crítica do binômio **localização-classifica**ção, historicamente dependente das baterias de testes, evidencia sua ruptura. Apesar do valor, em múltiplos aspectos,

da Escola Clínica Francesa e seus tradicionais parâmetros (Foucault, 1962), o avanço tecnológico reduziu sensivelmente a importância do exame neuropsicológico no que diz respeito à localização do território lesado. Isto pode ser constatado por meio dos trabalhos que discutem a contínua evolução da imagem obtida por meio da tomografia transaxial nas duas últimas décadas (Phelps et al., 1978; Keyes, 1982) ou ainda da queles relativos ao estudo do fluxo sanguíneo, por angiografia carotídea (Thurman & Millikan, 1981), alguns corrigindo significativamente a variância das medidas de fluxo resultante de diferenças constitucionais, graças a simulações em computadores (Farrar, 1981). Além dessas técnicas, métodos atraumáticos concorrem para tal localização, estabelecendo-se nos últimos anos o debate acerca da sua sensibilidade e reprodutibilidade (Gur et al., 1982; Meric et al., 1983; Segawa et al., 1983; Demeurisse et al., 1983). Dentre eles, a sonografia por Doppler (Buell et al., 1980; Ginsberg et al., 1981) e a ressonância nuclear magnética (Buonanno et al., 1983; Pykett et al., 1983) têm contribuído de modo relevante para a discussão dos limiares de fluxo para o comprometimento da função neuronal e da integridade estrutural da membrana e do tecido (Heiss, 1983). Entretanto, nesse contexto, é oportuno destacar a opinião de Ziegler (1985; p. 559), de que, *"sendo a Neurologia provavelmente a disciplina em que o exame clínico desenvolveu sua maior complexidade ... a emergência de técnicas ainda mais sensíveis aumenta a importância do exame neurológico mais sofisticado e mais metódico, para acompanhar a sensibilidade crescente das máquinas"*, desde que seus limites de resolução ainda não se encontram adequadamente definidos.

Uma vez descaracterizada a participação do exame neuropsicológico como elemento decisivo para a localização funcional, este se mantém essencialmente como um elenco de critérios padronizados visando a inserir o indivíduo em determinada tipologia.

Os modelos propostos por diversos grupos de investigação em afasiologia, nas últimas décadas (como "The Minnesota Test for Differential Diagnosis of Aphasia" de Schuell,

"Neurosensory Center Comprehensive Examination for Aphasia" de Spreen & Benton, "Functional Communication Profile" de Taylor Sarno, "Boston Diagnostic Aphasia Text" de Goodglass & Kaplan) revelam um núcleo de tarefas comuns, citado por Coudry (1986) como representativo, através do prisma da concepção de linguagem presente na maioria das baterias de testes-padrão.

Uma análise crítica de tais procedimentos avaliativos desde as concepções teóricas que os fundamentam até a visão pragmática que sustentam da linguagem, no âmbito da neurolinguística e da afasiologia, indica distorções, resumidas em duas vertentes por Coudry (1986).

A princípio, destaca-se o fato de constituírem-se em tarefas descontextualizadas, abstraídas dos parâmetros de espaço e tempo, que prescindem ainda dos elementos da vida pessoal do examinador e do indivíduo afásico, que não se constitui como *sujeito* na situação de interlocução, mas sim como *afásico*, e como *paciente* devido à assimetria de poder de que se reveste tal relação. Isso porque *"a natureza das tarefas propostas corresponde a exercícios fundados na língua escrita, com um forte compromisso escolar (no pior sentido de "escolar"), quando não se reduzem a técnicas de abordagem do fenômeno para levantar fatos necessários à descrição acadêmica da afasia"* (p.8).

Esses testes, **descontextualizados** enquanto observados através de um prisma sócio-cultural, mostram-se como predominantemente **metalingüísticos**, no domínio da lingüística.

Coudry (1986) comenta essa característica dos testes padronizados a partir de uma citação de Lebrun (1983), referente ao conceito de perda do pensamento abstrato ou categórico em Goldstein. Lebrun interpreta a maior facilidade para nomeação no decorrer das atividades diárias, comparativamente às situações de testes, como resultado da dicotomia **meta-linguagem-linguagem objeto**: *"A incumbência de falar os nomes é metalingüística. Ter que nomear um objeto que lhe é mostrado é ser confrontado com a pergunta: "Que palavra usamos para designar esse objeto?". A resposta metalingüística a esta pergunta torna-se frequentemente muito difícil e o afásico amnésico retorna a uma reação lingüística"* (p. 36).

Assim, considerando a prevalência, nos testes, da atividade metalingüística, Coudry propõe à reflexão sobre se os indivíduos afásicos apresentariam dificuldades devido a essa característica ou pela influência de outros fatores, como a exclusão do contexto ou, ainda, por razões de escolaridade. De

fato, a dificuldade de atuação dos afásicos, quando avaliados pelos comandos de ação descontextualizados, denota a importância desse aspecto, independentemente da natureza metalingüística de que se revestem determinadas tarefas, o que, quando ocorre, redonda em ainda maior complexidade.

Coudry (1986; p. 21) ressalta que *"a metalingüística suspende, pois, a linguagem para torná-la um objeto de observação, descrição e representação"* e que dela *"olha-se a linguagem de seu exterior para descrevê-la em um sistema nocional"*. Portanto, ao privilegiar a atividade metalingüística, essa avaliação tanto priva o sujeito da atividade epilingüística^a... parte da constituição (reconstituição no caso do afásico) do sujeito e da construção (reconstrução) da linguagem, como impede o acesso ao conhecimento desse caminho individual pelo investigador.

Este aspecto é igualmente valorizado por Lebrun (1983; p. 103) que considera que *"os procedimentos de testes de rotina permitem ao clínico colocar os pacientes dentro da sua taxonomia afásica preferida, que por sua vez faz correlações entre síndromes afásicas superficiais e possíveis lesões orgânicas"*, sem contudo indicar o percurso subjacente ao acontimento da **linguagem individual** ou da **fala** do sujeito afásico. De fato trata-se de avaliar a **fala** por meio da **língua** e o **desempenho** através da **competência** lingüística, transposição indevida dos paradigmas saussureano e chomskyano, conforme a análise anterior, pelas transgressões que representa sob múltiplos aspectos. Lebrun comenta ainda estar de acordo com Benton (1967), em que *"nenhuma bateria de afasia publicada apresenta evidência convincente de possuir um grau de utilidade clínica que seja realmente maior do que qualquer outra série de testes de afasia que possa vir a ser montada"* (1983, p. 99).

Para Lebrun (1983), essa crítica aos testes-padrão estende-se mesmo ao "Perfil Funcional de Comunicação"

^a O termo "epilingüística", cunhado pela psicolingüista Karmiloff-Smith (1979, 1986) foi revisto e amplamente discutido por Coudry (1986) e Franchi (1987).

("Functional Communication Profile"), proposto por Taylor, que, embora apresentado como *"um teste baseado na interação informal com o paciente numa situação conversacional"* (Taylor, 1965; p. 103), induziria o examinador a equivocarse quanto à capacidade real de comunicação do sujeito afásico.

Na verdade, o modelo do "Perfil Funcional de Comunicação (FCP)" surgiu com a experiência desenvolvida com as baterias de testes elaborados, principalmente, desde a II Grande Guerra. A partir de um conceito de **afasia** como acometimento do processo de **codificação** ou **descodificação** da linguagem Taylor discrimina o *"desempenho clínico"* — comportamento verbal na execução de tarefas sob comando, do *"desempenho funcional"* — comportamento verbal em *"condições que simulam o uso natural da linguagem"*. Ao caracterizar esses *"tipos de linguagem"*, ressalta que a *"linguagem natural"* não seria aleatória, obedecendo a suas próprias regras, de modo que o estudo das patologias da linguagem implicaria uma *"comparação lingüística sistemática com nosso código verbal normal"* (p. 102).

Visando a esse objetivo, Taylor formula em 1957, uma escala (*anexo I*) que pretendia fosse um *"perfil"* das condições efetivas de comunicação do sujeito afásico nas atividades diárias. Para tal, seriam avaliados 50 comportamentos comunicativos integrados considerados *"funções comuns da linguagem"*, indicadores do *"uso funcional pelo paciente de sua linguagem residual"*. Posteriormente, 45 comportamentos comunicativos constariam do "F C P", mantendo-se contudo suas premissas básicas, quais sejam: a concepção da linguagem como um **código**, a preocupação em avaliar a *"linguagem funcional"* do afásico, o conceito de *"normal"*, para cada indivíduo, definido como o nível de proficiência lingüística estimado, segundo os fatores sociais, educacionais e psíquicos envolvidos em sua história pré-mórbida (Sarno e Levita, 1979). De fato, a necessidade de fixar parâmetros individualizados para caracterizar a *"linguagem normal"* seria objeto de comentário já no trabalho original de Taylor (1965), baseando-se em uma observação de Critchley (1952), por ela citada: *"O modo pelo qual cada pessoa emprega a linguagem é individual*

e pessoal, algo que nunca compartilha totalmente com a comunidade, algo que reflete sua personalidade como um todo" (p. 103).

Assim sendo, apresenta pontos favoráveis relevantes, tais como agrupamento dos comportamentos testados segundo a organização estatisticamente mais adequada e não a disposição clássica em **receptivos** e **expressivos**; nenhuma referência às nomenclaturas diagnósticas ou sintomatológicas; relativização das análises estatísticas quantitativas; discussão do conceito de *função lingüística normal*, segundo a história do afásico, busca de uma *contextualização* no diagnóstico e na terapia.

Entretanto, trata-se de uma avaliação *funcional* que não incorporou, a esse momento ou mesmo posteriormente, elementos essenciais para o debate em torno do conceito de *função cognitiva* nem tampouco da *função lingüística* em particular. Essa é vista sob uma perspectiva teórica reducionista, da linguagem como **código**, a ser estudada pelo lingüista, a partir de amostras da linguagem em contexto natural, "*descritas e classificadas suas características lingüísticas de acordo com os fonemas, morfemas e sistemas sintáticos da linguagem*". Tal concepção, por si, restringe a possibilidade de *contextualização* do ato lingüístico, tanto na avaliação como na terapia, limitada ademais, pela metodologia proposta, à *interação informal* no ambiente hospitalar, que *simula* a atividade de lingüística natural. É importante destacar que Taylor reconhece (1965), entretanto, que "*idealmente uma medida funcional do uso da linguagem poderia ser obtida tão somente se se pudesse acompanhar o paciente no curso de sua vida diária e observar seu comportamento verbal*".

Na verdade, ainda que os testes, devido às tarefas que propõem, freqüentemente desencadeiem a emergência de recursos epilíngüísticos, esses não são devidamente valorizados pelo examinador, por divergirem do seu quadro de referência teórica e de suas hipóteses mais fundamentais. Portanto, "*nos testes-padrão, por serem uma prática descontextualizada, por insistirem em atividades e atitudes metalingüísticas (nos resultados esperados e na observação), por lidarem com materiais lingüísticos filtrados de fatores discursivos importantes,*

não se avalia, na verdade, a linguagem" (Coudry, 1986, p. 31) ou, ainda, avaliam-se estritamente **elementos** da linguagem, que surgem do seu recorte como **código**.

A partir dessas reflexões, consideramos que a visão reducionista que orienta a neurolingüística, caracterizada pela análise acima, decorre em parte de aspectos inerentes à prevalência desse paradigma na neurobiologia, mas também se prende a elementos historicamente presentes na definição de linguagem incorporada pela neurolingüística e tomados sem a devida perspectiva crítica.

Diante de tal quadro, a incorporação de aquisições relativas à pragmática e à análise do discurso, a nosso ver, implicaria uma revisão do conceito de **afasia**, estruturado de acordo com uma concepção da linguagem divergente e afastada da que a entende tão somente como um **código**. Com o proposto por Coudry, segundo o qual "*A afasia se caracteriza por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão adquirida do sistema nervoso central, podendo ou não associar-se a alterações de outros processos cognitivos*" (1986; p.07), o objeto da **neurolingüística** seria a avaliação, descrição e análise dos recursos de produção ou interpretação, comprometidos no indivíduo afásico.

Fundamentando-se nessa leitura do fenômeno, este estudo pretende discutir, à luz de conceitos correntes da plasticidade neural, tanto observações realizadas segundo diretrizes previamente adotadas, como as idealizadas de acordo com uma ruptura com esse molde reducionista.

MÉTODOS

SUJEITOS

Foram avaliados 5 indivíduos afásicos, todos acometidos, do ponto de vista etiológico por afecções vasculares. Estes quadros clínicos, relacionados a diferentes diagnósticos topográficos e sindrômicos, foram caracterizados por sua vez por estudos angiográficos e/ou tomográficos, conforme descreveremos a seguir (tabela 1).

Tais estudos, assim como os procedimentos clínico-cirúrgicos, foram realizados no serviço de neurologia e neurocirurgia a cargo do Prof. Dr. Nubor Facure, em Campinas (Hospital "Irmãos Penteado").

I -

N.L. - 61 anos, destro, de origem italiana, radicado no Brasil desde os 24 anos, dedicando-se a atividades comerciais.

Em setembro de 1983, ao apresentar um quadro clínico de hemiparesia à direita, perseveração na execução de comandos, respostas monossilábicas e apraxia ao alimentar-se, foi submetido a um exame angiográfico, que não apre-sentou alterações (figuras 2 e 3), e a um tomográfico, que revelou área de baixo coeficiente de atenuação na região fronto-parietal esquerda (figura 4).

A intervenção cirúrgica evidenciou a presença, no lobo temporal esquerdo, de coleção sanguinolenta, cujo exa-me anatomo-patológico afastou a hipótese diagnóstica de processo tumoral.

Os estudos tomográficos de dezembro de 83 e setembro de 84 indicaram área de gliose correspondente (figuras 5, 6, 7, 8).

O exame neurológico revelava no período pós-operatório imediato discreta monoparesia de membro superior di-reito, sem outras alterações da motricidade. Sem anomalias evidentes da esfera sensitiva, apresentava quanto aos nervos cranianos discreta paresia do VII nervo, central e à direita.

Esse quadro evoluiu sem alterações até dezembro de 84, com exceção da monoparesia de membro superior direito que regrediu no decorrer dos primeiros 30 dias.

A análise da evolução de N.L. foi interrompida em duas ocasiões: em janeiro de 85, em caráter provisó-rio e em julho de 85 (quando tinha sido retomada ha-via um mês), em caráter definitivo, devido a intercor-rências clínicas que tornaram inviável o seu prosse-guimento.



Figura 2. Imagem angiográfica carotídea de N.L.(perfil), fase arterial, com vasos de trajeto e calibre normais (setembro/83).



Figura 3. Imagem angiográfica carotídea de N.L. (perfil), fase venosa, sem alterações (setembro/83).

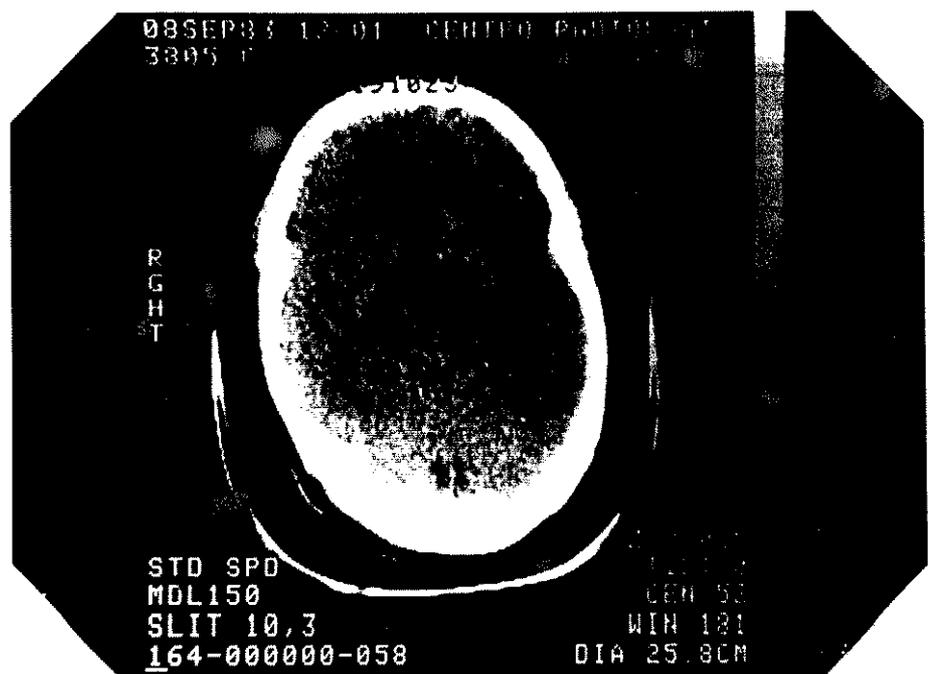


Figura 4. Imagem tomográfica craniana de N.L. (plano caudal da série ventricular) mostra área de baixo coeficiente de atenuação de forma arredondada e limites pouco nítidos na região fronto-parietal esquerda (setembro/83).

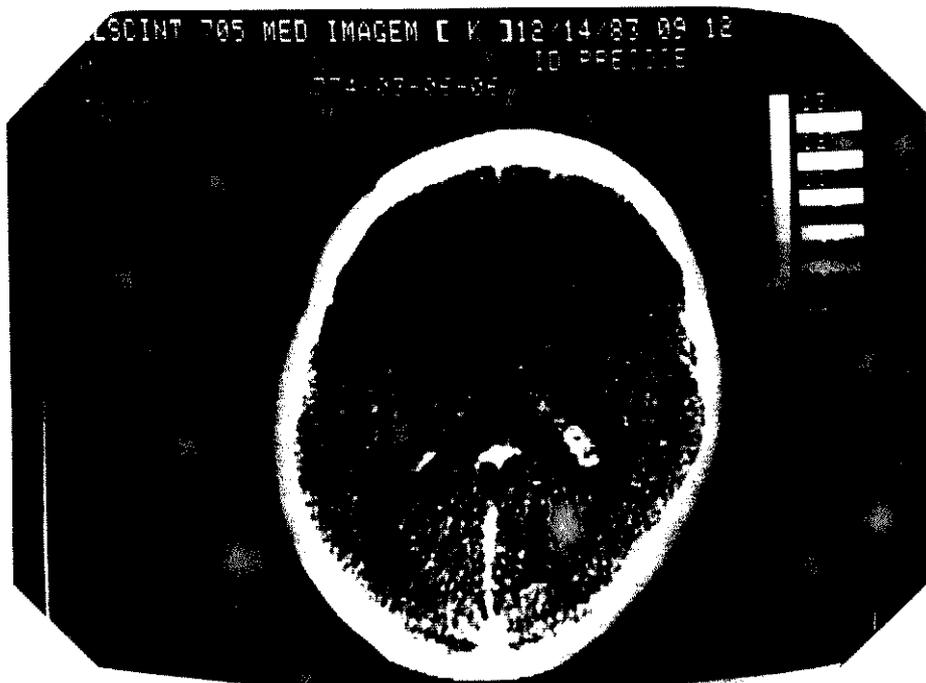


Figura 5. Imagem tomográfica craniana de N.L. (plano caudal da série ventricular) mostra craniotomia fronto-têmpero-parietal esquerda e área de gliose correspondente (dezembro/83).

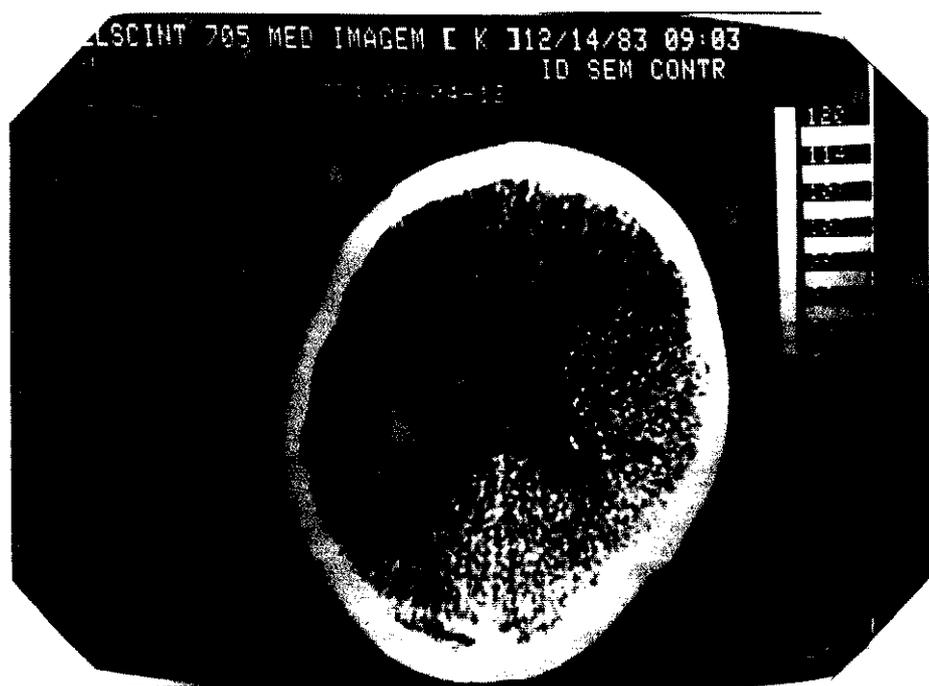


Figura 6. Imagem tomográfica craniana de N.L. (plano rostral da série ventricular) com as mesmas evidências da anterior (dezembro/83).



Figura 7. Imagem tomográfica craniana de N.L. (plano caudal da série ventricular) com as mesmas evidências das anteriores (setembro/84).

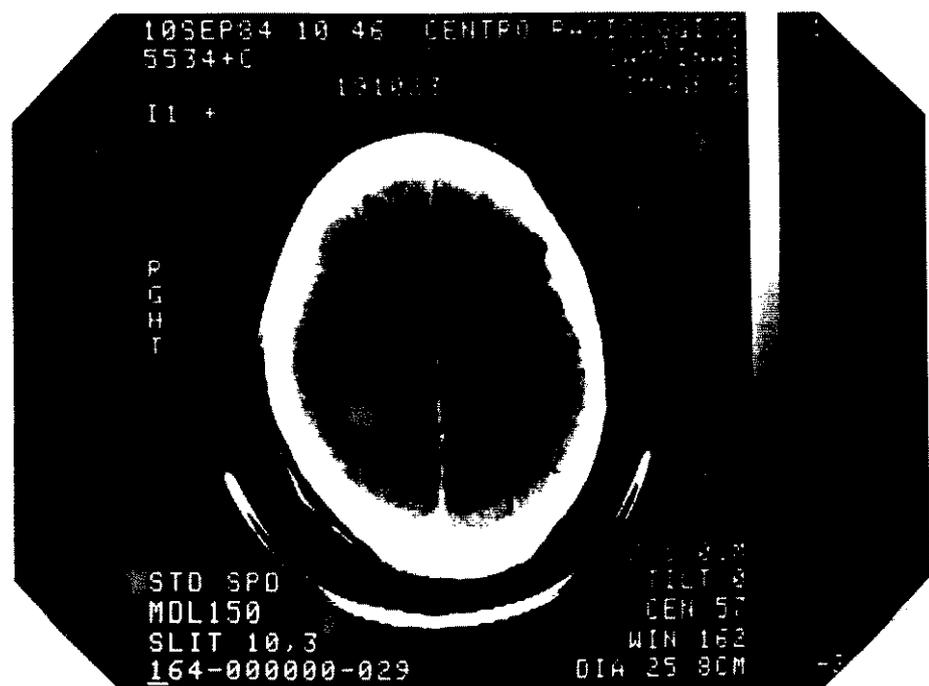


Figura 8. Imagem tomográfica craniana de N.L. (plano supra-ventricular) com as mesmas evidências das anteriores (setembro/84).

II -

O.P.L. - 49 anos, destro, brasileiro, funcionário público.

Em outubro de 1981, após referir cefaléia frontal por cerca de trinta dias, **O.P.L.** evoluiu com alteração do nível de consciência, desorientado em relação ao tempo e ao espaço.

Constatou-se a presença de sinais meningorradiculares (rigidez de nuca) e manifestação oral restrita (jargão ininteligível), mantendo-se preservada a compreensão oral.

O exame angiográfico carotídeo indicou a presença de aneurismas no território da carótida direita, ao nível supraclavicular da carótida primitiva, da trifurcação da cerebral média e do seguimento A1; e à esquerda, ao nível da trifurcação da artéria cerebral média, que foi clipado durante intervenção cirúrgica realizada posteriormente (figuras 9 a 12).

No período pós-operatório imediato, manifestou alterações motoras com hemiplegia à direita, que regrediu no prazo de vinte dias, e ainda discreta paresia do VII nervo, central e à direita, que persiste até o presente momento.

O estudo tomográfico de maio de 86 indicou uma área de gliose compatível com infarto da área temporo-parieto-occipital esquerda, confirmando o diagnóstico de acidente vascular hemorrágico (figuras 13 a 15).

Cumprе ressaltar que **O.P.L.**, devido ao quadro afásico, anteriormente a esse acompanhamento por um período de 53 meses (tabela 1), havia sido encaminhado a um serviço de Fonoaudiologia, onde foi orientado durante 18 meses, sem que fosse observada uma recuperação de suas habilidades lingüísticas e de seu interesse por quaisquer atividades.



Figura 9. Imagem angiográfica carotídea de O.P.L.(ânte-ro-posterior), fase arterial, mostra aneurisma ao nível da trifurcação da artéria cerebral média esquerda (outu bro/81).



Figura 10. Imagem angiográfica carotídea de O.P.L.(oblíqua), fase arterial, mostra as mesmas evidências da anterior (outubro/81).

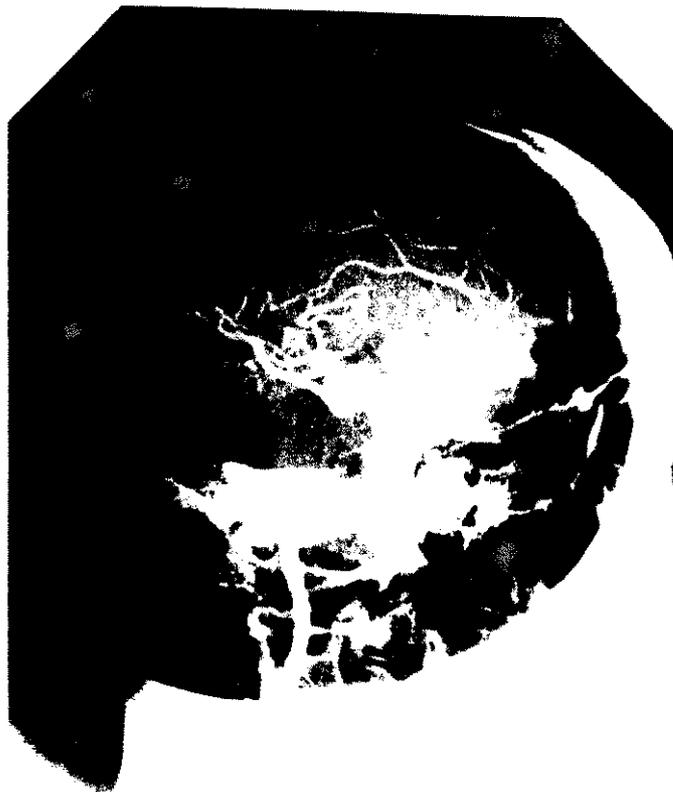


Figura 11. Imagem angiográfica carotídea de O.P.L.(oblíqua), fase arterial, mostra as mesmas evidências das anteriores (outubro/81).



Figura 12. Imagem angiográfica carotídea de O.P.L. (ânte-ro-posterior), fase arterial, mostra aneurisma ao nível da trifurcação da artéria cerebral média direita (outubro/81).

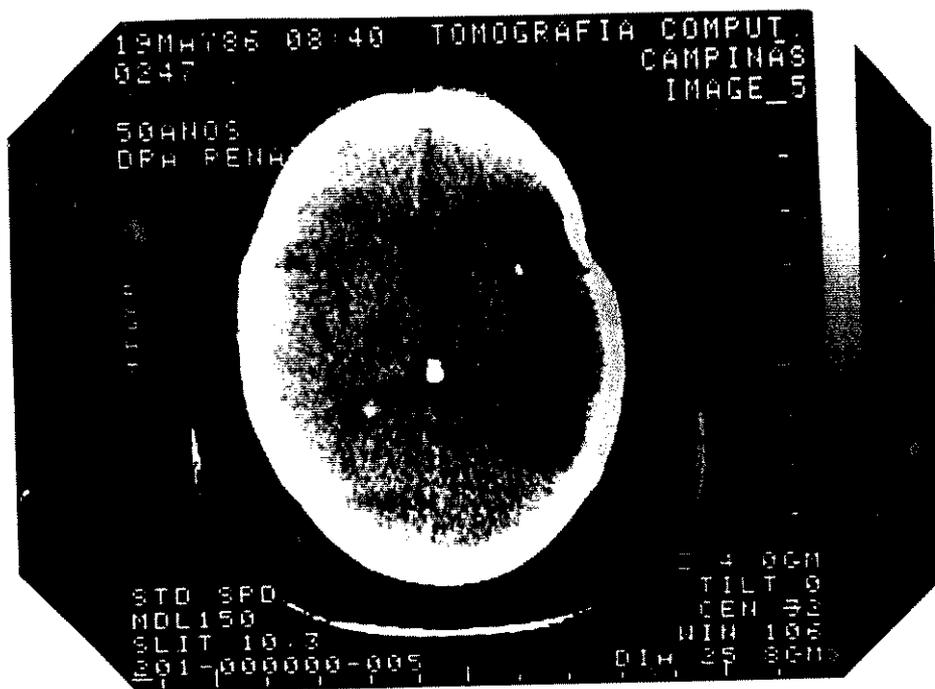


Figura 13. Imagem tomográfica craniana de O.P.L.(plano caudal da série ventricular) mostra craniotomia fronto-têmporo-parietal esquerda, sinal hiperdenso de objeto metálico (clipe) no vale silviano à esquerda e extensa área de baixo coeficiente de atenuação na região têmporo-parieto-occipital esquerda, compatível com infarto cerebral (maio/86).

III -

L.N. - 55 anos, destro, brasileiro, desenhista topográfico.

Em março de 84, L.N. apresentou um episódio de alteração do nível de consciência, seguido de déficit na produção oral sem outras alterações, clínicas ou neuropsicológicas.

A hipótese diagnóstica de acidente vascular isquêmico não pôde contudo ser confirmada, diante da recusa de L.N. em submeter-se a estudos tomográficos ou angiográficos.

Posteriormente, em maio do mesmo ano, ao iniciar a avaliação neurolingüística, manifestava anomalias unicamente nessa esfera.

Seu acompanhamento estendeu-se a junho de 85, tendo sido então interrompido definitivamente por sua decisão. Por ocasião de sua mais recente entrevista, com fins de controle clínico, em 1987, L.N. não apresentava mudanças em relação ao quadro neuropsicológico anterior.

IV -

R.A.R. - 39 anos, destra, brasileira, dedicada a atividades domésticas.

Em julho de 85, apresentou um quadro clínico de perda de consciência. Este evoluiu com uma hemiparesia direita de grau leve, com predomínio facial, sinais meníngeos (rigidez de nuca) e obnubilação mental, com produção oral restrita, mantendo-se preservada a compreensão oral.

O estudo angiográfico revelou a presença de aneurismas nas artérias comunicantes, anterior e posterior, e de um aneurisma gigante, ao nível da artéria cerebral média esquerda (figuras 16 e 17).

No primeiro ato cirúrgico a que foi submetida, em agosto, foram clipados os aneurismas da comunicante posterior e da cerebral média, procedendo-se posteriormente a exame arteriográfico de controle (figuras 18 e 19).

O acometimento motor, no período pós-operatório imediato, manteve-se inalterado, regredindo discretamente nos meses seguintes. Quanto à hemiparesia do VII nervo, central e à direita, persistiu sem modificações no decorrer do seguimento.

Em outubro de 85, iniciou-se a avaliação neurolinguística de R.A.R. que prosseguiu até abril de 86, quando foi interrompida devido à segunda intervenção cirúrgica. Nessa ocasião, foi realizada uma craniotomia fronto-temporal direita, sendo clipados os aneurismas da artéria comunicante anterior e da carótida interna.

No período pós-operatório, R.A.R. apresentou persistência da hemiparesia do VII nervo e do quadro afasiológico, com algumas alterações desse último.

A última arteriografia de controle, datada de maio de 86, revelou posicionamento adequado dos clips colocados nas artérias comunicante anterior e carótida

interna (figuras 20 e 21).

Tendo retornado ao acompanhamento neuropsicológico em junho de 86, manteve-se em avaliação por um período de 24 meses.

Um único estudo tomográfico (figura 22) foi realizado em todo o período de acompanhamento, em março de 86, indicando a ocorrência de um acidente vascular hemorrágico.



Figura 16. Imagem angiográfica carotídea de R.A.R (ântero-posterior), fase arterial, mostra aneurismas ao nível das artérias cerebral média esquerda, comunicante posterior e comunicante anterior, com discreto desvio da artéria cerebral anterior esquerda, vasoespasma generalizado e provável processo expansivo (hematoma) subtemporal esquerdo (agosto/85).



Figura 17. Imagem angiográfica carotídea de R.A.R. (perfil), fase arterial, com as mesmas evidências da anterior, tornando-se mais nítido o aneurisma da comunicante posterior (agosto/85).

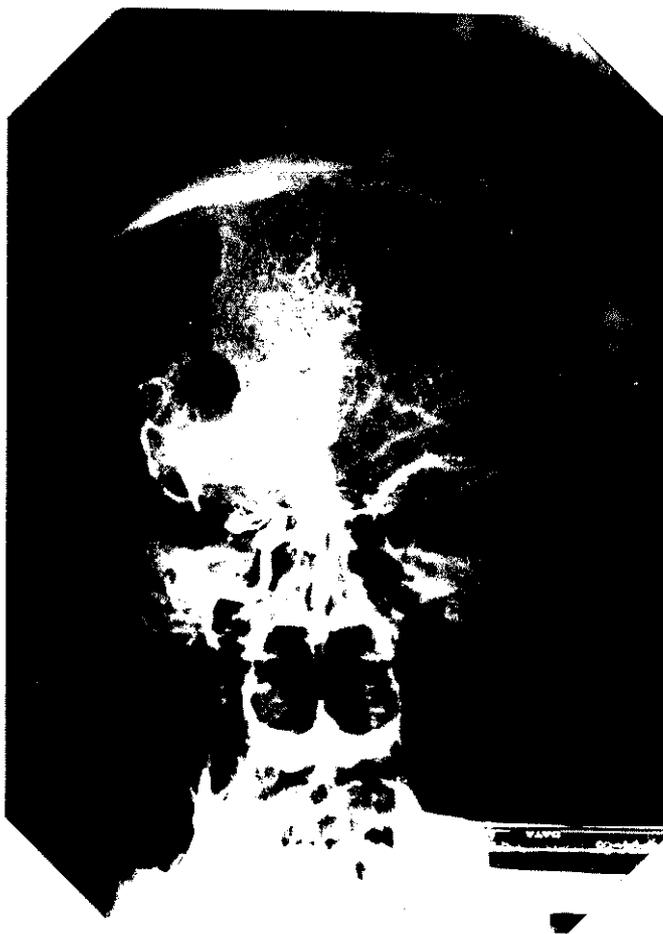


Figura 18. Imagem angiográfica carotídea de R.A.R. (ântero-poste-
rior), fase arterial, mostra craniotomia fronto-têmpero-parietal
esquerda e sinais hiperdensos de objetos metálicos (clipes) nas
artérias cerebral média esquerda e comunicante posterior (agos-
to/85).



Figura 19. Imagem angiográfica carotídea de R.A.R. (ântero-posterior), fase arterial, com as mesmas evidências da anterior, mostrando também aneurismas das artérias carótida interna direita e comunicante anterior (maio/86).



Figura 20. Imagem angiográfica carotídea de R.A.R.(ântero-posterior), fase arterial, com as mesmas evidências da figura 18, mostra imagens hiperdensas de objetos metálicos (clipes) nas artérias carótida interna direita e comunicante anterior (maio/86).



Figura 21. Imagem angiográfica carotídea de R.A.R.(ântero-posterior), fase arterial, com as mesmas evidências da anterior (maio/86).

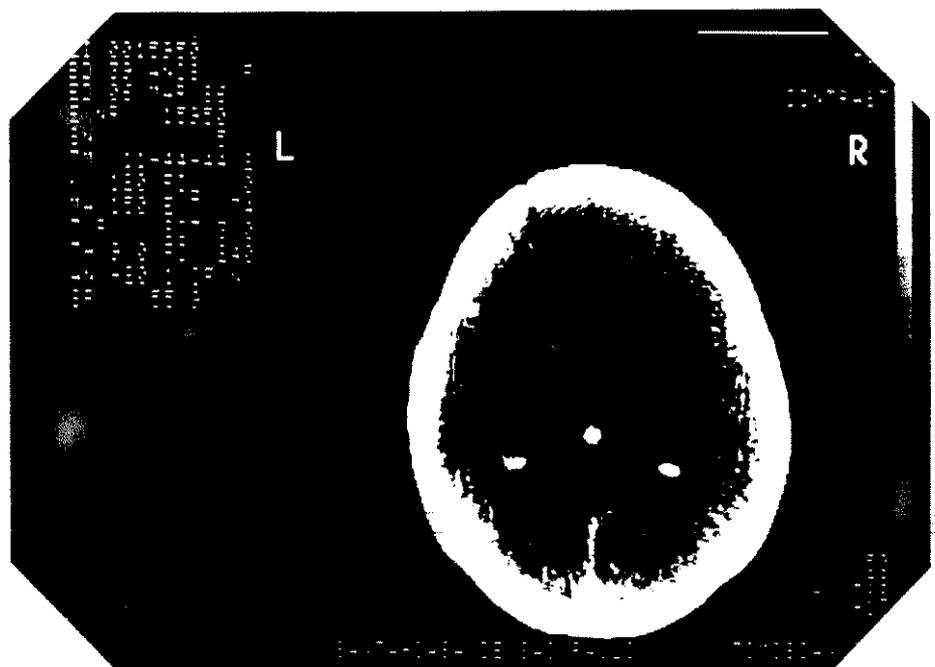


Figura 22. Imagem tomográfica craniana de R.A.R.(plano caudal da série ventricular) mostra área de baixo coeficiente de atenuação têmporo-parietal esquerda (março/86).

V -

L.L.C. - 50 anos, destro, brasileiro, cuja ocupação referia-se a representações comerciais e vendas.

Em junho de 86, manifestou um quadro clínico transitório, limitado ao comprometimento da produção oral. Após um intervalo de algumas horas, instalou-se um déficit da produção oral, sem nenhuma afecção da compreensão, além de severa hemiparesia à direita.

O exame tomográfico, datado de junho de 86, mostrou-se dentro dos parâmetros de normalidade, não revelando sinais de lesão.

A angiografia digital realizada em 87, entretanto, indicava trombose da artéria carótida interna à esquerda, confirmando a hipótese de acidente vascular isquêmico.

Ao ser encaminhado para avaliação em novembro de 86, L.L.C. mantinha discreta hemiparesia direita, com predomínio braquiofacial, que persistiu ao longo de todo o acompanhamento durante 19 meses, com discreta melhora.

Nesse período, L.L.C. recebeu ainda orientação do ponto de vista fisioterápico.

TABELA 1- CARACTERIZAÇÃO CLÍNICA E NEUROPSICOLÓGICA (1: LELEUX ET LEBRUN, 1979; 2: HEDAEN, 1977;
3 LURIA, 1977) DOS SUJEITOS AFÁSICOS E RESPECTIVOS PERÍODOS DE OBSERVAÇÃO

SUJEITO	SEXO	IDADE (ANOS)	DIAGNÓSTICO			PERÍODO DE AVALIAÇÃO (MESES)	
			CLÍNICO	NEUROPSICOLÓGICO			
N.L.	M	61	AVC HEMORRÁGICO	1 AF. AMNÉSICA	2 AF. AMNÉSICA	3 AF. AMNÉSICA	18
O.P.L	M	49	AVC HEMORRÁGICO	1 AGRAMATISMO	2 AF. REALIZAÇÃO FONÊMICA	3 AF. TRANSCORTICAL MOTORA	53
L.N.	M	54	AVC ISQUÊMICO	1 SURDEZ VERBAL PURA	2 SURDEZ VERBAL PURA	3 AF. SENSORIAL	13
R.A.R	F	39	AVC HEMORRÁGICO	1 AF. DE BROCA	2 AF. REALIZAÇÃO FONÊMICA	3 AF. MOTORA AFERENTE	30
L.L.C.	M	50	AVC ISQUÊMICO	1 AF. DE CONDUÇÃO	2 AF. DE CONDUÇÃO	3 AF. DE CONDUÇÃO	19

SITUAÇÃO DE AVALIAÇÃO

Dado o objetivo primeiro desse trabalho, qual seja, retratar e debater as divergências decorrentes das distintas metodologias de abordagem do fenômeno afasiológico, tais sujeitos foram analisados em diversos ambientes.

Assim, além das sessões hospitalares semanais, junto ao "Serviço de Neurologia e Neurocirurgia Nubor Facure" (Campinas), as interlocuções também se realizaram nas residências dos indivíduos e ainda em outras circunstâncias, de interesse sócio-cultural comum a examinadores e sujeitos, limitadas, no entanto, pela prevalência de indivíduos residentes em outras cidades.

PROCEDIMENTO

Com o intuito de obter observações significativas e evitar aquelas de caráter estritamente transitório, desenvolvemos uma pesquisa longitudinal prospectiva, ao longo de 13 a 53 meses (tabela 1).

Durante esse período, as sessões hospitalares possibilitaram dois modelos de avaliação, documentados por meio de gravações em áudio.

Um deles, cujos dados foram transcritos segundo o anexo II, consistiu na apresentação de um conjunto de testes-padrão, a intervalos regulares, fixados de acordo com aspectos individuais.

Pretendendo que tal avaliação fosse representativa da concepção estruturalista da linguagem, presente nas baterias clássicas (como *"The Minnesota Test for Differential Diagnosis of Aphasia"*, de Schuell; *"Neurosensory Center Comprehensive Examination for Aphasia"*, de Spreen e Benton; *"Functional Communication Profile"*, de Taylor Sarno; *"Boston Diagnostic Aphasia Test"*, de Goodglass e Kaplan), esse conjunto foi elaborado com base em tarefas comuns à maior parte delas, conforme citação de Coudry (1986, p.11-12):

- ⊕ repetição de "fonemas" ou de palavras monossilábicas, a partir de sons produzidos pelo investigador ou de uma lista impressa, respectivamente
- ⊕ repetição de logatomas
- ⊕ soletração e repetição de palavras
- ⊕ discriminação de palavras pareadas
- ⊕ formação de palavras a partir de fonemas iniciais
- ⊕ denominação de objetos apresentados diretamente ou sob figuras e fotos, oralmente ou por escrito, ou identificação do objeto a partir de seu nome
- ⊕ exercícios de linguagem automatizada
- ⊕ verificação de fluência verbal por meio de listagem
- ⊕ definição de palavras indicadas pelo investigador
- ⊕ completar frases
- ⊕ formação de frases simples, a partir de palavras indicadas pelo investigador
- ⊕ descrição de uma figura
- ⊕ compreensão de frases simples, semi-complexas e complexas
- ⊕ explicação de provérbios
- ⊕ exercícios sobre a morfologia e a sintaxe da língua
- ⊕ exercícios sobre relações semânticas
- ⊕ repetição de parágrafos lidos pelo examinador
- ⊕ leitura oral e leitura silenciosa
- ⊕ fala espontânea
- ⊕ cópias e ditados de palavras e frases
- ⊕ escrita espontânea

Paralelamente, de acordo com a concepção de afasia citada (p. 17), os sujeitos foram submetidos a uma avaliação contextualizada, por meio da qual buscamos, senão neutralizar, ao menos minimizar a artificialidade da interação clínica. Visando satisfazer esse preceito, incorporado a partir das re-

flexões originadas da pragmática e da análise do discurso, foram propostos diversos recursos — agenda, álbum de retratos, caderno de atividades, interação familiar — extensamente debatidos por Coudry (1986), para orientar a estratégia de uma avaliação discursiva.

Parece-nos relevante destacar que, atender aos pressupostos teóricos mencionados significa atribuir a essas atividades matizes individuais, restringindo-as ou ampliando-as, conforme as características sócio-culturais dos indivíduos afásicos.

Esse procedimento contextualizado somente pode ser viabilizado desde que se constitua o afásico como **sujeito**, atitude essa a ser explicitada desde as primeiras entrevistas. Assim sendo, uma premissa fundamental é o conhecimento mútuo a ser travado desde o primeiro contacto entre sujeito e examinador, quando se estabelecem as bases de uma interação discursiva prescindindo da hierarquização de papéis comumente presente em avaliações neuropsicológicas.

Com esse objetivo, buscamos definir conjuntamente quaisquer decisões relativas a sua avaliação e à reconstrução do processo de significação. Contribui para tal, de modo significativo, a opinião do indivíduo afásico e a de sua família, expressa ao longo das diversas situações de interação discursiva, ou ainda, mais formalmente, por meio de uma análise segundo o roteiro apresentado no anexo III.

De fato, para assegurar a integração em distintas situações dialógicas, solicitamos, freqüentemente ou em circunstâncias determinadas, a presença de um membro da família nas entrevistas semanais.

Essa participação, cuja importância encontra-se amplamente debatida, assume contornos particulares no que concerne à avaliação contextualizada. Isso porque, no decorrer dessa observação, o acompanhante orientado pelos investigadores facilita, em momentos de ruptura, a inserção do afásico na instância discursiva graças às informações que compar

tilham, De fato, a figura do acompanhamento enriquece a dinâmica discursiva, até então restrita à tríade constituída pelos examinadores e o sujeito afásico, criando novas condições de interlocução.

Além disso, sua presença pressupõe a continuidade no ambiente familiar das atitudes consideradas mais adequadas, elaboradas e reformuladas freqüentemente ao longo de toda a interação.

As entrevistas em outras circunstâncias que não hospitalares, anteriormente mencionadas, buscavam igualmente corresponder a essas premissas de contextualização da avaliação e da caracterização do afásico como sujeito de seu discurso, complementando a abordagem contextualizada hospitalar.

Assim sendo, por meio desses princípios protocolares, pretendeu-se estender a avaliação do indivíduo afásico além da atividade metalingüística, incorporando a epilingüística, e estudar a sua linguagem nos diversos níveis — fonético, sintático, semântico e pragmático.

RESULTADOS

A análise dos dados obtidos pressupõe uma caracterização dos sujeitos, no que concerne ao estudo neuropsicológico a que foram submetidos (anexo II).

I. N.L.

⊕ LINGUAGEM ORAL

A compreensão oral mostrou-se preservada durante todo o período de observação do sujeito (18 meses), tanto por ocasião dos testes padronizados como da interação dialógica.

No que diz respeito à expressão oral, nos primeiros três meses de evolução, caracterizou-se por ser extremamente restrita apresentando estereótipos que substituíam uns aos outros, como por exemplo "sabugo", "geladeira", "pastéis".

O teste de denominação aplicado a N.L. a intervalos de 15 a 30 dias, para objetos reais e fotos, denotou uma dismnésia verbal de gravidade variável, traduzida pelos índices de respostas corretas que oscilaram entre 0,10 e 0,60, com menor amplitude de variação nos últimos 6 meses de acompanhamento (tabela 2), embora identificasse ao longo de todo o período relação adequada entre objeto e contexto:

(1)

13.10.83

situação: Teste de denominação sob objetos

1 - fósforos: "... *prá acender* ..."

2 - lixo : "... *prá jogar* ..."

3 - bolsa : "... *prá mulher* ..."

(2)

17.05.84

situação: Teste de denominação sob objetos

INV - Como chama? (referindo-se a um bloco de papel para cartas)

N.L. - ...

INV. - Para que serve isso? O que é?

- N.L. - Avião ... (desenho presente na capa do bloco)
- INV - O que é?
- N.L. - Enviar ... levar ... para ir na Itália ... eu escrevo ...
- INV - E isso? ... (envelope)
- N.L. - Para isso ir dentro ...

Tal variabilidade manifestou-se freqüentemente com menor amplitude nos resultados referentes ao "*prompting*" (tabela 2) e à indução, que facilitaram a denominação; isto se verificou especialmente com esta última que, fosse sintagmática, paradigmática ou situacional, revelou-se um recurso capaz de elevar, já em fevereiro de 84, a um índice de 100% de respostas corretas a atuação de N.L. no referido teste.

Quanto ao teste de fluência verbal, indicou grave comprometimento da evocação de palavras.

Com o intuito de avaliar a produção oral de N.L., em condições operacionais, recorreu-se a uma interação dialógica fundamentada em temas de seu interesse. Nesse sentido, os resultados foram obtidos por meio de narrativas e comentários acerca de acontecimentos recentes (registrados em agenda por sua filha) ou antigos (graças a um álbum de família), ou ainda por meio de diálogos registrados no exercício de outras atividades, tais como a visita a sua residência ou mesmo à sede da Sociedade Italiana, de cuja diretoria N.L. participava.

Tornou-se evidente uma dismnesia verbal em menor grau nos episódios discursivos, em relação à indicada pelos testes de denominação, divergência esta mantida em todos os momentos de evolução, como se depreende dos exemplos:

(3)

23.02.84

situação: Teste de denominação sob fotos^a

- | | |
|------------------------|----------------------|
| 1 - <u>ag</u> enda | 6 - <u>ca</u> derno |
| 2 - <u>ál</u> bum | 7 - <u>qu</u> adro |
| 3 - <u>bol</u> sa | 8 - <u>ca</u> deira |
| 4 - <u>rel</u> ógio | 9 - lixo |
| 5 - <u>ven</u> tilador | 10 - <u>ca</u> netas |

(4)

23.02.84

situação: N.L. relata ao investigador uma viagem a Sorocaba, registrada em sua agenda.

"Saí às treze e trinta, cheguei em meia hora e fui procurar o freguês para entregar a bomba injetora.

Aí ele me entregou outra de volta e vim embora. Fui na propriedade dele, dentro da cidade, uma loja."

(5)

03.05.84

situação: Teste de denominação sob objetos.

- | | |
|---------------------|----------------------|
| 1 - <u>ag</u> enda | 6 - <u>ca</u> misas |
| 2 - <u>rel</u> ógio | 7 - <u>ó</u> culos |
| 3 - <u>liv</u> ro | 8 - <u>ci</u> nto |
| 4 - <u>ali</u> ança | 9 - meia |
| 5 - sapato | 10 - <u>ca</u> derno |

^a A(s) sílaba(s) grifada(s) corresponde(m) a um "prompting" dado pelo investigador diante da dificuldade apresentada por N.L.

(6)

03.05.84

situação: Investigadores e sujeito comentam acerca de um casamento.

- INV - O que o senhor comeu no casamento?
N.L. - Sanduíche, presunto, salgadinho, doce.
INV - E bebida?
N.L. - Refrigerante e cerveja.

(7)

24.05.84

situação: Teste de denominação sob fotos.

- | | |
|------------------|---------------------|
| 1 - montanha | 6 - <u>árvore</u> |
| 2 - lago | 7 - <u>folha</u> |
| 3 - flores | 8 - cume |
| 4 - <u>céu</u> | 9 - <u>pinheiro</u> |
| 5 - <u>nuvem</u> | 10 - neve |

(8)

24.05.84

situação: Teste de denominação sob objetos.

- | | |
|--------------------|-------------------|
| 1 - <u>relógio</u> | 6 - cadeira |
| 2 - <u>caneta</u> | 7 - sapato |
| 3 - lápis | 8 - papel |
| 4 - <u>bolsa</u> | 9 - camisa |
| 5 - lixo* | 10 - <u>calça</u> |

(*) Indicou nesse caso somente a finalidade do objeto:

" ... *prã jogar lixo* ... "

(9)

05.04.84

situação: N.L., sua filha e investigadores comentam a intenção do primeiro em retirar o transformador de seu sítio e fechar a cadeado a porteira para impedir o acesso aos funcionários da Eletropaulo.

"Era prá arrumar ontem. Nóis vai acompanhar tudo.

Vou descero (estalido com a mão para solicitar o "prompting") transformador. Vou fazê por minha conta porque o Luciano não quer lâ (gesto para porteira). Ponho transformador e gabinete (gesto sugestivo para cadeado) e a Eletropaulo não entra mais prá medir a força. Daí eu fecho e abro. Tem que mudar tudo."

(10)

12.04.84

situação: N.L. e sua filha comentam o mesmo fato

N.L. - Nóis briga os dois, eu com o Luciano. Ele não quer tirar o transformador. Eu quero. Ele qué deixá como tá.

FILHA - Os homens não têm culpa da Eletropaulo !

N.L. - E a culpa é minha? O resto que se vire. Eu tô com a razão, mandei embora o fio. A Eliana falou com o Luciano? E o que ele falou? Sabe o que a Light falou? Que só meu sítio tem esse fio com o transformador.

De fato, mesmo a indução pelo investigador em situações de teste facilitou a evocação de nomes tão apenas quando se atingiu a inserção do sujeito em seu contexto sócio-cultural:

(11)

07.06.84

situação: Teste de denominação sob fotos (batedeira)

INV - E isso?

N.L. - Não lembro ... é prá cozinhar ... não é bem ...

INV - O que é pinga com limão ?

N.L. - Não sei ...

INV - O que o Carlito (filho) faz com o Alessandro
(neto) quando ele sobe na torre de TV ?

N.L. - Não sei ...

INV - O que o senhor faz antes de entrar?

N.L. - Não sei ...

INV - O que aconteceu com seu carro? Conte como foi...

N.L. - Eu ia andando ...

INV - E o outro parou ...

N.L. - E quase bateu ! ...

INV - E a bebida, como chama?

N.L. - ...

INV - Ba...

N.L. - Batida!

INV - E isso?

N.L. - ...

INV - Bate...

N.L. - Batedeira...

(12)

04.10.84

situação: Teste de estereognosia (mão direita), referente ao
Único objeto nomeado pelo sujeito nessa ocasião

"Chave ... eu perdi um molho de chaves!... Dez
chaves!..."

(13)

13.09.84

situação: Teste de denominação sob objetos, utilizando documentos da oficina de N.L., no caso uma fatura.

INV - O que é isso?

N.L. - Não sei ...

INV - Que faz com ele? O senhor conhece?

N.L. - Ô ! ...

INV - É quando alguém faz uma compra?

N.L. - É ... é isso ! Quando compra e fatura a nota ...

INV - Ah! É uma fatura ?

N.L. - É ! Fatura a nota ! ...

(14)

22.12.83

situação: Teste de denominação sob objetos, empregando elementos de indução.

INV - O senhor está sentado aonde?

N.L. - Cadeira ... Se voce tivesse perguntado o nome eu não sabia, mas assim lembro ... Se pergunta o que é isso? ... não sai ...

INV - O que é isso? *

N.L. - Não sei ...

INV - Isso que o carro faz, o ônibus faz, o avião faz, fica no nosso ouvido o tempo todo ...

N.L. - Barulho !

(*) referindo-se ao ruído do trânsito que, muito intenso, interrompe o diálogo.

Ainda no que se refere à atividade discursiva, constatou-se que, ao longo do acompanhamento, **N.L.** apresentava a narrativa espontânea pontuada por alguma fluência e autonomia enunciativa, enquanto os diálogos mostravam pontos críti

cos, como respostas em eco (exemplos 15 e 16) e elementos de contaminação (exemplos 15, 16, 17 e 18):

(15)

situação: Investigadores e N.L. comentam fotos da família.

INV - Quem é essa pessoa? Sua neta?

N.L. - É ... sua neta !

INV - Minha neta!?

N.L. - Não ... eu ... minha ... minha neta !

(16)

12.07.84

situação: A mesma do exemplo anterior, com a participação de sua filha

N.L. - Essa aqui é minha cunhada ... Esse aí é meu cunhado.

FILHA- O que tia Zenilda é do senhor ?

N.L. - É minha ... minha ... irmã de minha mulher.

INV - Sua cunhada, não é?

N.L. - Sua cunhada.

INV - Minha?

N.L. - Não. Minha cunhada.

(17)

28.06.84

situação: Investigadores e sujeito comentam suas dificuldades lingüísticas.

INV - A maioria das coisas o senhor consegue falar?

N.L. - Consegue, consegue, consigo.

(18)

16.02.84

situação: Investigador e N.L. comentam álbum de retratos da família.

INV - É sua sobrinha?

N.L. - Sim, sua sobrinha.

INV - Minha sobrinha?

N.L. - Não, minha!

Cumpramos ressaltar que a evolução do discurso do sujeito N.L. caracterizou-se por uma melhora progressiva na evocação de nomes, em condições operacionais. O mesmo não se verificou, entretanto, com respeito aos resultados dos testes, que, após 18 meses de evolução, não apresentavam alterações significativas quando na ausência de "prompting" (tabela 2).

Paralelamente, a compreensão oral em italiano não demonstrou ter sido afetada, enquanto a expressão oral apresentou-se reduzida, embora a sua condição anterior ao distúrbio afásico não pudesse ser adequadamente descrita.

♦ LINGUAGEM ESCRITA

Ao escrever, N.L. ocupou toda a extensão da folha, apresentando porém uma produção espontânea restrita a seu nome e ao de seus filhos, com a expressão numérica limitando-se a datas.

A escrita sob ditado ou cópia, em português ou em italiano, também indicou graves dificuldades, mais acentuadas no que concerne à linguagem materna.

N.L. demonstrou igualmente um acometimento na leitura, silenciosa ou em voz alta, de palavras isoladas, ainda que pertencentes ao seu vocabulário cotidiano em português, como os nomes de seus filhos e netos, ou ainda, o nome da cidade em que vive.

Nas mesmas circunstâncias, a leitura em italiano não foi possível e mesmo em termos contextuais (como por ocasião da leitura de cartões natalinos enviados pela família residente na Itália) limitou-se a algumas expressões correntes como "*Buon Natale*", "*Felice Anno Nuovo*".

‡ CÁLCULO

Existia uma acalculia mental e escrita quase global, imediatamente após a intervenção cirúrgica.

No decorrer da evolução, verificou-se uma melhora discreta favorecendo unicamente adição e subtração com dezenas.

Em algumas ocasiões, a leitura de números esteve afetada, sendo possível unicamente por meio de recursos como "*prompting*", mímica ou indução paradigmática.

A avaliação operacional, por meio de cálculos envolvendo a manipulação de dinheiro em notas e moedas, mostrou uma atuação adequada.

‡ PRAXIAS

A execução de gestos simbólicos ou de gestos arbitrários dos dedos não apresentou alterações, assim como a de gestos transitivos ou intransitivos.

A praxia do desenho foi compatível com a escolaridade do sujeito. Notou-se, a princípio, seja no desenho espontâneo ou com modelo, algumas características tais como uma tendência a refazer os traços, não observadas no entanto após os seis primeiros meses.

Durante o seguimento não apresentou apraxia de construção.

Não foram igualmente constatadas apraxias a nível das atividades cotidianas, por exemplo, ao alimentar-se ou vestir-se.

Quanto aos testes de programação, a organização das atividades manteve-se correta, ressaltando porém uma narrativa pouco fluente, prejudicada pela anomia que se estendeu aos processos envolvidos.

⊕ GNOSIAS

A identificação dos segmentos corpóreos sob comando, assim como a discriminação direita / esquerda, ausentes inicialmente devido a uma anomia dos segmentos corpóreos, foram totalmente recuperadas.

Não manifestou agnosia digital e os testes de dermolexia e sentido espaço-táctil mostraram-se inexequíveis, por não serem adequadamente compreendidos pelo sujeito.

Os testes de estereognosia, prejudicados pela anomia, variaram com essa última.

Por outro lado, identificou em um mapa da Europa diversas cidades italianas, inclusive sua cidade natal (Treviso) e nomeou outros países que teve oportunidade de conhecer, localizando-os corretamente. Manipulando mapas de Itu e Campinas, apontou, em cada um deles pontos de referência, como sua casa e o hospital respectivamente, além de traçar os trajetos por ele utilizados para dirigir nessas cidades.

Ainda no âmbito das gnosias visuais, embora tenha havido no início da evolução grande dificuldade para a nomeação de cores e a evocação de nomes próprios, esta refletia tão apenas mais uma repercussão da anomia presente e não verdadeiramente uma agnosia de cores e uma prosopagnosia. De fato, posteriormente, os dados referentes a tais testes progrediram favoravelmente, em função da recuperação global da denominação (tabela 3).

Com o objetivo de avaliar o déficit relativo a nomes próprios em condições operacionais, solicitou-se a N.L. nomear em fotos seus funcionários (arquivo da empresa) e seus

familiares (álbum de retratos), havendo em tais circunstâncias um desempenho melhor, se comparado ao dos testes padronizados, baseados na evocação de nomes de pessoas em evidência.

Buscamos ainda novamente comparar situações de teste-padrão e de produção discursiva espontânea. Constatou-se a mesma desigualdade comentada anteriormente, conforme se depreende dos exemplos, em que se contrapõe a dois testes, cujo escore foi nulo, um diálogo registrado aproximadamente três meses antes, no qual N.L. cita políticos relevantes naquele momento:

(19)

26.07.84

situação: Teste de denominação de nomes próprios sob fotos.

- | | |
|-------------------------|----------------------|
| 1 - <u>Montoro</u> | 6 - <u>Sócrates</u> |
| 2 - <u>Quêrcia</u> | 7 - <u>Serginho</u> |
| 3 - <u>Maluf</u> | 8 - <u>Aureliano</u> |
| 4 - Luiz <u>Gonzaga</u> | |

(20)

16.08.84

situação: Teste de denominação de nomes próprios sob fotos.

- | | |
|---------------------------|--------------------------|
| 1 - <u>Roberto Carlos</u> | 6 - <u>Sarney</u> |
| 2 - <u>Chico Buarque</u> | 7 - <u>Silvio Santos</u> |
| 3 - <u>Alcione</u> | 8 - <u>Aureliano</u> |
| 4 - <u>Maluf</u> | 9 - <u>Figueiredo</u> |
| 5 - <u>Andreazza</u> | 10 - <u>Geisel</u> |

(21)

26.04.84

situação: investigador, N.L. e sua filha conversam sobre as eleições.

INV - O que o senhor achou?

N.L. - Mais quatro anos ! Quem vai ser ... !?

Deveria ser o Aureliano.

INV - O senhor acha que ele seria bom presidente?

N.L. - Foi para os Estados Unidos, prá cá, prá lá ...

É bom !

INV - Se saísse eleições diretas em quem o senhor votaria?

N.L. - Num sei. Brizola ... Mais não é fácil. Devia ser mineiro ... (referência a Tancredo Neves).

O sujeito **N.L.** apresentou como traço característico uma dismnesia verbal parcialmente preenchida por elementos de estereotipia e com repercussões em processos gnósicos — visuais e tácteis. Em qualquer desses aspectos a contextualização da atividade lingüística acarretou melhora significativa.

TABELA 2- EVOLUÇÃO DOS TESTES DE DENOMINAÇÃO, SOB OBJETOS E FOTOS, APLICADOS AO SUJEITO N.L., NO DECORRER DE 18 MESES

PERÍODO	ÍNDICE DE RESPOSTAS CORRETAS			
	SEM "PROMPTING"		COM "PROMPTING"	
	OBJETOS	FOTOS	OBJETOS	FOTOS
SET/83 A NOV/83	0	0	0	0
DEZ/83	.50	.30	.60	.50
FEV/84	.10	.10	.70	1.00
MAR/84	.10	-	.90	1.00
MAI/84	.50	.40	.90	1.00
JUN/84	.50	.30	.90	.80
AGO/84	.50	.40	.70	.80
SET/84	.40	.60	.90	.80
OUT/84	.50	.40	.90	1.00
NOV/84	.60	.30	1.00	1.00
DEZ/84	.30	.20	.70	1.00
JUN/85	.50	.70	1.00	1.00

TABELA 3- EVOLUÇÃO DOS TESTES DE AGNOSIA VISUAL (CORES), SOB OBJETOS E SEM REFERÊNCIAS CONCRETAS, APLICADOS AO SUJEITO N.L., NO DECORRER DE 18 MESES

PERÍODO	ÍNDICE DE RESPOSTAS CORRETAS			
	SEM "PROMPTING"		COM "PROMPTING"	
	OBJETOS	S/OBJETOS	OBJETOS	S/OBJETOS
SET/83	0	0	0	0
MAI/84	.40	.60	.70	.80
DEZ/84	1.00	.80	-	1.00
JUN/85	1.00	.90	-	1.00

II. O.P.L

◆ LINGUAGEM ORAL

A interação discursiva e os testes padronizados não indicaram nenhum déficit no que concerne à compreensão oral, durante todo o período de evolução (53 meses).

O teste de denominação para objetos reais e fotos evidenciou uma dismnesia verbal em grau variável, com índices entre 0,50 e 1,00 (tabela 4), e uma maior estabilidade tão somente nos últimos 24 meses, preservando-se entretanto uma identificação adequada de sua finalidade ao longo de toda a observação, como nos exemplos 1 e 3.

(1)

28.06.84

situação: Teste de denominação sob objetos (chaves)

INV - E isso como chama?

OPL - ...

INV - Prã que serve?

OPL - Fecha ... fecha ... versadura ... versadura ...

INV - Fechadura?

OPL - Versadura ...

Analogamente ao que se verificou com N.L., em situações de "prompting" (conforme se depreende da tabela 4) e indução, os resultados dos testes de denominação mostraram-se mais regulares.

A expressão oral apresentou-se frequentemente interrompida pela dificuldade em nomear processos, pessoas e objetos, suscitando expressões "passe - partout", "Meu Deus, e agora?" "Não sei ...", "Como é que chama?" e tentativas sucessivas de substituição fonêmica, com parafasias verbais, morfológicas (exemplos 2 a 6; 14 a 19) e semânticas (exemplos 7 a 13; 15 e 17). Cumpre salientar que essas ocorrências estiveram

presentes tanto em atividades metalinguísticas (exemplos 2 a 12), como no decorrer da interação discursiva (exemplos 13 a 19), havendo posteriormente uma redução progressiva na utilização desses recursos.

Verificou-se ainda estar acometida a evocação de palavras, por meio do teste de fluência verbal:

(2)

05.01.84

situação: Teste de denominação sob objetos.^b

- | | |
|-------------|--|
| 1 - chave | OPL - Feche ... <u>ch</u> ave |
| 2 - fósforo | OPL - Fósforo ... <u>f</u> ós <u>f</u> oro |
| 3 - relógio | OPL - Rejóia ... <u>re</u> lógio |

(3)

05.01.84

situação: Teste de denominação sob fotos.

- | | |
|-----------------|--|
| 1 - travesseiro | OPL - Trassevira ... trafezera ... <u>tr</u> avesseiro |
| 2 - fronha | OPL - Frona ... fronta ... <u>fr</u> onha |
| 3 - ventilador | OPL - Prá fazer vento ... ventivedor ...
ventiventor ... <u>ve</u> ntilador ...
ventilador ... ventilador ... ventilador |

(4)

23.02.84

situação: Teste de denominação sob fotos.

- | | |
|-------------|--|
| 1 - barraca | OPL - Abarraca ... abacarra ... <u>ba</u> rraca |
| 2 - lagoa | OPL - Galoa ... galoa ... galoa ...
garroa ... garroa ... garroa ...
<u>la</u> goa |

^b A(s) sílaba(s) grifada(s) corresponde(m) ao "prompting".

(8)

28.06.84

situação: Teste de denominação sob objetos.

1 - cheque OPL - Dinheiro ... não, cheque!

(9)

27.09.84 e 14.03.85

situação: Teste de denominação sob objetos.

1 - cadeira OPL - Poltrona ... cadeira

(10)

25.10.84

situação: Teste de denominação sob fotos (máquina de escrever)

INV - E isso ?

OPL - Remington ...

INV - Má ...

OPL - Máquina de essever ... essever ... estrever...
estrever ... estrever ...

INV - Escrever ...

OPL - Escrever ...

(11)

25.10.84

situação: Teste de denominação sob objetos.

1 - mesa OPL - Móveis ... mesa ...

2 - ventilador OPL - Arno ... ventilador ... ventilador
ventilador ... ventilador ...
ventilador!...

(12)

12.09.85

situação: Teste de denominação sob fotos.

1 - balde OPL - Cesto ... bacia, não ... balde!...

(13)

12.04.84

situação: Investigador e O.P.L. comentam fotos da Venezuela.

OPL - Onde fica isso ?

INV - Na Venezuela.

OPL - E isso ?

INV - É um museu, em Caracas.

OPL - Eu sei aonde fica. Isso fica em Caracas?
Aqui é o Peru?

INV - Não é Mérida, também na Venezuela.

OPL - Mérida ... e o que é isso? Um bondinho?

INV - É, vai ao alto da montanha. E o que é isso?

OPL - Gelo ... venelas ... venelas ... não! ...

INV - Ne ...

OPL - Neve !

INV - Olhe essa foto...

OPL - E o que é isso? Um hotel ?

INV - É, é uma praia no Caribe, chama-se Cata ...

OPL - Cata ... coquirros ... não, coqueiros ...
mar ... areia ... pedras ...

(14)

26.09.85

situação: Investigador e sujeito comentam sua consulta ao dermatologista, por ele registrada na agenda.

INV - O senhor foi ao médico?

OPL - Pele ... comigo ...

INV - Fazer o quê ?

OPL - Constutar ... consucar ... constudar ...

INV - Con ...

OPL - Consultar !...

(15)

10.10.85

situação: Investigador e D.P.L. comentam uma greve no setor bancário.

INV - Bom dia !

OPL - Bom dia !

INV - Hoje tem muito problema ...

OPL - Greve ... banqueiro ...

INV - Não, não são os banqueiros ...

OPL - Funcionários do banco ... bancaras ... banque-
ras ... (busca o termo entre as manchetes do
jornal por ele trazido) ... bancários !

INV - O senhor foi ao banco?

OPL - Ontem ...

INV - E estava fechado? ...

OPL - É ... eu sei ...

(16)

10.10.85

situação: Investigador e D.P.L. comentam sua viagem a São Paulo

- OPL - Fomos lá ... eu, a Ordália e o Olavo ...
INV - Lá onde ?
OPL - São Paulo ...
INV - Aonde em São Paulo?
OPL - Preto ... perto ... perto ... do metrô ...
metrô ... aeroporto ...

(17)

15.04.86

situação: Investigador e sujeito comentam notícias da Seleção.

- INV - E a seleção?
OPL - O negócio não tá bom não ... Tá meio ... como é que chama ? ... Como é que chama? ...
INV - Por que não tá bom? Não tá jogando bem?
OPL - Tá, mas sabe o que é? ... Zico ...
INV - O que aconteceu com ele ?
OPL - Aqui no tornozelo (aponta o joelho) ...
INV - Não, não é o tornozelo ... jo ...
OPL - Joguelho ... joguelho ... joguelho ... joelho...
joelho ... joelho ...
INV - O que aconteceu com o joelho dele?
OPL - Massagem
INV - Por que precisa massagem?
OPL - ...
INV - Ma...
OPL - ...
INV - Mach...

OPL - Tá machucado ...

(18)

12.03.87

situação: Investigador e O.P.L. comentam sua viagem a São Paulo, anotada em sua agenda.

OPL - Eu não fui lá, como é que chama ? ... Orques-
tra ... eu fui em São Paulo ...

INV - O que o senhor foi fazer?

OPL - Passear ...

INV - Onde?

OPL - O Teatro tá ... como é que chama meu Deus ?...
Teatro fechado ...

INV - Por quê?

OPL - Reforma, né? Eu fui também na Igreja ...

INV - Que Igreja? ...

OPL - Da Sê ... Canderada ... Canderadas ...

INV - Candela ...

OPL - Candelada ...

INV - Candelária ...

OPL - Candelária!

(19)

14.01.88

situação: Investigador e O.P.L. comentam acerca das viagens de seu cunhado.

OPL - ... O outro é ... como é que chama? ... Ah! meu
Deus, como é que chama? ... São os dois, são os
dois ...

INV - Ah! Ele não viaja sozinho?

OPL - Não ...

INV - Com quem ele viaja?

OPL - É os dois ... não sei, é uma senhora, é um homem, homem ... como é que chama, meu Deus ... agora não sei ... péra aí, o outro como é que é ... como é que chama, meu Deus? ... Jorge ... Jorge ... Jorge é outro, é ... como é que chama ... é ... revidor! ... não, como é que chama?... revidor não ...

INV - Ven...

OPL - Vendedor! ... É, vendedor! ...

A observação contextual de O.P.L. baseou-se em aspectos de sua vida cotidiana, sendo desse modo comentados programas de televisão, passeios e visitas a familiares de outras cidades, atividades essas acompanhadas por meio da agenda, da qual se ocupava o próprio sujeito.

Por outro lado, seu interesse pela geografia internacional sugeriu esse tema como ponto de interação, o mesmo ocorrendo a seguir com palavras cruzadas e música lírica.

A avaliação nessas circunstâncias revelou uma anomia menos grave em relação à constatada por meio de testes padronizados (exemplos 20, 21, 22), mantendo-se entretanto o estilo telegráfico observado ao longo dos testes (exemplos 21 a 26), assim como os elementos de contaminação, igualmente notados naquelas condições (exemplos 27, 28, 29).

Parece-nos relevante ressaltar a evolução progressiva de O.P.L., não apenas quanto à dismnesia mas também no que diz respeito à fluência verbal, constatada em situações discursivas (exemplos 21, 30, 31, 32).

(20)

26.09.85

situação: Teste de denominação sob objetos.

- | | |
|----------------------|----------------------|
| 1 - <u>p</u> ulseira | 6 - <u>b</u> orracha |
| 2 - l <u>á</u> pis | 7 - <u>ch</u> aves |
| 3 - <u>car</u> teira | 8 - livro |
| 4 - <u>can</u> eta | 9 - relógio |
| 5 - dinheiro | 10 - bolsa |

(21)

26.09.85

situação: Investigador e sujeito comentam anotações de sua agenda.

- INV - Terça-feira o senhor foi passear ?
- OPL - Igreja ... banco ... loja ...
- INV - Em que Igreja o senhor foi?
- OPL - Na Catedral ... Catedral ...
- INV - Fazer o quê ?
- OPL - Velinhas ... dois velinhas ...
- INV - O que o senhor fez com a velinhas?
- OPL - ...
- INV - O senhor foi à Igreja, pegou o dinheiro e pôs aonde?
- OPL - No cofre ...
- INV - Pegou a vela ?
- OPL - É ... altar ...
- INV - E acende a vela?
- OPL - É ... fui embora ...

(22)

26.09.85

situação: Investigador e O.P.L. comentam sua visita a uma exposição de animais.

INV - E a Ordália, o que ela mais gostou ?

OPL - Gato ...

INV - Qual deles ?

OPL - Esse aqui (aponta um nome escrito por ele, sob cópia, em sua agenda) ... gato sargrardo da Birmânia ...

INV - Quais os outros animais?

OPL - Pavão, coelho, peixe, cavalo, pássaro ...

INV - E desses outros animais, qual o senhor mais gosta?

OPL - Coelho ... pássaro também ...

INV - E qual o cachorro que o senhor mais gostou?

OPL - São Bernardo ... ele é assim ... (gesticula para indicar a altura do cachorro).

(23)

26.09.85

situação: Investigador e O.P.L. comentam anotações de sua agenda.

INV - O senhor foi ao banco?

OPL - Fui ... eu fui no banco, depois caixa... cheque ...

INV - Fazer o quê ?

OPL - Eu ... fui ... no banco ... com cheque ...na... dinheiro ... não dá ...

INV - O senhor tem que me explicar ... O que fez com o cheque no banco? ... Foi buscar cheque? ...

OPL - Não ...

- INV - Descontar o cheque?
- OPL - É ...
- INV - Na terça-feira, foi no cemitério? Levaram flores?
- OPL - É ... vela ... o outro é flor ...
- INV - Que flor?
- OPL - Não sei ...
- INV - Que cor?
- OPL - Amarela ... amarela ... esse aqui (aponta um calendário amarelo sobre a mesa) ... tá certo?

(24)

17.04.86

situação: Investigador e O.P.L. comentam notícia de jornal, por ele lida, acerca do conflito entre Líbia e Estados Unidos.

- INV - O que aconteceu?
- OPL - Líbia ... Líbia não ...
- INV - O que aconteceu com a Líbia?
- OPL - O negócio não tá bom ...
- INV - O que aconteceu?
- OPL - Estados Unidos ... o presidente ... como é que chama? Regos ... Rugas ...
- INV - Reagan ...
- OPL - Reagan...Reagan ...
- INV - O que ele fez, o que ele mandou fazer?
- OPL - Bombas...
- INV - O que ele mandou fazer com as bombas?
- OPL - ...
- INV - O que a seleção vai fazer hoje?

OPL - Jogar ...
INV - E o que ele mandou fazer com as bombas ?
OPL - Jogar !
INV - Onde ?
OPL - Aqui ! ... (aponta na manchete do jornal)
Libras ... Libros ...
INV - Li ...
OPL - Libra ...
INV - Líbia ...
OPL - Líbia ...

(25)

15.01.87

situação: Investigador e O.P.L. comentam um incêndio em um supermercado, a partir do interesse demonstrado pelo sujeito que aponta uma manchete de jornal referente ao assunto.

INV - Viu o incêndio ?
OPL - Ví ... na televisão, né?
INV - O que o senhor achou do incêndio?
OPL - Foi ... como é que chama? ... como é que chama?
... Ah! meu Deus! ... cuirto...
INV - Curto ...
OPL - Curto ... curto ... curto ...
INV - Curto-cir...
OPL - Curtos ... curto-circuito ...
INV - E morreu alguém? ...
OPL - Três ... morreram ...

(26)

17.03.88

situação: Investigador e sujeito comentam anotações de sua agenda.

- INV - O que o pintor foi fazer na sua casa?
- OPL - Casas ... pintar casas ... taco também ...
- INV - O que fizeram?
- OPL - Como é que chama? ... meu Deus ... agora não sei ... máquinas ... máquinas ...
- INV - Passaram a máquina no taco?
- OPL - É ...
- INV - E como fica, o que faz?
- OPL - Poeira ...
- INV - Depois que passa a máquina, como o taco fica?
- OPL - Branco, não, como é que chama? ... é ... como chama? ... marrom, né? ... será?...
- INV - O taco fica?...
- OPL - ...
- INV - Bri...
- OPL - Briando ... briando ... briando ... tá certo? ... não, acho que não tá não ...
- INV - Brilhando ...
- OPL - Brilhando!

(27)

28.06.84

situação: Teste de denominação sob objetos.

- 1 - dinheiro (nota) OPL - Dinheiro ! ...
- 2 - cigarro OPL - Dinheiro ... dinheiro, não ...
 cigarro ...
- 3 - isqueiro OPL - Cigarro ... não, como é que chama?
 ... Meu Deus do céu!... isqueiro!...

... Isqueiro! ...

(28)

27.09.84

situação: Teste de denominação sob objetos.

1 - carteira OPL - Caderno ... cadeira ... carteiras

2 - caneta OPL - Carteira ... caneta ...

(29)

26.04.84

situação: Investigador e sujeito comentam fotos de capitais latino-americanas

INV - O senhor já viu essas fotos? São da capital da Argentina ... Qual é a capital da Argentina?

OPL - Bu ... eno ... Ar

INV - Buenos Aires ...

OPL - Bueno ... Aires ...

INV - E do Uruguai?

OPL - Mon ... Bueno Ar ...

INV - Montevidêu ...

OPL - Não vai ...

(30)

05.03.87

situação: Investigador e O.P.L. comentam anotações em sua agenda acerca do Carnaval.

INV - Brincou o Carnaval?

OPL - Eu não, eu não gosto mais ... muito crime, violência ... E você ?... Brincou? ...

INV - Não ...

OPL - Por quê? ... Não gosta? ...

INV - Não, acho muita violência também ... eu fui prá

- uma fazenda ...
- OPL - Melhor né? ... Onde é? ...
- INV - Em Bebedouro ... O senhor conhece?
- OPL - Não ...
- INV - Mas já ouviu falar ...
- OPL - Já, é lá pro lado de Bauru, Pederneiras, prá cá um pouco ...
- INV - O que o senhor acha que tem lá?
- OPL - Boi, cavalo, leite ...
- INV - Qual a Escola que o senhor achou mais bonita? (na televisão)
- OPL - Beija-Flor ...
- INV - O Júnior (sobrinho) foi a Salvador?
- OPL - É, ele foi passear ... Amanhã eu vou no Posto, não ... Centro de Saúde, tá certo? ... Tá na hora de fazer a ... como é que chama, consulta! ... Acho que é consulta ...

(31)

26.03.87

situação: Investigador e sujeito comentam anotações em sua agenda a respeito de um espetáculo por ele assistido.

- INV - Ah! O senhor foi ao show?
- OPL - Fui ...
- INV - Foi sozinho?
- OPL - Fui ...
- INV - Gostou?
- OPL - Gostei, tava bom ...
- INV - Tinha muita gente?
- OPL - Tinha ... um pouco né? ...
- INV - O senhor comprou ingresso antes?

- OPL - Tinha ... lá no teatro ... Muito barulho, nossa não dá ... Como chama aquilo mesmo? ...
Muito barulho ...
- INV - O senhor conhecia os instrumentos?
- OPL - É ... violão ... pandeiro... o outro é flauta ...
o outro não sei ...
- INV - Eles cantam alguma coisa que o senhor conhecia?
- OPL - "Quantalamera" ...
- INV - Não, é "Guantanamera" ...
- OPL - Outra música é argentina ... é do Perón ...
não acho que não ...
- INV - É ... "Don't cry for me Argentina"?
- OPL - É! ... É essa ... bacana né? ...

(32)

02.04.87

situação: Investigador e O.P.L. comentam anotações em sua agenda.

- INV - Ah! O senhor foi ao cinema?
- OPL - É ...
- INV - Que filme o senhor assistiu?
- OPL - Silêncio ... não ... como é que chama, meu Deus? ... Filhos ... Filhos da silêncio ... tá certo? Filhos da silêncio ... Filhos do silêncio ...
- INV - Por que chama assim o filme?
- OPL - O homem é ... como é que chama? ... professor ... e ela ... como é que chama? ... professor ... e a outra menina ... a outra é mímica ... mímica não ...
- INV - Ela conversa por mímica?
- OPL - É ...
- INV - Por que?

- OPL - Como é que chama? ... não sei ... Ah! meu Deus!
... (Lê um resumo do filme em um recorte de journal
por ele colado na agenda) ...
Surdo e mímica ...
- INV - Ela é surda-mu ...
- OPL - Mudo ... surdo-mudo ... coitada! ... Bonita,
né? ...
- INV - O senhor sabia que ela é surdo-muda de verdade?
- OPL - É ... eu vi ... no Jornal Nacional ...
- INV - O que?
- OPL - Oscar ... Oscar ...
- INV - O que é o Oscar? ...
- OPL - ...
- INV - É um prêmio ... e ela ganhou?
- OPL - Eu não sei ... acho que não ... eu não vi...

◆ **LINGUAGEM ESCRITA**

O.P.L. escreveu ocupando toda a extensão da folha, porém inicialmente essa produção restringia-se ao seu próprio nome, ao de pessoas da sua família e ao dos examinadores e, com exceção do primeiro, ocorriam freqüentemente paragrafias, tentativas sucessivas e elementos de contaminação (exemplos 33, 34, 35, 36, 37 e 38). Registrou-se posteriormente uma expansão dessa habilidade, persistindo os elementos acima citados, embora com menor freqüência (exemplos 39 e 40).

(33)

15.12.83

situação: Escrita sob ditado de nomes dos irmãos.

- | | |
|-------------|----------------|
| 1 - Ordália | <i>Orlidas</i> |
| 2 - Ofélia | <i>Ofelia</i> |
| 3 - Otávio | <i>Otalia</i> |
| 4 - Olavo | <i>Ovalia</i> |

(34)

24.05.84

situação: Escrita espontânea, após desenhar por sua própria iniciativa a bandeira do Brasil.

BRALISA^c

BRALISO

BRASILA

BRASILIA

BRASIL

(35)

27.09.84

situação: Escrita de memória do nome das irmãs, solicitada pelo investigador.

1 - Ordália *Orid*
 Orde
 Ordalia

2 - Olga *Ogla*
 Ogal
 Og
 Olga

(36)

14.03.85

situação: Escrita do nome de um dos investigadores, por ele solicitada

Raneto

Ren

Ron

Renita

Renato

Renata

^c As tentativas anteriores são encobertas, com o intuito de restringir a contaminação.

(37)

03.10.85

situação: Escrita espontânea, durante a narrativa de um filme (tentativas sucessivas de escrever a palavra "assassino")

ASSESSA

ASSASSA

ASSASSE

ASSASSERI

ASSASSE

(38)

07.11.85

situação: Investigador e D.P.L. comentam sua visita ao cemitério em Finados e, diante da sua dificuldade em nomeá-lo, o investigador sugere que escreva o nome.

INV - O senhor foi ao cemitério em Finados?

OPL - Domingo, eu fui...

INV - Em qual cemitério?

OPL - França ... não ... como é que chama?

INV - Fl...

OPL - Flam ...

INV - Flam...

OPL - Flanvasão ... Flanvasão ... Flanvasão ...

INV - Flamb,...

OPL - Flambovão ... Flambovan...

INV - Flamboyant ... O senhor copiou na agenda ...

OPL - Jornal ...

FLAMBOY

FLAMBOYAL

FLAMBOYAD

FLAMBOYANT

(39)

17.10.85

situação: Investigador e O.P.L. comentam manchete de jornal "O Presidente da França foi visitar a sepultura de Tancredo Neves" — e, posteriormente, solicitou-se ao sujeito que escrevesse a frase.

INV - Onde o Presidente da França foi?

OPL - Brasília ...

INV - Onde mais?

OPL - Reis ... Resende ... Reis...

INV - São João Del Rey ... Fazer o quê?

OPL - Can ... Tancredo Neves ...

INV - O que tem o Tancredo Neves?

OPL - Presidente ...

INV - E o que ele foi fazer?

OPL - ...

INV - O Tancredo está vivo?

OPL - Não, está morto ...

INV - E onde ele está? ...

OPL - ...

INV - S...

OPL - Sepultura ...

INV - T...

OPL - Túmulo ...

INV - Foi visitar o túmulo? ...

OPL - É ...

Escrita espontânea

O PRESENTES DA FRANÇA FOI TANSE TANSE VISITES
SUEI SU SETUL SETU SETU SEPUTA SEPUTUS SEPUTUO
SEPULTUL

O PRENSE O PREN O PRESE O PRESIN O PRESIN O
PRESIT O PRESIDENTE DA* FRANÇAS DAS FOI VISITAS
SE** O SENTE SEPUN SEPON SEPULU SEPULTUS SEPULTO
A** SEPULTURA TANSE TAN DE TANSE TANCE TANCRES
TANCREDO* NEVES
O PRESIDENTE DA FRANÇA FOI VISITAS SE

Sob_Cópia

O PRESIDENTE DA FRANÇA FOI VISITAR A SEPULTURA
DE TRANCREDO NEVES

* sob cópia
**"prompting"

(40)

17.10.85

situação: Investigador e O.P.L. comentam manchete de jornal:
"Gasolina, álcool, gás e diesel aumentaram de preço" — e, posteriormente, solicitou-se ao sujeito que escrevesse a frase.

- OPL - Gasolina, álcool ... litros ... aumento ...
aumento ...
- INV - Eu não tou entendendo ...
- OPL - Álcool ... gasolina ... aumento ...
- INV - O que aumentou, o estoque?
- OPL - É, acho que é ...
- INV - Não, o que aumentou?
- OPL - O preço ... o preço, tá certo?

GASOLAL, AO
ALCOOLAL
GASOLINA
ALCOOL

GASOLINA, ALCOOL, DEOL GÁS, DIS DIESEL,
ALUMOSE,
ALMOSE AUMELA
ALMENOT
ALMENTARAM A FA DESE
DESE, DE, PRESO PRECO, PREÇOS
GASOLAS, ALCOOL, GÁS, DIESEL,
ALMENTARAM* DE PREÇOS.

* sob cópia

Particularmente, quanto à escrita como cópia, manual ou à máquina (esta última proposta devido a sua ocupação anterior em uma Secretaria) apresentou-se progressivamente mais adequada, tanto de palavras e orações isoladas propostas pelo examinador, como a desenvolvida em seu caderno de atividades a partir de notícias da imprensa.

Observou-se uma evolução nesse sentido, constituindo essa escrita uma das atividades nas quais se baseou uma tentativa de readaptação do sujeito ao trabalho.

A análise da produção espontânea sempre esteve dificultada pela recusa de O.P.L. em escrever sem nenhuma orientação, ainda que fosse em condições operacionais, como na ocasião de preparar um cartão postal a ser enviado a um dos examinadores em viagem.

No entanto, ao longo do acompanhamento, passou a anotar em sua agenda fatos ocorridos, mantendo-se contudo o estilo telegráfico acima comentado quanto a sua expressão oral.

A leitura de letras isoladas mostrava-se a princípio vinculada a sílabas, em função de condicionamentos estabelecidos pelo Serviço anteriormente frequentado pelo sujeito, como se verifica no exemplo abaixo:

(41)

24.05.84

situação: Teste de leitura oral de letras isoladas.

2 - M	"MÃ"
3 - S	"SÃ"
4 - T	"TÃ"
5 - V	"VÃ"

De modo geral, O.P.L. apresentou muito menor dificuldade na leitura (silenciosa ou oral) de palavras isoladas, se comparada à leitura de frases, freqüentemente dependente de "*prompting*", registrando-se entretanto tentativas sucessivas e paralexias fonéticas em ambas (exemplos 42, 43, 44, 45).

(42)

01.03.84

situação: Teste de leitura oral de palavras isoladas
(manchetes de jornal)

1 - clube	TRUBLES
	TRUZE
2 - direção	TIREÇÃO
	TRIREÇÃO

(43)

30.08.84

situação: Teste de leitura oral de palavras isoladas (picolé)

OPL	-	Pilo ...
INV	-	Pico ...
OPL	-	Piloquê ...

(44)

18.07.85

situação: Teste de leitura oral de palavras isoladas
(manchetes de jornal)

1 - Zico	ZIGO
----------	------

(45)

15.08.85

situação: Teste de leitura oral de frases (manchetes de jornal)

- 1 - "Campinas terá novo shopping em 2 anos"
OPL - Campinas tem novo shopping em 2 anos.
- 2 - "Vacinação: dia 17 deve marcar o fim da Campólio"
OPL - Farilda ... Farildas ...
INV - Va...
OPL - Varil ...
INV - Vaci...
OPL - Vacinas ...
INV - Vaciná ...
OPL - Vacinação ... vacinação ... vacinação ...
INV - Dia ...
OPL - Sábado ...
INV - Mas que dia é sábado? Dia ...
OPL - Sete ...
INV - Não ...
OPL - Sete ...
INV - Deze ...
OPL - Dizessete !
INV - Dev...
OPL - Deve ... deve ... deve ... marca ... marca ...
INV - Marcar ...
OPL - Marcar o ...
INV - Fim ...
OPL - Fim da campanha ! ...

Enquanto a leitura de datas manteve-se restrita durante todo o período, as letras e sílabas não identificadas ou incorretamente lidas (escritas) passaram a ser recuperadas espontaneamente por O.P.L. a partir de vocábulos por ele conhecidos, o que indicou um claro desdobramento do trabalho com soletramento dirigido e com uso de dicionário.

É importante salientar que o sujeito afirmava desde o início uma compreensão global do texto, ainda que não lograsse comentá-lo ou narrar seu conteúdo, o que se tornou possível tão somente ao longo da evolução (exemplo 46).

(46)

12.03.87

situação: Investigador e O.P.L. comentam uma notícia de jornal, lida silenciosamente por ele, acerca da reinauguração de um museu.

- OPL - Museu ... história ...
INV - O ...
OPL - O museu da ...
INV - De ...
OPL - O museu de histórias foi estudada ...
INV - Rei ...
OPL - Reinauguradas ... O museu de história foi
reinau ... Ah! Meu Deus! ... Reinaugurada ...
INV - Quanto tempo ficou em reforma?
OPL - Como é que chama? ... mil... Como é meu Deus?
... seis, acho que é seis ...
INV - Aonde fica o museu?
OPL - ... Jequití ... Como é que chama? ... Boste ...
Como é que chama, meu Deus? ... Bosque ...
bosque ... bosque...
INV - Quando foi reaberto?
OPL - Foi ontem ...
INV - Por que ficou fechado?
OPL - Obras, né? ... Obras não ...
INV - Quantos anos ele tem?
OPL - Agora não sei ...
INV - Quanto custou?
OPL - Um milhão ...
INV - É, quase um milhão ... E quem pagou a reforma?
OPL - Rhodia e ...
INV - Pre ...
OPL - Prefeitura!

♦ CÁLCULO

Nos primeiros dois meses O.P.L. demonstrou habilidade em executar, por meio de cálculo escrito ou mental, adição ou subtração com dezenas, desde que essa última não envolvesse

reserva.

A seguir houve uma melhora progressiva com respeito ao cálculo escrito, não se verificando desde então restrições quanto à adição ou subtração e que favoreceu também as demais operações, embora menos amplamente.

Por outro lado, a avaliação operacional indicava uma manipulação adequada de dinheiro, mesmo na ocasião em que não realizava corretamente cálculos simples por meio dos testes, a qual estendeu-se posteriormente a uma razoável autonomia para controle de sua conta bancária.

• PRAXIAS

O.P.L. não manifestou apraxias relativas a tarefas da vida cotidiana.

A praxia ideomotora, tanto de gestos transitivos como dos intransitivos, apresentou-se adequada.

A execução de gestos simbólicos ou de gestos arbitrários dos dedos não se mostrou alterada, o mesmo ocorrendo com a praxia construtiva.

No decorrer da avaliação da praxia do desenho, constatou-se ser esta uma atividade de grande motivação para o sujeito, o que a constituiu como um dos eixos de interação com o examinador. Dentro dessa perspectiva foram programadas uma visita a uma exposição de quadros, uma coleção de bandeiras de diversos países confeccionadas por O.P.L. e a preparação de caderno com desenhos e colagens.

Com relação aos testes de programação, a fluência da narrativa revelou-se extremamente restrita, em função da anomia de processos, ainda que a organização estivesse preservada, o que se verificou sobretudo por meio da avaliação da praxia ideatória em condições operacionais (exemplos 47, 48, 49, 50, 51, 52).

(47)

16.08.84

situação: Teste de apraxia ideatória — trocar o "courinho"
de uma torneira^d

- INV - O que faz primeiro? Como é?
OPL - É ... como é que chama? ... é ...
INV - ...
OPL - Corneira ... corneira ... corneira... corne ...
meu Deus! ...
INV - Torneira ...
OPL - Cornetas ...
INV - Torneira ...
OPL - Torneira ... torneira ...
INV - Como faz?
OPL - Chave ... chave ... chave ...
INV - Como chama ?
OPL - Chave é ...
INV - Chave inglesa? ...
OPL - Pode ser ...
INV - Pega a chave ...
OPL - Troca ... troca ... troca ...
INV - Não, o que faz primeiro?
OPL - Tira ... tira ...
INV - Tira a torneira? ...
OPL - É ...
INV - Mas espirra água? ...
OPL - Não ! ...
INV - Por que ? ...
OPL - A gente ... como é que chama, meu Deus? ...
INV - Tem que fechar alguma coisa?
OPL - Tem ...
INV - Na rua? ...
OPL - É ...
INV - O que fecha ?
OPL - Como é que chama? ... É ...

^d A programação foi avaliada em relação a atividades desenvolvidas pelo sujeito e por ele registradas em sua agenda.

- INV - Re ...
- OPL - Relógio não ! Relógio não precisa ...
- INV - Regis ...
- OPL - Registro ... registro ...
- INV - Fecha o registro? ...
- OPL - É ... courinho ...
- INV - O que faz com o courinho?
- OPL - Troca ... troca e pos outro ... pos outro ...
- INV - E aí?
- OPL - Volta ... volta na ... volta na ... como é que chama? ... Volta ... volta ...
- INV - E faz o que?
- OPL - Chave ...
- INV - Pega a chave ...
- OPL - Outra vez ...
- INV - E aí, não sai água?
- OPL - Registro ... registro ... vai lá e põe ...
- INV - O que faz com o registro?
- OPL - Courinho já tá ... agora só na ... como é que chama? ... Só ... só ... outra vez ... outra vez ... troca ... troca ... chave ... chave ...
- INV - O que falta fazer no registro? ... Não sai água ...
- OPL - ...
- INV - Como o registro está? Aberto ou fechado?
- OPL - Aberto! Já está! ... Já está! ...
- INV - Quem abriu?
- OPL - Eu ! ...

(48)

16.08.84

situação: Teste de apraxia ideatória — tratar dos passáros

- INV - Como trata?
- OPL - Alpiste ... como chama? ...
- INV - Como faz para dar alpiste?
- OPL - Alpiste ... como chama? ... Alpiste ... alpiste ... como chama meu Deus? ...
- INV - Como dá alpiste?

- OPL - Põe lá na ... como é que chama? ... Oh! Meu Deus ! ...
- INV - Gai...
- OPL - Gaiola...
- INV - E como põe? Tem alguma coisa?
- OPL - Tem ...
- INV - Tem uma vasilha? ... Poê o alpiste novo em cima do velho? ...
- OPL - Não, ah meu Deus! ...
- INV - Assopra? ...
- OPL - É ...
- INV - Assopra e sai a casquinha?
- OPL - É ...
- INV - E água?
- OPL - Água também ... jornal ... tem jornal ...
- INV - Para ficar limpa a gaiola?
- OPL - É ...

(49)

16.08.84

situação: Teste de apraxia ideatória — molhar o jardim.

- INV - Como é que molha o jardim?
- OPL - Como é que chama? ... É ... meu Deus ...
- INV - Com aquele negócio ...
- OPL - Borracha ... borracha ... borracha ... uva ... manga ... limão ...*
- INV - E para molhar como faz?
- OPL - Águas bastante ... água bastante ...
- INV - De onde sai a água?
- OPL - Como que chama? É ...
- INV - Onde o senhor põe a borracha? ...
- OPL - Bandeira não! Que bandeira? ...
- INV - Mangueira?
- OPL - Mangueira ... mangueira ... mangueira ...
- INV - Onde põe a mangueira?
- OPL - ...
- INV - Não é na torneira?

* O sujeito refere-se a árvores do quintal de sua casa.

- OPL - Grifo ... grifo ... grifo ... grifo ... grifo
... grifo ... grifo ...
- INV - O que é isso?
- OPL - É ... como chama ... é ...
- INV - O que é, para que serve? ...
- OPL - Não dá mais ... não dá mais ...
- INV - O senhor colocou a mangueira na torneira, abre
a torneira, molha e quando acaba ...
- OPL - Fechar ...

(50)

13.09.84

situação: Teste de programação ideatória - enviar carta pelo
Correio

- INV - Se acabou de escrever, o que faz?
- OPL - É ... meu Deus ... como é que chama? ... É ...
- INV - ...
- OPL - En ... enve ... envelope ... envelope ... enve-
lope ...
- INV - Isso ... e o que faz com o envelope?
- OPL - Correio ... correio ...
- INV - Põe a carta aonde?
- OPL - Correio ...
- INV - Primeiro dentro do envelope e depois?
- OPL - Selo ...
- INV - E põe aonde?
- OPL - Correio ...
- INV - É de graça?
- OPL - Não ... dinheiro ...
- INV - Para que?
- OPL - Selo ... selo ... caixa ... caixa ... caixa ...
(mímica de colocar uma carta na caixa do Cor-
reio)

(51)

03.10.85

situação: Teste de apraxia ideatória — descrever ida ao cinema

- INV - Como o senhor fez para ir ao cinema?
OPL - Domingo ... domingo ... ônibus ... igreja ...de
poi eu fui lá ... Ourofino ... mas não tava bom.
INV - Ourov ...
OPL - Ourofino ...
INV - Ourov ...
OPL - Ouroverde ... Ouroverde ... não tava bom ...
Depois eu fui lá no Jequitibá ... Jequitibá ...
E depois entrei ...
INV - O senhor entra de graça no cinema?
OPL - Dinheiro ...
INV - O que tem o dinheiro?
OPL - Fui ... Eu tinha dez cruzeiros ... depois, como
é que chama? ... Tiques ... diques ... diques...
INV - O porteiro ...
OPL - É ... mas tem outros ...
INV - O que é que ele recebe?
OPL - Diques ... tiques ...
INV - Depois foi embora e entrou ... O senhor pega o
dinheiro para que?
OPL - Água ... sede ...
INV - Comprou água?
OPL - Não ...
INV - Então bebe ...
OPL - Bebedor ... bebedor ...
INV - E depois?
OPL - Depois músicas ...

(52)

05.12.85

situação: Investigador e sujeito comentam anotações em sua agenda

- INV - Por que o senhor não foi à aula sexta-feira?
OPL - Chuveiro ...
INV - Como ? ...

- OPL - Chuveiro ... é resistência ...
- INV - O que aconteceu com a resistência?
- OPL - Trocou ...
- INV - Por que?
- OPL - ...
- INV - Que ...
- OPL - Quebrada ... resistência quebrada ... resistên-
cia, depois foi resistência ... quebrou ...
- INV - Não, resistência não quebra ... O que aconteceu
com a resistência? O que acontece com o ferro
de passar roupa?
- OPL - Queimô ?!
- INV - E a resistência?
- OPL - Não, a resistência quebrou ... partiu ...
- INV - E não queimou?
- OPL - Queimou também ... um pouco ...
- INV - E como tava a água do chuveiro?
- OPL - Frio ...
- INV - Fri...
- OPL - Fria ... frias ... fria ...
- INV - E como o senhor fez para trocar?
- OPL - Eu tava meio ...
- INV - Nervoso ...
- OPL - Nervoso ... nervoso ... nervoso ... chave ...
um, dois, três ... chave ...
- INV - Fen ...
- OPL - Fenda ... fendas ... fendas ...
- INV - E o que é que faz? ... Ti ...
- OPL - Tira ... tiras ... tira ... são três parafuso...
Tem outro, como é que chama? ... Alicates ...
Depois peças ... (desenha)
- INV - Que peça é essa?
- OPL - Como é que chama? ... Borracha ... borrachas ...
borracha ... e depois é ... como é que chama ...
resistência ...

⊕ GNOSIAS

Os testes relativos ao esquema corporal mostraram-se inicialmente afetados pelas dificuldades de denominação que percorriam toda a produção lingüística de O.P.L. e que condicionaram a melhora dos resultados.

Paralelamente, verificou-se a mesma dependência quanto à avaliação da estereognosia, que esteve permeada de parafasias morfológicas e semânticas gradativamente menos frequentes.

Do mesmo modo, o comprometimento da nomeação de cores e na evocação de nomes próprios, presente a princípio, regrediu proporcionalmente, ainda que persistisse a ocorrência da queles recursos (exemplos 53, 54, 55, 56, 57).

(53)

19.07.84

situação: Teste de denominação de nomes próprios sob fotos

- 1 - Papa
- INV - Quem é esse?
OPL - ...
INV - Onde ele mora? Qual a bandeira?
(aponta a coleção de bandeiras, entre as quais o sujeito escolhe cor retamente) Como chama? A capital deste país? Ro ...
OPL - Roma! Roma !
INV - E como ele chama?
OPL - Esse é ... como chama? ... Pa ...pa
... Papa! Papa!
- 2 - Sarney
- INV - E esse aqui?
OPL - Figueiredo! ... Figueiredo! ...
Figueiredo!
INV - E esse?
OPL - Ah! É outro, não é?
INV - O que ele faz?
OPL - Pa... pardal... pardalto... não...

INV - O que ele é do Brasil?
OPL - Brasil!
INV - O que ele faz?
OPL - ...
INV - Pre ...
OPL - Presidente!

(54)

04.10.84

situação: Teste de denominação de nomes próprios sob fotos

INV - Quem é esse aqui?
OPL - Montoro!
INV - E esse?
OPL - Montoro e Gei ... Ta ...
INV - Ta ...
OPL - Ta não ! ...
INV - Tan ...
OPL - Tan não !
INV - Tanc ...
OPL - Tancrega, ...
INV - Tancredo ...
OPL - Tancrega ... Tancrega ... Tancregas ...
INV - Tancredo ...
OPL - Tancredo ...

(55)

15.08.85

situação: Teste de denominação de nomes próprios sob fotos

OPL - Coríntias ...
INV - O nome dele é Coríntians?
OPL - Não ... Sócras ... Sócras... Sócras ...
Sócras ... Sócras ...
INV - Não, é Sócrates!
OPL - Sócrates ... Sócradas ... Sócrates ...
Sócrados ...

(56)

05.03.87

situação: Teste de denominação de nomes próprios sob fotos

- OPL - Ih! ... Eu sei ... o negócio é ...
Eu sei ... Mas o nome ... não sei não ...
Eu sei ... governador né? ... Sodré
não é ... não dá não ...
- INV - Qué ...
- OPL - Quêrcia!

(57)

19.03.87

situação: Investigador e sujeito comentam notícia de jornal
acerca da demissão de um ministro

- INV - Quem foi demitido?
- OPL - Não, o Sarney não é ... Pedro, acho que é Pedro
... ele tem óculos, barbudo ... careca ... como
é que chama ele? ... como é? ...
- INV - O primeiro nome dele é João ...
- OPL - João ...
- INV - O que ele era? Qual era o cargo dele?
- OPL - Ministério ... ministério ... ministério ...
ministério ... pranesamento ... pranesamento...
pranesamento ...
- INV - Pla ...
- OPL - Planejamento ...
- INV - E o nome dele?
- OPL - ...
- INV - Aonde ele foi trabalhar agora?
- OPL - Ministério da Fazenda?
- INV - Não, na Europa ...
- OPL - Agora tá lá ... como é que chama? Roberto ...
Em Cuba ... Cuba ... Fidel Castro ...
- INV - O Fidel Castro, o que é em Cuba?
- OPL - Presidente ...
- INV - Quem tá em Cuba?
- OPL - Adreu ...
- INV - Abreu ...

- OPL - Sodré!
INV - Abreu Sodré!
OPL - Abreu Sodré!
INV - O que ele tá fazendo em Cuba?
OPL - Tá lá ... Ele é ... como é que chama? ...
Ministro ... não ... como é que chama? ...
Ministro das Relações Exteriores ...

Cumprе ressaltar que esses testes quando realizados em condições operacionais, ao comentar as cores durante a visita à exposição de quadros e ao solicitar-lhe que identificasse seus familiares (álbum de família) ou discutisse notícias de jornal a respeito de personalidades públicas, evidenciaram melhores resultados.

O.P.L. localizou em um mapa diversos países da América do Sul, mencionando inclusive suas capitais, e ainda no que diz respeito à topografia traçou detalhadamente a planta de sua casa.

Não se observou agnosia digital e os testes de dermolexia e sentido espaço-táctil revelaram-se inexequíveis, à semelhança do que ocorreu com **N.L.**

As alterações de ordem sintática, fonética e semântica reunidas em figuras como telescopagens e parafasias, a par das correspondentes manifestações na linguagem escrita (paralexias e paragrafias), constituíram o elemento de definição do quadro afasiológico observado em **O.P.L.** Tais ocorrências foram beneficiadas, em grau variável, quando a elas se atribuiu um caráter contextualizado.

TABELA 4- EVOLUÇÃO DOS TESTES DE DENOMINAÇÃO, SOB FOTOS E OBJETOS APLICADOS AO SUJEITO O.P.L., DE 1984 A 1988

PERÍODO	ÍNDICE DE RESPOSTAS CORRETAS			
	SEM "PROMPTING"		COM "PROMPTING"	
	OBJETOS	FOTOS	OBJETOS	FOTOS
JAN/84	.0	.0	.10	.10
MAR/84	.50	.50	.80	.80
MAI/84	.60	.30	1.00	.75
JUN/84	.50	.40	.90	.80
AGO/84	.90	.80	.90	1.00
SET/84	.50	.90	.90	1.00
OUT/84	.50	.70	.80	1.00
NOV/84	.90	.90	.90	.90
DEZ/84	.70	.90	1.00	1.00
MAR/85	.80	.70	.90	1.00
JUL/85	.70	.80	1.00	1.00
SET/85	.90	.60	.90	.70
OUT/85	.90	1.00	1.00	-
NOV/85	.70	.90	.80	1.00
FEV/86	.90	1.00	1.00	-
ABR/86	.50	.80	1.00	1.00
MAI/86	.60	.80	1.00	1.00
JUN/86	1.00	.80	-	1.00
OUT/86	1.00	.60	-	1.00
FEV/87	1.00	1.00	-	-
OUT/87	.90	.90	.90	1.00
ABR/88	.90	.90	1.00	1.00
MAI/88	1.00	.90	-	1.00

III. L.N.

⊕ LINGUAGEM ORAL

Cumpre salientar que o déficit na compreensão oral revelou-se como o aspecto mais crítico da atividade linguística de L.N. ao longo de todo o seu acompanhamento (13 meses), seja na avaliação padronizada, quando cada comando precisou ser repetido várias vezes, ou na contextual (exemplo 1, 2, 3, 4, 5). Porém, no âmbito dessa última, figurou como exceção o entendimento imediato por parte do sujeito dos comandos no decorrer do exame clínico, mesmo havendo trocas freqüentes e sucessivas destes.

(1)

26.07.84

situação: Investigador e L.N. comentam as atividades cotidianas do sujeito anteriormente ao quadro mórvido.

INV - O senhor lia jornal?

L.N. - Antigamente?

INV - É ...

L.N. - Lia normal, normal, todos os dias.

INV - Revista *também o senhor lia?

L.N. - *Todos os dias lia jornal ...

INV - Que re*vista o senhor lia?

L.N. - *Diário do Povo e Correio Popular são dois jornais que eu leio todos os dias.

INV - E revista? Que que *o senhor lia?

L.N. - *Eu nunca leio jornal de ler folhas e folhas. Na Folha, por exemplo, unidade certa ...

INV - O ... *Seu L...

L.N. - * e palavras cruzadas.

INV - O senhor gostava de palavras cruzadas? Gosta ainda?

L.N. - Não sei nada. Não sei falar nada. Não sei palavra nenhuma. Não sei mais as palavras.

INV - O senhor lia revistas? Que revistas o senhor

lia? Revista, não jornal, revista ...

L.N. - Que eu leio?

INV - O senhor lia revistas?

L.N. - Revistas não lia. O máximo era jornal. Teve época que eu lia Digest, aí parei. E esses livrinhos de bolso, você gosta? Não de coleção. Livro não, só de farwest, de polícia. Parei de ler, só jornal mesmo.

* O sinal indica o momento em que, no turno do investigador, L.N. sobrepõe sua fala.

(2)

26.07.84

situação: Investigador e L.N. comentam as atividades cotidianas do sujeito.

L.N. - Não gosto muito de tevê ... Novela, essas coisas num gosto. Noticiário, alguma coisa interessante. O jornal, assisto muito jornal. Mas por ser lido prá eles, os retores, os jornalistas, tem uma coisa que eu não consono a voz, a voz junto com eles, entendeu? Então fica, fica ...

INV - O senhor perde?

L.N. - Eu fico prá trás ... É, eu perco ...

(3)

30.10.84

situação: Investigador e sujeito comentam sua viagem ao Pantanal

INV - O que aconteceu, deu alguma coisa errada?

L.N. - É ... nós perdemos, logo de início, nós perdemos o carro, né? ... Enguiçou o carro ...

INV - Não diga! ...

L.N. - Nós ficamos um dia inteiro, um dia e uma noite ... prá lá de ... na estreita ...

INV - No meio da estrada? ...

L.N. - É ... no meio da estrada ... aquele problema ...

- INV - O que aconteceu com o carro?
- L.N. - Daí, nós trouxemos, consertamos o carro e
*voltamos
- INV - *O que era?
- L.N. - Era peça do carro mesmo, né? ... Mecânica,
da parte mecânica dele ...
- INV - E fez revisão e tudo antes de ir?
- L.N. - Aí arrumamos, trouxemos a peça, colocamos e voltamos
prá lá ... nós tínhamos comprado geladeira
(...)

(Nesse momento, L.N. passa a narrar minuciosamente sua viagem ao Mato Grosso, relatando todos os imprevistos ocorridos em função desse incidente, após o que o investigador recupera o tema inicial)

- L.N. - Aí arrumamos, trouxemos a peça, colocamos e voltamos
prá lá ... Nós tínhamos comprado geladeira, aquelas máquinas cheias de gelo ...
Bom, gelo guardado lá, mas com aquele sol (ri muito) ... Nós chegamos no primeiro dia lá no acampamento ... vamos pescar, vamos experimentar, tal ... Sair de longe, viajar longe, sair de barco, posa , volta, a noite inteira pescando, né? ... Então tem que pescar bem, hein? ... Já viemos animados, nós voltamos, limpamos o peixe, nós pegamos uns quinze peixes, bom mesmo ... Tá ótimo, vai salvar a pátria, mas nós não olhamos a geladeira, não olhamos a quantidade que tinha de geladeira, né? ... E a turma, vamos fazer mais uma viagem amanhã? ... Mas uma viagem dessa, sair à tardezinha, passa a noite inteira e no outro dia à noite, sem dormir, em barca ... Vamos fazer mais uma viagem?! ... Resolvemos passar mais um dia ... Ah! Então vamos ... Era na terça-feira, segunda-feira ... não, terça-feira ... E nós fomos embora, descemos de barco, de novo possibilidade de peixe, tá ótimo ... Ficamos viajando de barco ...

L.N. - Nós voltamos e chegamos e encontramos os outros dois companheiros que tavam no acampamento e falaram, olha, ih! ... Tenho uma notícia prã vo-cê^s ... o que que é ... Um lá abriu a geladei-ra e disse, nós esquecemos de olhar a geladeira e vocês não falaram no gelo, o peixe nosso tá estragado, olha aí ... Vinte cabeças de peixe ... Um^s vinte cabeças de peixe perdido ... Fo-mos examinar o peixe, tudo estragado ... Aquele peixe bônito, limpo, jogamos tudo fora ... Vin-te cabeça de peixe, jogamos tudo fora ... Perdemos o gelo, dois dias, atrasou ... Nós ficamos sem gelo ...

INV - Foi tudo o carro quebrado?

L.N. - Foi esse dia do carro quebrado ... ficou dois dias ... aquele sol ... não tem uma sombra...

INV - O carro não fez revisão antes de sair daqui?

L.N. - Tava revisadinho! ... Tava ...

INV - Não tinha nada ?

L.N. - Não tinha nada ... nada, nada ...

(4)

30.10.84

situação: Investigador e L.N. comentam aspectos de sua via-gem

INV - Eu não podia passar o repelente ... *Porque eu tinha alergia ao repelente

L.N. - * Eu não gosto daquilo ... aquele cheiro ...

INV - Aí vinha *o bicho e eu não podia passar ...

L.N. - *Cheiro ruim aquilo, eu não gosto da-quilo...

INV - Aí eu *ficava inchada ...

L.N. - *Sabe o que eu uso? Óleo ...

INV - Óleo de cozinha?!

L.N. - É, óleo comum ... passa no corpo ...

(5)

27.12.84

situação: Investigador e L.N. comentam o Natal.

L.N. - Eu mudei, eu mudei com essas coisas, eu não sou casado, sou separado ... então é muita coisa diferente na vida, mudou muito sabe?

INV - Não gosta de Natal?

L.N. - ...

INV - Não gosta de Natal?

L.N. - Eu ?

INV - É ...

L.N. - Tenho irmãos, tenho todos, né? ... Mas não ... Nesse dia não vou, visito eles, visito sempre, tem minhas tias em frente, tenho os tios meus que moram perto, de vez em quando eu vou sempre lá ...

INV - O senhor gosta do Natal?

L.N. - Gosto! ... Eu só gosto ... Não do dia ... Dias assim, essas festas ...

INV - É ...

L.N. - Ah, não! Esse dia eu não vou não, prefiro um otro dia, um dia antes ou um dia depois, esse dia é muita gente, né? ... Muito movimento ...

Parece-nos relevante observar, contudo, que o sujeito progressivamente incorporou em seus diversos ambientes as estratégias com ele desenvolvidas, visando sua melhor integração a eles (exemplo 6).

(6)

18.10.84

situação: Investigador e sujeito comentam sua viagem em companhia de amigos.

INV - Essa viagem fez bem ao senhor ...

L.N. - O Guarujá é um lugar muito bonito, gostoso ...

INV - Viajar faz bem ...

L.N. - É a mudança ..., diferente ... distrai ...

- INV - Quando o senhor viaja com os amigos, o senhor consegue falar bem ?
- L.N. - Ah, procura conversar, né? ... com o pessoal ... falar com eles? ... Conversa, né? ...
Converso sim ... Eles já conhecem, sabem da situação minha, né? ... Quando tenho algum problema, eu falo prá eles me explicar direito como é ... Eu falo repete, ou então escreve prá mim...

De fato, essa evolução tornou-se possível por ter-se mantido preservada a expressão oral de **L.N.**, desde a instalação do acometimento lingüístico, privilegiando sobretudo a narrativa (exemplo 7).

(7)

18.10.84

situação: L.N. descreve fatos ocorridos durante uma viagem ao Pantanal

- L.N. - Eu tenho uma fotografia desse lugar, eu preciso achar essa foto ... É a coisa mais linda que pode ter acontecido no mundo uma vez ...
Nós tacamos nesse lugar, chamado Passo das Onças ... dois anos atrás ... Nós tãvamos caçando de barco e nós vimos a onça, atravessou a mata e pulou no rio ... Com uma sorte tremenda nós tãvamos com a máquina ... E ela, e ela começou a nadar e com o barco do lado dela ...
Enorme! ... E ela com o barco ... E ela nadando ... e a onça pertinho ... Eu preciso ver se eu acho essas fotografias ...

Assim sendo, no que concerne ao teste de fluência verbal, este revelou uma discreta deficiência, o que não ocorreu em situações de interação dialógica.

Os testes de denominação por sua vez não indicaram nenhuma alteração, o mesmo se verificando em termos operacionais, criando condições adequadas para que houvesse uma re-

flexão por parte do sujeito acerca dos processos afetados, caracterizando-os claramente (exemplo 8).

(8)

18.10.84

situação: Investigador e L.N. comentam suas dificuldades relativas à compreensão oral.

L.N. - Eu tinha certeza que a pessoa não tava falando comigo ... Mas eu achava, o meu cérebro tinha a impressão que eu tava ouvindo alguma coisa ... que a pessoa tava falando ... Não existia aquilo ... Eu escutava a pessoa falando e eu perguntava, o que foi ... e aí, a pessoa falava, mas eu não falei nada ...

INV - Era o tempo todo?

L.N. - Quando tava vendo alguma coisa*, conversando... Se tivesse quieto, não tinha problema ... Então, a pessoa tava falando, mas tava fazendo uma coisa diferente ... eu falava ... eu lembrava uma coisa diferente, completamente diferente ...

INV - Ah, mas então o senhor não ouvia a pessoa falando? ...

L.N. - Não, ninguém ouvia ... só eu que imaginava aquilo ...

INV - Por exemplo, comigo, o senhor achava que era eu que tava falando aquilo?

L.N. - Não ... Bom, eu cheguei num ponto, né? ... Que então se a pessoa fala ... se não tá, não tá falando ... De início, eu achava que tava...

INV - E o senhor escutava com a minha voz?

L.N. - Eu não lembro ... Agora a palavra entrava no meio do assunto ...

INV - Mas o senhor não me escutava falando, o senhor só lembrava?

L.N. - Eu mesmo que encaixava, eu mesmo ... A pessoa fala comigo do livro, tá falando ... Aí eu lembrava, bom lembrei onde tá meu carro ...

- L.N. - ... Então o carro entrou no meio ... no assunto do livro ...
- INV - O senhor achava que eu tinha falado do carro?
- L.N. - Ah, era a causa ... Se tivesse gente junto, eu achava ... e eu chamava a atenção da pessoa ...
- INV - E quando o senhor lembrava, o senhor ouvia a minha voz falando?
- L.N. - Não, ninguém tava falando isso, eu não ouvia na da ... Eu achava, aquela palavra entrava ... Apareceu aquela coisa completamente diferente, aquela palavra apareceu ... Eu pensei, eu acho que tou lembrando coisas de gente que já falou ... Eu tou recuperando ...
- INV - Por exemplo, no jornal da televisão, o senhor tem a impressão que ouviu ele falar alguma coisa a mais ...
- L.N. - Completamente diferente ...
- INV - É ... Então, o senhor ouvia como se fosse ele ou o senhor mesmo falando ...
- L.N. - Pensava, em mim, aquilo lá que ele repetiu ... Eu tinha a impressão que eu tinha ouvido ... que ele tinha falado ...
- INV - O senhor escutava isso com a sua voz ou com a da televisão?
- L.N. - Não me lembro, se era da televisão ou se era de mim ... Acho que era de mim, que eu lembrava ... era de mim... de mim ... Vinha de mim ... Vinha da minha cabeça ...

◆ LINGUAGEM ESCRITA .

L.N. apresentou ao escrever uma produção espontânea limitada a datas ou a seu nome, ao de seus filhos e dos examinadores, ocupando toda a extensão da folha.

A escrita como ditado ou cópia, também afetada, mostrou-se adequada tão apenas quando restrita a frases isoladas.

Na verdade, notou-se um particular desinteresse do su-

jeito por aquelas atividades envolvendo a escrita, atitude essa que persistiu durante todo o período, demonstrando inclusive muitas objeções à sugestão de elaborar uma agenda, ou ainda por ocasião de manter uma correspondência com um dos examinadores em viagem.

Entretanto, L.N. adotou freqüentemente a linguagem escrita como um dos recursos destinados a resolver suas dificuldades no que tange à expressão oral, a partir do trabalho desenvolvido com os investigadores (exemplo 6), usufruindo dessa estratégia em situações cotidianas, tais como em bancos, lojas, supermercados.

A observação da leitura indicou estar ela preservada desde o início, ocorrendo todavia uma melhor compreensão e narração no caso da leitura oral, distinção esta que não mais se verificou após os três primeiros meses de evolução.

§ CÁLCULO

A avaliação do cálculo mental e escrito tornou evidente a manutenção dessa habilidade quanto a qualquer uma das operações, estando igualmente conservada a leitura de números.

É importante ressaltar que, no que diz respeito a L.N., sua formação anterior como desenhista topográfico, atividade esta que exercia antes do quadro mórbido, permitiu desenvolver uma avaliação contextual incluindo até mesmo o emprego de uma calculadora, cujo manuseio mostrou-se adequado.

Destacamos, mais uma vez, a importância da escrita como recurso na interação dialógica, agora envolvendo a manipulação de números.

Isto porque, decorrido cerca de um mês do início do acompanhamento, L.N. somente assim superou as graves dificuldades que teve em compreender os possíveis planos de pagamento para compras em uma loja. Tanto que seis meses após, quando da aquisição do presente de casamento de sua filha, uma

vez familiarizado com essa estratégia, pôde, por meio dela, compreender e optar com presteza e corretamente pelo plano mais vantajoso.

⊕ PRAXIAS

O sujeito não demonstrou, durante todo o seguimento, apraxias das atividades cotidianas e tampouco apraxia ideatória.

A praxia do desenho e a construtiva denotaram caraterísticas concordantes com o grau prévio de habilidade nessa área.

Quanto à praxia buco-labio-lingual, esta não revelou nenhum acometimento.

L.N. não manifestou igualmente alterações na execução de gestos transitivos ou intransitivos, o mesmo se observando na de gestos arbitrários dos dedos ou de gestos simbólicos.

De outra parte, interessa-nos apontar que esta última propiciou, graças ao trabalho contextualizado dos investigadores, um comentário de L.N. bastante significativo, do ponto de vista da identificação do afastamento das situações de teste da realidade lingüística, no mais amplo sentido de linguagem (exemplo 9).

(9)

27.12.84

situação: Teste de praxia relativo à execução de gestos simbólicos.

INV - Qual o sinal que o senhor faz para dizer que estã tudo bem?

L.N. - (executa o sinal adequadamente)

INV - E quando tã tudo ruim?

- L.N. - Eu não faço isso de jeito nenhum! ... Nunca, mas nunca ! Se for ver ... eu falo ... Em absoluto, mas nunca, de jeito nenhum eu fiz isso... (ri muito e aponta as anotações e o gravador) Vocês podem abandonar esse caso, podem seccionar essa parte aí ... Vocês não vão usar nada disso aí ...
- INV - E como um soldado cumprimenta o outro?
- L.N. - (executa o gesto corretamente) Esse também só quando eu estive no exército, agora eu não preciso mais também ...

⊕ GNOSIAS

Não se verificou nenhum comprometimento do esquema corporal, nem da discriminação direita/esquerda.

A gnosis digital, assim como a estereognosis, esteve preservada desde o início do acompanhamento.

Os testes de dermolexia e sentido espaço-táctil tiveram como fator limitante a sua execução, em ambos os casos, a própria compreensão do seu procedimento pelo sujeito.

No âmbito das gnosis visuais, planejou e traçou adequadamente os trajetos por ele utilizados para deslocar-se de sua casa ao trabalho ou ao hospital.

Os resultados obtidos referentes à prosopagnosis e à gnosis de cores, padronizados ou contextuais, indicaram não estarem estas prejudicadas.

Documentamos ainda entre o contingente de observações voltadas para esse aspecto, da identificação de cores, um registro em particular, que reiterou a relevância da escrita nos mais diversos momentos de impasse (exemplo 10).

(10)

27.07.84

situação: Teste de denominação de cores (de memória)

INV - Qual a cor da alface?

L.N. - ...

INV - O senhor sabe qual a cor da alface?

L.N. - Não entendo o que você fala ... Você tem que falar para mim que palavra é ... Eu não estou entendendo.

INV - Alfa ... (escreve a palavra à medida que a pronuncia)

L.N. - Verde ! ...

L.N. apresentou um quadro restrito ao déficit da compreensão oral, persistente mesmo em atividades contextualizadas e ainda, no início da evolução, uma anosognosia relativa apenas às suas próprias dificuldades lingüísticas.

IV. R.A.R.

⊕ LINGUAGEM ORAL

A avaliação da linguagem oral de R.A.R. denotou estar a compreensão preservada durante todo o seu seguimento (30 meses), no decorrer de testes padronizados e de interação dialógica.

O teste de denominação, cujos resultados encontram-se apresentados na tabela 5, apontou uma dismnesia verbal de amplo grau de variabilidade, com índices de respostas corretas entre 0,10 e 1,00. Uma evolução mais estável foi constatada somente após a segunda intervenção cirúrgica (abril de 86), ou seja nos últimos 18 meses.

Cumprе ressaltar que em testes controle (apontar entre diversos objetos aqueles cujos nomes foram enunciados pelo investigador), R.A.R. demonstrou identificá-los correta e prontamente, ao longo de toda a observação.

Nesse caso, ao contrário do que sucedeu em outras situações (com N.L. e O.P.L.), recursos como "*prompting*" ou indução não surtiram alterações significativas, o que se conclui pela análise da tabela 5. De fato, esta característica básica da produção oral de R.A.R. esteve presente em atividades metalingüísticas assim como nas discursivas.

A princípio, mostraram-se marcadas umas e outras por um quadro disártrico, com estereótipos ("*mãe*", "*Márcia*" — nome da filha mais velha) e com redução e desintegração fonética pronunciadas (exemplo 1). Posteriormente (novembro/85), estas deram lugar a um estilo telegráfico, pontuado por palavras-frase (exemplos 2 a 9) e parafasias verbais fonéticas (exemplos 2 a 17).

(1)

10.10.85

situação: Teste de denominação sob fotos.

- 1 - bola RAR - Bô - a...
2 - camisa RAR - Pa ... mã ... ta ...
3 - liquidificador RAR - Di ... di ...
4 - televisão RAR - Te ... ce...

(2)

16.01.86

situação: Investigador e sujeito comentam seu aniversário, em maio, por ela anotado em sua agenda.

- INV - O que acontece em maio?
RAR - ...
INV - O que acontece?
RAR - Eu ..
INV - Você .. O que tem?
RAR - Ma-io... ta-to ... ze-ro ...
INV - Você faz quarenta anos em maio?
RAR - É ...
INV - Que dia de maio?
RAR - Dia ta-to ...
INV - Dia quatro?
RAR - É ...
INV - Tem festa?
RAR - Não ... A Mã -cia... um sete ma-io ... A Mã -cia ... dizi-sete ... A Chele (filha mais nova) ... di-node ma-io ... ma-io ... An-di (marido) ... a-dos-to ...

(3)

16.01.86

situação: R.A.R. mostra ao investigador o cachecol que está tecendo para sua filha (Márcia).

RAR - Mã-cia ... é ponto aroz ...

INV - Está muito lindo ... Quando você começou a fazer?

RAR - Esse mês ... é dia oito ... é ... Tudo dia num dá ... Ir no dotô ... aqui num dá (aponta os olhos) ... Esse num dá ... a, b, c, d ... num dá ... (aponta um quadro para exame oftalmológico afixado na sala).

(4)

10.04.86

situação: Investigador e R.A.R. comentam seu trabalho de tricot.

INV - Mas você ainda não acabou isso?

RAR - Tudo ... óia aqui! ...

INV - Nossa! Você terminou e ainda fez um sapatinho de nenê? Mas de quem é o nenê?

RAR - Num sei ... (rindo muito) Eu não! ...

(5)

10.04.86

situação: Investigador e R.A.R. comentam a nova internação

INV - Você parece preocupada ...

RAR - Eu, hã! ... Dia tinze ... operá ...

INV - Você vai ser operada de novo?

RAR - É ... Eu penso tudo ... num sei ... penso ...

INV - Você vai internar dia ...

RAR - Quinze ...

- INV - Na terça-feira ...
- RAR - Oto hora ... Penso Michelle ... Aqui eu, Michelle Salto, a Mácia Salto ...
- INV - Mas você tem que procurar se acalmar, você precisa se cuidar e para isso precisa se internar ...
- INV - Sei, sei ... sei sim ... sei sim ...

(6)

15.01.87

situação: Investigador e sujeito comentam seu aniversário de casamento, por ela anotado em sua agenda.

- INV - Que aconteceu no dia vinte e sete?
- RAR - Casamento ... um, sete ano ...
- INV - Deze ...
- RAR - Dezesete ano...
- INV - E vocês comemoraram?
- RAR - Não ...

(7)

02.04.87

situação: Investigador e sujeito comentam anotações de sua agenda.

- INV - Quem é Aparecida?
- RAR - Foi a madinha casamento meu ... Esse deu presente prá mim ... cachorro ... Amanhã faz um mês ... Tá mamando ainda ... Não gosto ... susação ...
- INV - Suja muito? É isso?
- RAR - Ah, e não?! Mais visviço prá mim ... Pensa bem ...
- INV - Se ...
- RAR - Seviço ... Fazer mais comida prá ele ... Acha?! Tá doido ...

(8)

07.01.88

situação: Investigador e R.A.R. comentam anotações acerca do Natal.

- RAR - Ganei um (aponta o gravador sobre a mesa) ...
- INV - Um o quê?
- RAR - Um rádio ...
- INV - E como foi o Natal?
- RAR - Foi bom ...
- INV - Eu recebi um lindo cartão seu, muito obrigada...
O que vocês fizeram no Natal?
- RAR - Vinhedo ...
- INV - Foi prá Vinhedo?
- RAR - Lá é ...
- INV - À noite?
- RAR - Não, de dia ... almoçá ...
- INV - Você não fez nada em casa?
- RAR - Ah, não! ... Mãe minha sogá morreu, né? ...
Meu pai também morreu ... Ante tudo era bonito,
Natal, casa, pai ... Dia um casa mãe dele ...
Mas num tem mais graça, num tem mais, num tem...

(9)

28.01.88

situação: Investigador e R.A.R. comentam anotações em sua agenda.

- INV - Quando foi seu aniversário de casamento?
- RAR - Esperá mais sete ano, né?
- INV - Como assim?
- RAR - É ... fez dia vinte e sete, dezembro, fez
dezoito ano ... é ... Ih! Esperá mais sete...
Fazê ... boda pata ...

- INV - Fazer o quê?
- RAR - Boda de pa-ta...
- INV - Bodas de prata?!
- RAR - Bo-das de pa-ta ... Mas fêta não ... Fazê fê-ta não ...
- INV - Festa?!
- RAR - Fes-ta ...
- INV - Por que festa não?
- RAR - Esperá Mácia e Michelle ficá moça ... Péra ...
- INV - Com que idade está a Márcia?
- RAR - Fazê ...,maio ... quinze ... mais sete ... vinte e dois ... Michelle é mai... é maio, maio... também ... fazê maio ... dez ...
- INV - Que dia ela faz aniversário?
- RAR - Michelle? ... Dia vinte e nove ...
- INV - E você ?
- RAR - Dia quatro ...
- INV - E a Márcia?
- RAR - Sete ..., dizessete ...
- INV - Sete ou dezessete?
- RAR - Dizessete ... E o seu?
- INV - Ah, nem me lembro ...
- RAR - Eu sei (aponta a si mesma e ri muito) ... Vinte e um ...
- INV - Vinte e um anos você faz?
- RAR - É, vinte e um ... É o dobo! ... É o dobo! ...

(10)

21.11.85

situação: Teste de denominação sob objetos.

- | | |
|-------------|---|
| 1 - bolsa | RAR - Dolda ... <u>bolda</u> ... |
| 2 - moeda | RAR - Modeda ... |
| 3 - caderno | RAR - Taderno ... (<u>ca</u>) Taderno ... |
| 4 - lenço | RAR - Dendo ... <u>lento</u> ... |
| 5 - relógio | RAR - Edógio ... |

(11)

06.02.86

situação: Teste de denominação sob fotos.

- | | |
|---------------|-------------------------------------|
| 1 - camisa | RAR - Ta-mi-sa ... <u>ca</u> -mi-sa |
| 2 - geladeira | RAR - Deladea ... |
| 3 - bicicleta | RAR - Bi-ci-te-ta ... |

(12)

07.03.86

situação: Teste de denominação sob objetos.

- | | |
|-------------|---|
| 1 - bolsa | RAR - Borsa ... |
| 2 - caderno | RAR - Taderno ... (<u>ca</u>) taderno... |
| 3 - relógio | RAR - Delógio ... (<u>re</u>) delógio ... |

(13)

26.06.86

situação: Teste de denominação sob objetos

- | | |
|----------------|---------------------|
| 1 - óculos | RAR - Ótulos ... |
| 2 - cheque | RAR - Chete ... |
| 3 - ventilador | RAR - Tentiador ... |

(14)

02.10.86

situação: Teste de denominação sob objetos.

1 - cinzeiro RAR - Cineiro

2 - ventilador RAR - Ventiador ...

(15)

19.02.87

situação: Teste de denominação sob objetos.

1 - relógio RAR - Rejógio ...

(16)

19.02.87

situação: Teste de denominação sob fotos.

1 - bicicleta RAR - Biciqueta ...

(17)

26.11.87

situação: Teste de denominação sob objetos.

1 - livro RAR - Livo ...

Particularmente, no que concerne a R.A.R., a interação dialógica foi motivada pelos aspectos cotidianos mais relevantes segundo sua óptica e por ela registrados na agenda, tais como sua prática religiosa, suas relações familiares e seu interesse por trabalhos manuais (tricot e crochet) e atividades domésticas. Na verdade, ambos foram amplamente incentivados pelo investigador dadas as múltiplas vantagens que propiciariam, não só a nível das avaliações contextuais, mas também visando ampliar as possibilidades de uma evolução favorável do déficit motor.

É importante notar que, conforme se depreende dos exemplos acima, transcorridos os dois primeiros meses de acompanhamento, a melhora do sujeito em condições contextualizadas precedeu freqüentemente uma ocorrência análoga em testes

padronizados.

◆ LINGUAGEM ESCRITA

A expressão escrita de R.A.R., como cópia ou de memória, ocupava toda a extensão da folha e mostrava-se preservada já em outubro de 85, embora restrita a seu próprio nome, aos de seus familiares ou, ainda, a datas e endereços.

Posteriormente, ao contrário da escrita de memória ou como ditado freqüentemente afetadas por paragrafias (exemplos 18 a 20), ainda que estas fossem progressivamente menos freqüentes, a escrita como cópia manifestou um curso rapidamente favorável, tornando-se adequada, independentemente de seu conteúdo.

(18)

14.11.85

situação: Escrita de memória, solicitada pelo investigador, do nome de objetos empregados em testes de estereognosia.

1 - lenço	RAR - <i>benço</i>
2 - relógio	RAR - <i>relogo</i>
3 - chaveiro	RAR - <i>chaverio</i>
4 - caneta	RAR - <i>cabeta</i>
5 - borracha	RAR - <i>bacharã</i>

(19)

28.11.85

situação: Escrita de memória, solicitada pelo investigador, de nome de objetos empregados em testes de denominação sob fotos.

1 - batom	RAR - <i>batão</i>
2 - geladeira	RAR - <i>geralera</i>
3 - sapato	RAR - <i>sapado</i>

(20)

26.06.86

situação: Escrita sob ditado

1 - "Bebi suco de caju".

RAR - Bibi suco de caju.

2 - "Argentina e Alemanha vão decidir o final da Copa no jogo de domingo".

RAR - Argetina e Alemada vão desidir o final da copa no jogo de dogindo.

Destacamos que **R.A.R.** atendeu às solicitações durante o seguimento optando pela escrita como cópia avaliada contextualmente por meio de anotações, sob orientação dos familiares em sua agenda ou em seu caderno de atividades, dedicado à transcrição de receitas culinárias ou, ainda, por meio de cartões enviados ao investigador em diversas ocasiões, como no Natal e em seu aniversário.

Por sua vez, a compreensão relativa à leitura não se mostrou prejudicada em nenhum momento, o mesmo não se aplicando à narração a ela associada, limitada em função do cometimento da expressão oral anteriormente descrito (exemplos 21 e 22)

(21)

30.01.86

situação: Investigador e sujeito comentam uma notícia de jornal, lida silenciosamente por ela, acerca do acidente com o ônibus espacial "Challenger".

INV - O que aconteceu com o ônibus espacial?

RAR - ...

INV - Foi tudo bem?

RAR - Não, cabou ...

INV - Caiu?

- RAR - É, caiu ...
- INV - Por que caiu?
- RAR - Ah! Num sei ...
- INV - Mostra na manchete ... "*Emoção, susto e desespero: a Challenger explode no ar*" ...
O que aconteceu?
- RAR - (aponta corretamente a palavra "*explode*")
- INV - Depois de quando tempo a nave explodiu?
- RAR - Dois mi-nu-to ...
- INV - Quem são essas pessoas? (aponta foto dos tripulantes)
- RAR - Num sei ...
- INV - Leia o que está escrito ...
- RAR - Sete ...
- INV - Sete o quê?
- RAR - ...
- INV - Onde eles estavam?
- RAR - ...
- INV - Por que a foto deles está no jornal?
- RAR - Mo-to ... ã ... on-te ... no ... es-pa-ço ...
- INV - Onde eles estavam?
- RAR - Sete morreu ... (aponta foto da nave)

(22)

12.03.87

situação: Investigador e sujeito comentam uma notícia de jornal, lida silenciosamente por ela, acerca da reinauguração do Museu de História Natural.

- INV - O que foi reaberto ontem?
- RAR - O Museu que completou quarenta e nove anos ...
- INV - Onde fica o Museu?

- RAR - Aqui, em Campina ...
- INV - Campinas ...
- RAR - Campinas ...
- INV - No Bo ...
- RAR - Bosque ...
- INV - Você conhece o Bosque?
- RAR - Uma vez, faz tempo ...

Evidentemente, as restrições se estenderam à leitura oral traduzidas em paralexias, que a pontuaram, tanto ao ser avaliada por meio de testes como quando operacionalmente, utilizando fragmentos de textos de jornal e de livros de receitas.

Parece-nos relevante acrescentar a esse relato um episódio significativo da evolução do sujeito enquanto constituído como tal, no interior do contexto sustentado pelo binômio avaliação-terapia.

Assim sendo, em 14 de janeiro de 88 R.A.R. inquiriu o investigador por sua própria iniciativa quanto à natureza do trabalho deste último, tema de resto frequente em nossos diálogos:

(23)

14.01.88

situação: R.A.R. indaga ao investigador acerca de sua formação.

- RAR - A senhora não é fono, né? A senhora é o quê?
- INV - Eu sou médica ...
- RAR - Eu sei ... mas, médica o quê?
- INV - Para atender, para cuidar desse seu problema...
Esse seu problema chama-se afasia ...
- RAR - Marca aqui ... Nem esse nome eu sabia ...

Dois meses depois, escreveu espontaneamente em seu caderno de atividades a partir de cópia de um dicionário as definições dos termos "neurologista", "derrame", "aneurisma" e "afasia", o que conduziu à conversação:

(24)

04.03.88

situação: Investigador e sujeito comentam anotações em sua agenda

- INV - De onde você tirou isso?
- RAR - Dicionário ... Acho que foi bom ... Não sei...
- INV - E por que você fez isso?
- RAR - Porque primeiro afasia ... eu copieei, foi bom né?
- INV - E então, o que é afasia?
- RAR - É ...
- INV - A pessoa que não consegue o quê?
- RAR - Falá ...
- INV - Quem ajudou você a encontrar as palavras?
- RAR - Primeiro ... esposo ... depois (aponta a si mesma) ...
- INV - Depois você procurou sozinha?
- RAR - É ...

♦ CÁLCULO

Verificou-se não estar prejudicado em nenhum período o cálculo escrito ou mental referente a qualquer das operações, desde que envolvendo tão somente centenas.

A leitura de números obedeceu às limitações acima comentadas no que concerne à expressão oral (exemplos 2, 5, 6, 9).

Para R.A.R., a avaliação contextual foi desenvolvida a partir da organização de aspectos de sua vida doméstica, tais como a organização de lista de compras e das despesas dela decorrentes, acompanhando e observando-a pessoalmente durante essas atividades.

• PRAXIAS

Quanto às praxias definidas por tarefas cotidianas o sujeito manifestou discretas perturbações, reflexo imediato da hemiparesia braqu岸o-facial direita e que portanto regrediram com essa última nos dois primeiros meses seguintes ao primeiro ato cirúrgico, não voltando a serem observadas após a segunda intervenção (abril de 86).

O mesmo não se aplica à apraxia buco-labio-lingual que, instalada desde o início do quadro mórbido em julho de 85, persistiu, sem uma melhora significativa e tampouco uma agravação após a segunda cirurgia, percorrendo toda a avaliação.

Dadas as dimensões reduzidas do déficit motor, não se mostraram afetadas a execução de gestos simbólicos ou de gestos arbitrários e nem mesmo a de gestos transitivos ou intransitivos.

Tanto a praxia do desenho como a construtiva indicaram adequação ao grau de escolaridade e habilidade anteriores do sujeito.

Não se constatou descontinuidade a nível da praxia ideatória, seja em situações operacionais (afazeres domésticos) ou padronizadas, estando contudo comprometida a fluência da narrativa, em função das dificuldades na expressão oral.

⊙ GNOSIAS

A identificação dos segmentos corpóreos e a discriminação direita / esquerda estiveram resguardadas desde o início.

R.A.R. não manifestou agnosia digital e tampouco alterações nos testes de dermolexia e sentido espaço-táctil, cuja realização tornou-se viável quando transcorridos dois meses do começo do seguimento, graças à utilização de quadros padronizados elaborados pelo próprio sujeito, corrigindo desse modo eventuais distorções originadas na deficiência da produção oral.

Analogamente, os resultados aos testes de estereognosia interpretaram tais limitações, desencadeando recursos como parafasias verbais fonéticas (exemplo 25) ou paragrafias (exemplo 18), em seu controle por meio da escrita, ambos menos frequentes pouco a pouco e totalmente ausentes a partir de janeiro de 87.

(25)

14.11.85

situação: Teste de denominação sob objetos identificados por estereognosia

1 - lenço	RAR - ento
2 - borracha	RAR - borrara
3 - apontador	RAR - ponta
4 - caneta	RAR - taneta
5 - ficha	RAR - chita

Uma avaliação rigorosa, visando controlar a questão do acentuado acometimento da produção oral, evidenciou já no princípio não ter sido exibida pelo sujeito nenhuma modalidade de agnosia visual.

A análise das características da evolução de **R.A.R.** evidencia à princípio um quadro disártrico, marcado posteriormente por dismnesia verbal, com a presença de parafasias verbais fonéticas e palavras-frase, além das correspondências escritas (paragrafias e paralexias). A melhora da atividade lingüística em situações de contextualização mostrou-se pouco relevante, embora esta precedesse, ao longo de todo o acompanhamento, qualquer alteração análoga no âmbito dos testes.

TABELA 5- EVOLUÇÃO DOS TESTES DE DENOMINAÇÃO, SOB OBJETOS E FOTOS, APLICADOS AO SUJEITO R.A.R., NO DECORRER DE 30 MESES

PERÍODO	ÍNDICE DE RESPOSTAS CORRETAS			
	SEM "PROMPTING"		COM "PROMPTING"	
	OBJETOS	FOTOS	OBJETOS	FOTOS
OUT/85	.10	.10	.10	.20
NOV/85	.10	.20	.30	.40
JAN/86	.30	.30	.50	.50
MAR/86	.10	.20	.50	.50
JUN/86	.40	.50	.60	.80
OUT/86	.60	.50	.90	.80
JAN/87	.70	.80	.90	.90
MAR/87	.80	.60	1.00	.80
JUL/87	.90	.80	.90	.80
NOV/87	.90	.70	1.00	.70
MAR/88	1.00	.60	-	.70

V. L.L.C

⊕ LINGUAGEM ORAL

A compreensão oral mostrou-se afetada nos três primeiros meses em condições de testes e principalmente durante as atividades discursivas, regredindo tal restrição após esse período.

A expressão oral apresentou-se extremamente prejudicada no decorrer dessa mesma fase em condições operacionais ou não, com elementos de contaminação freqüentemente presentes, resolvidos contudo com a interferência do "prompting", como no exemplo abaixo:

(1)

02.10.86

situação: Teste de denominação sob objetos.

- | | |
|--------------|--|
| 1 - chave | LLC - Fava ... <u>ch</u> ave |
| 2 - cinzeiro | LLC - Cha ... cha... cha... chaveiro ...
<u>cin</u> zeiro ... |
| 3 - cheque | LLC - Chaveiro ... <u>che</u> que |

Tal dismnesia verbal, relativamente moderada, evoluiu com uma melhora progressiva e estável nos resultados dos testes de denominação, sobretudo a partir de abril de 87, conforme se depreende da tabela 6, o mesmo não se verificando com a perda da habilidade de repetir sons, palavras ou sentenças.

Cumpré ressaltar que essa alteração foi precedida por um melhor desempenho de **L.L.C.** em situações de interação dialógica (exemplos 2, 3, 4), surgidas no caso desse sujeito por meio de narrativas e comentários a respeito de acontecimentos recentes (anotados em agenda pelo próprio sujeito ou sua esposa) ou antigos (documentos em álbum de família).

(2)

15.01.87

situação: Investigador, L.L.C. e sua esposa (M.) comentam acerca do Natal.

- INV - Como foi de Natal?
- LLC - Bem ... o Natal foi na casa da minha sogra ... dia 25 ...
- INV - E dia 24?
- LLC - Fiquei em casa ... fui dormir ...
- INV - Tava desanimado?
- LLC - Não, é que a turma ia muito longe ...
- INV - E o almoço?
- LLC - Não sei, não lembro mais ...
- INV - Quem tava lá?
- LLC - Eu, minha esposa, as crianças (seus filhos) e um dos cunhados mais a família dele ...
- INV - E o senhor era amigo secreto de quem?
- LLC - Dia primeiro foi na casa do meu cunhado, foi todos os nossos famílias ...
- INV - E o senhor era amigo de quem?
- LLC - Não me lembro ...
- M. - Uma mulher ...
- LLC - Não lembro ...
- M. - Neu ...
- LLC - Neusa! ...
- INV - O que o senhor comprou?
- LLC - Prá fazer na cozinha ...
- INV - Prá fazer o que na cozinha?
- LLC - ...
- M. - Pi...
- LLC - Pizza ...

(3)

15.01.87

situação: Investigador e sujeito comentam uma festa, por ele anotada em sua agenda.

INV - E essa festa que teve?

LLC - Foi comemorar o dia ... um casal que fez 25 anos ...

(4)

15.01.87

situação: Investigador e sujeito comentam o momento econômico.

INV - E a economia?

LLC - Tá difícil ... a realidade mostra outro ... o preço é três vezes o que tá mostrando ... Do jeito que vai indo, vai mal ... a não ser que vai reiniciar uma nova mentalidade ...

De fato, as avaliações padronizadas a intervalos regulares tornaram evidentes uma regressão da dismnesia (tabela 6) e uma melhor fluência verbal, ambas confirmadas em condições operacionais (exemplos 5, 6, 7) onde surgiram inúmeros momentos de indução situacional, dos quais o próprio sujeito participou (exemplo 8), e de reflexão acerca de suas condições (exemplo 9).

(5)

07.01.88

situação: Investigador e L.L.C. comentam acerca do Natal.

INV - Onde o senhor passou o Natal?

LLC - A noite e de dia em casa ... e dia primeiro foi na casa do meu cunhado ...

INV - E quem foi na sua casa no Natal?

LLC - A turma que tá acostumada ...

- INV - Quem é?
- LLC - Uns trinta e sete ...
- INV - Trinta e sete pessoas? Quem são?
- LLC - Tudo ... todos meus cunhados ... depois tem uns que ... é ... a minha cunhada que ... ela não tem parente, então faz muitos anos que vai ...
- INV - Até que horas ficaram no Natal?
- LLC - Até as quatro horas ...
- INV - E tinha muitas crianças lá?
- LLC - Tinha ...
- INV - Quem são?
- LLC - É ... sobrinho do meu cunhado ... e mais algumas que há muito ano, muitos anos já se vêm conhecendo ... também tem criança de fora ... e o pessoal, todo mundo tem que comprar uma coisa ... o pessoal tira um papel e aquele que vai ser ...
- INV - O quê?
- LLC - O amigo invisível ...
- INV - E o senhor era amigo invisível de quem?
- LLC - Porque tem dois ... um dia primeiro e outro dia de Natal ...
- INV - E no Natal, prá quem o senhor comprou presente?
- LLC - Eu sei, foi um concunhado ... um jovem ... casa do com minha sobrinha, mas não é minha sobrinha ...
- INV - É como se fosse?
- LLC - É ...
- INV - O que o senhor comprou?
- LLC - Prá ele comprei ... são duas garrafas ...
- INV - De quê?
- LLC - De vinho ...

INV - Vinho branco?

LLC - Um branco e outro ... escuro ...

(6)

14.01.88

situação: Investigador e L.L.C. comentam uma viagem, anotada pela esposa em sua agenda.

LLC - Nós fomos agora no fim de semana ...

INV - Prã praia?

LLC - É ...

INV - Tava tempo bom?

LLC - Tava ótimo ... sãbado e domingo ... não tava aquele calor ... pegou sol assim mesmo, mas não forte ... Tudo horário de louco, viu? ... Falaram que era onze horas que era prã sair, mas acabou saindo três horas ...

INV - Da manhã?

LLC - É ...

INV - O que aconteceu?

LLC - Parou prã botar gasolina, o homem botou álcool...

(7)

14.01.88

situação: Investigador e L.L.C. comentam acerca de problemas do sujeito com seu carro.

LLC - Mas também é carro dirigido por várias pessoas e quer queira quer não sempre faz diferença ...

INV - Qual a relação disso com o motor?

LLC - Não com o motor ... com todo o carro em si faz diferença...

INV - O senhor acha que deu problema por isso?

LLC - Em parte antecipou por causa disso ... mas tinha outro problema também ...

- INV - O seu carro é a álcool ou a gasolina?
LLC - Álcool ...
INV - Dá mais problema por causa de ser álcool?
LLC - Dá ...
INV - O senhor acha que compensa ter carro a álcool?
LLC - Ah, não, agora não! ... Antes compensava por causa do preço da gasolina e do álcool ...

(8)

21.01.88

situação: Investigador e L.L.C. comentam uma foto de uma viagem sua, em que o sujeito aparece segurando flores.

- INV - O que o senhor tá segurando aqui?
LLC - É pedra ... não, é ... é ... é pé, não ...
é ... é ... uma folha ...
INV - Não ...
LLC - É folhas ... aqui ...
INV - Não, não é folha ...
LLC - É folha não, é ...
INV - Onde o senhor achou isso?
LLC - Aí ao lado ... aqui ... do lado exposto ...
INV - Do lado oposto aqui da foto?
LLC - É ... é ...
INV - Tem perfume?
LLC - Não, não tem perf ... perf ... é bonita a flor...
flor ...

(9)

17.12.87

situação: Investigador e sujeito comentam a respeito de suas limitações.

- INV - O senhor gosta dessa época de Natal?
- LLC - Normalmente eu gostava, antigamente era bom ... agora não ... eu não tenho capacidade de fazer nada ...
- INV - Mas quem disse isso? O senhor faz tantas coisas ...
- LLC - Eu acho ... Ninguém fala nada pra mim, mas eu tinha meus direitos, meu trabalho ... Eu tenho amigos, realmente amigos, mas ... agora a gente não tem tanta facilidade de entrar em contacto com eles ... A vantagem de amigos é a gente encontrar com eles ... Apesar das dificuldades, a gente fala mal, mas mesmo assim eles ouvem ...

⊕ LINGUAGEM ESCRITA

L.L.C. apresentou uma escrita adequada a partir de dezembro de 86, como cópia, ditado ou de memória, ocupando toda a extensão da folha e ocorrendo paragrafias nas duas últimas.

Apesar dessas atividades terem sido incentivadas com o auxílio de sua esposa, por meio da elaboração de agenda e de listas de compras (hábito do sujeito anterior ao quadro afásico), esse trabalho foi desenvolvido restritamente, em parte por não haver um maior interesse do sujeito, em parte dadas as suas limitações motoras.

Quanto à leitura, silenciosa ou oral, esteve reduzida a princípio a palavras isoladas com a presença de paralexias.

Posteriormente, foi constatada uma evolução favorável da leitura e da compreensão e narração a ela associadas, à medida que a expressão oral mostrou-se menos prejudicada (exemplos 10, 11, 12 , 13).

(10)

22.01.87

situação: Investigador e L.L.C. comentam uma notícia de jornal, lida silenciosamente por ele, acerca do funcionamento do Hospital de Clínicas.

- INV - Qual o assunto da notícia que o senhor leu?
- LLC - Hospital ...
- INV - Que hospital?
- LLC - ...
- INV - Clí ...
- LLC - Hospital das Clínicas ...
- INV - O que aconteceu?
- LLC - Tá muito sobrecarregado ...
- INV - Por quê?
- LLC - Porque o Inamps tá usando ... praticamente é o único em Campinas ...
- INV - E que mais?
- LLC - Tem pouco funcionário ...
- INV - E o reitor concorda?
- LLC - Em parte concorda ... em parte não ...

(11)

12.03.87

situação: Investigador e L.L.C. comentam uma notícia de jornal, lida silenciosamente por ele, acerca da reabertura do Museu de História Natural de Campinas.

- INV - Sobre o que é essa notícia?
- LLC - Foi reaberto o Museu Histórico Natural ... no Bosque ... quarenta e nove anos parece que tem...
- INV - Por que tava fechado?
- LLC - Acho que tava com problema de gasto ... não estava sendo atualizado ... Foi um gasto bastante

grande ... e aí, foi feito através de várias empresas, não dependeu só da Prefeitura ...

(12)

12.03.87

situação: Investigador e sujeito comentam uma notícia de jornal, a respeito de um possível locaute das farmácias, nas mesmas condições de leitura.

LLC - As farmácias tão cogitando de paralisação no dia 25 ... Eles não estão de acordo com o preço ...

INV - Que preço?

LLC - Segundo eles, o aumento é muito baixo em relação ao que eles têm que vender ... Eu acho que o Governo estabeleceu um aumento que eles não tão de acordo ...

(13)

12.03.87

situação: Investigador e sujeito comentam uma notícia acerca do zoneamento urbano nos distritos, nas mesmas condições.

INV - Do que trata a notícia?

LLC - Não vai mais poder construir prédios em Sousas e em Barão Geraldo ...

INV - Por quê?

LLC - Eles acham que atrapalha bastante ... mas eu não acho não ... Em Sousas ainda vá lá, mas lá em Barão já tem prédio ... já tem dois ... Em Sousas eles poderiam fazer isso ...

♦ CÁLCULO

A avaliação dessa habilidade em L.L.C. esteve comprometida, de um lado pelo déficit da expressão oral e de outro pela hemiparesia, durante os três primeiros meses.

A evolução posterior permitiu a realização adequada tão apenas das operações de adição e subtração com dezenas, inclusive envolvendo reservas, no que tange ao cálculo escrito ou mental.

Concomitantemente, a leitura de números deixou de apresentar quaisquer dificuldades, enquanto que a avaliação operacional denotou alterações unicamente devido às restrições motoras, como no caso de preenchimento de cheques.

♦ PRAXIAS

No que diz respeito às praxias das atividades cotidianas, estas ocorreram na mesma medida em que a hemiparesia impôs limitações na esfera motora e deixaram de se manifestar, à proporção em que esta última regrediu.

Na verdade, também se mostraram prejudicadas em função da hemiparesia direita com predomínio braquio-facial, tendo sua evolução por ela determinada, a execução de gestos simbólicos ou de gestos arbitrários, a praxia ideomotora de gestos transitivos ou intransitivos e ainda a praxia buco-labio lingual.

A praxia construtiva e a do desenho revelaram-se compatíveis com a habilidade do sujeito.

A avaliação da praxia ideatória por meio dos testes de programação ou em condições operacionais não indicou rupturas na organização das atividades, sendo seu comprometimento apenas decorrente do déficit da expressão oral, ao longo de todo o acompanhamento.

♦ GNOSIAS

O esquema corporal e a discriminação direita / esquerda estiveram preservados desde o início.

Os testes de estereognosia, por sua vez, estiveram dis-

cretamente afetados pela anomia a princípio, suscitando eventuais parafasias semânticas, recurso este ausente a partir de janeiro de 87.

L.L.C. não apresentou agnosia digital e, à semelhança do que se verificou com outros sujeitos, os testes de dermolexia e sentido espaço-táctil resultaram inexecutáveis.

Quanto às gnosias visuais, não se observou agnosia topográfica e o acometimento da nomeação de cores apenas refletiu a anomia que afetou igualmente outros testes.

O mesmo se aplica à evocação de nomes próprios, seja na avaliação por meio de testes, seja naquela operacional, baseada em fotos de jornal ligadas a temas de interesse do sujeito ou em um álbum de família. Em ambos os casos a denominação adequada exigia, nos três primeiros meses um "prompting", o que deixou de ocorrer paulatinamente.

O sujeito L.L.C. manifestou comprometimento da fluência verbal, com parafasias e tentativas sucessivas de evocação de palavras, além de paragrafias e paralexias. No que concerne à influência da contextualização, o sujeito apresentou as mesmas características anteriormente comentadas com respeito a R.A.R.

TABELA 6- EVOLUÇÃO DOS TESTES DE DENOMINAÇÃO, SOB OBJETOS E FOTOS, APLICADOS AO SUJEITO L.L.C., NO DECORRER DE 19 MESES

PERÍODO	ÍNDICE DE RESPOSTAS CORRETAS			
	SEM "PROMPTING"		COM "PROMPTING"	
	OBJETOS	FOTOS	OBJETOS	FOTOS
OUT/86	.40	.40	.90	1.00
DEZ/86	.50	.30	.80	.90
FEV/87	.90	.40	1.00	1.00
ABR/87	.70	.80	1.00	1.00
JUN/87	.70	.80	1.00	1.00
SET/87	.90	1.00	1.00	-
DEZ/87	1.00	1.00	-	-
MAR/88	1.00	1.00	-	-

DISCUSSÃO

Conforme se depreende dos relatos anteriormente apresentados, o estudo dos sujeitos permitiu fossem eles apropriadamente avaliados do ponto de vista clínico e neuropsicológico. Sob esse aspecto, tornou-se possível analisá-los em situações contextuais ou ainda por meio de testes padronizados (anexo II), o que resultou em sua classificação de acordo com as tipologias preconizadas (tabela 1) por Hécaen (1976), Leleux & Lebrun (1979) e Luria (1977).

Assim, tomaremos individualmente a evolução dos sujeitos afásicos, considerando-se o nosso objetivo de destacar os parâmetros neurolingüísticos que constituiriam seus mecanismos plásticos. A nosso ver, esta constitui a conduta mais adequada, tendo em vista nossa intenção de sublinhar o epilingüístico, o qualitativo, princípio epistemológico e consequentemente pragmático deste trabalho.

O sujeito **N.L.** apresentou um quadro classificado, a partir de Hécaen (1976) e Leleux & Lebrun (1979), como de afasia amnésica, classicamente assim denominado por Pitres em 1895.

Os elementos de estereotipia (p. 59) e os benefícios auferidos pelo paciente diante dos testes de denominação na presença de recursos, quais sejam o "prompting" ou a indução (tabela 2), corroboram para caracterizá-lo como tal (Hécaen, 1976; Leleux & Lebrun, 1979; Huvelle et al., 1979). Cumpre ainda ressaltar a evolução paralela comentada na seção anterior entre a dismnesia verbal, revelada pelos testes de denominação (tabela 2), e os dados obtidos por meio da avaliação de gnosias visuais (tabela 3) e tácteis, inequivocamente afetadas pela primeira. Esta correlação confirma a hipótese de afasia amnésica, segundo os critérios de Hécaen (1976), Leleux & Lebrun (1979) e Huvelle et al. (1979).

De fato, de Pitres a Déjerine, de Weisenburg & McBride a Goldstein, Hécaen (1976) destaca as diferentes concepções históricas do termo inclusive o critério de identificação da afasia amnésica "verdadeira", segundo este último, dependente da presença freqüente também valorizada por Leleux &

Lebrun (1979) de perífrases, o que se constata nesse caso (exemplos 1, 2, 8, 13, 21).

Quanto a O.P.L., as parafasias morfológicas e semânticas (exemplos 2 a 19), as expressões "passe-partout" (exemplos 17, 19, 25, 26), as tentativas sucessivas (exemplos 1, 3, 4, 6, 10, 11, 17, 18, 24), assim como as paragrafias (exemplos 34 a 38) e paralexias (exemplos 38 a 40, 42 a 45) fonéticas revelaram tratar-se de afasia de expressão, mais particularmente afasia de realização fonêmica, na concepção de Hécaen (1976).

No entanto, o sujeito manifestou igualmente elementos que segundo o mesmo autor qualificam "... mais uma variante da forma precedente que uma forma distinta ... (p.47)" a afasia agramática ou o transtorno de realização sintática. Essas características manifestam-se pelo uso de telescopagens (exemplos 3, 17) e pela simultaneidade, sintagmática e paradigmática, superadas por "... uma linguagem em que as frases são substituídas por sucessões elípticas das palavras, sem preposição nem conjunção, onde os verbos estão geralmente no infinitivo ... designada sob o nome de estilo telegráfico... o enfermo se expressa sem considerar as regras gramaticais, de onde o nome agramatismo ... (Leleux & Lebrun, 1979; p.14)".

No que se refere à tipologia de Huvette et al. (1979), a avaliação longitudinal de O.P.L. assinalaria igualmente um agramatismo, tomado no entanto por esse autor como uma das manifestações da afasia de Broca.

Uma análise dos dados obtidos ao longo do acompanhamento de L.N. denota constituir esta uma condição de surdez verbal pura, de acordo com Hécaen (1976). Isto porque, o déficit lingüístico de L.N. manteve-se restrito à compreensão oral, afetando de um lado o entendimento, até mesmo de comandos simples, e de outro a escrita como ditado (exemplos 1 a 5, 10).

Em concordância com o que Hécaen (1976) reconhece como pertinente ao quadro, L.N. não apresentou alterações da expressão oral, figurando como intactas a evocação de palavras, a leitura e a escrita, espontânea ou como cópia. Não foram tampouco verificadas apraxias e com respeito às gnosias constatou-se anosognosia relativa ao reconhecimento de suas próprias dificuldades, no início da evolução (exemplo 8), tida como pouco freqüente por Hécaen (1976).

Na terminologia de Leleux & Lebrun (1979), essa afecção retrata "... *uma força rara de afasia sensorial: a surdez verbal pura ... uma agnosia da linguagem oral ...* (p. 17)", analogamente considerada por Huvette et al. (1979).

No caso de R.A.R., esta desenvolveu um quadro marcado a princípio por disartria, redução e desintegração fonéticas pronunciadas (exemplo 1), configurando a chamada afasia de realização fonética (Hécaen, 1976). Posteriormente, conforme se depreende das observações descritas, R.A.R. manifestou dismnesia verbal pontuada por parafasias verbais fonéticas, palavras - frase e um estilo telegráfico (exemplos 2 a 17), sem configurar propriamente agramatismo. Presentes ainda paralexias (p. 134) e paragrafias (exemplos 18 a 20) na escrita espontânea ou como ditado, mostrou-se preservada por outro lado a escrita como cópia.

Hécaen (1976) destaca os estudos de Alajouanine, Ombredane e Durand acerca dos aspectos mais relevantes dos mecanismos articulatórios nessa afasia - parético, distônico e dispráxico. Foi evidente a sua progressão no presente caso, persistindo contudo inalterada a par do acometimento lingüístico, uma apraxia buco-lábio-lingual (p.136).

Tal sujeito constitui, na análise de Leleux & Lebrun (1979) e Huvette et al. (1979), um exemplo de afasia de Broca, designação clássica de uma condição clínica cuja descrição primeira remonta historicamente a Paul Broca, no século XIX.

Por outro lado, a primazia da descrição da afasia de condução, apresentada por **L.L.C.**, cabe a Wernicke (1874).

Para Hécaen (1976), Leleux & Lebrun (1979) e Huvelle et al. (1979), consta como elemento central de sua definição o comprometimento da fluência verbal, com parafasias (exemplo 1) e tentativas sucessivas de evocação de palavras (exemplos 2 a 11), após o que "... busca contornar a dificuldade modificando a construção da frase, mas rapidamente depara com outra palavra-chave que não pode expressar ... (Leleux & Lebrun, 1979; p.15)". Além disso, esses autores mencionam paralexias (p.145) e paragrafias restritas à escrita espontânea e como ditado (p.145), como ocorre em **L.L.C.**

Parece-nos fundamental salientar que nas situações acima relatadas o diagnóstico neuropsicológico e seus correlatos clínico e topográfico mantiveram as correspondências classicamente apontadas, sem que houvessem os autores discutido seus mecanismos, discrepando de Luria (1970, 1973, 1976a, 1977, 1987), que, não se atendo apenas à análise empírica do fenômeno afasiológico, avança na direção de um corte da realidade, buscando com base no conhecimento neurofisiológico externo à neuropsicologia subsídios para a discussão das síndromes observadas.

Com o intuito de identificar os prováveis mecanismos neurodinâmicos envolvidos, Luria incorpora as concepções resultantes dos estudos de Pavlov relativas aos três níveis de organização dos analisadores corticais, atingidos direta ou indiretamente, em situações experimentais e patológicas (Luria, 1972; Luria, 1977).

De acordo com as teorias de Pavlov e Ivanov-Smolenski, divulgadas na década de 40 e comentadas por Luria (1972, 1977), nos estados patológicos haveria uma ruptura da "regra de força", com uma conseqüente "equalização" das reações, cuja ocorrência não guardaria mais proporcionalidade com a intensidade dos estímulos desencadeantes. Logo, diante da impossibilidade de manter a organização seletiva dos processos neurais, todas as associações constituintes de "matrizes mul

tidimensionais", dentre elas a linguagem, teriam a mesma probabilidade de ser evocadas, dificultando ou até mesmo impossibilitando a escolha da mais adequada. Essa seria a razão, segundo Luria, das parafasias, paragrafias, paralexias e várias outras alterações presentes em indivíduos afásicos, sobretudo em casos de lesões corticais posteriores, das áreas temporo-parieto-occipitais, por ele denominadas "*zonas gnósticas*" (1972, 1977).

Outro importante mecanismo neurodinâmico destacado por Luria seria o déficit da "*plasticidade neural*" e a subsequente ocorrência de uma "*inércia patológica*", comprometendo o caráter dinâmico dos "*mosaicos de excitação*", o que se traduz na avaliação neuropsicológica por elementos de contaminação, ecolalia, respostas em eco e perseveração, por exemplo. Esses sinais da perda de dinamismo estariam relacionados principalmente a lesões corticais anteriores (pré-motora e frontal), das áreas que Luria chamou "*zonas dinâmicas*" (Luria, 1972; Luria, 1977).

De fato, Luria distingue as áreas corticais anteriores e posteriores, atribuindo-lhes processos de modalidades específicas, quais sejam, a organização sintagmática e paradigmática da linguagem, respectivamente.

Parece-nos oportuno ressaltar que esses conceitos da psicologia soviética encontram correspondência em maior ou em menor grau na literatura atual relativa ao tema da recuperação funcional.

Assim, a ruptura da "*regra de força*" traduziria um comprometimento da atenção seletiva e conseqüente adequação da resposta à intensidade e/ou à qualidade do estímulo apresentado.

A idéia de "*inércia patológica*", por sua vez, estaria intimamente vinculada a questões como a desinibição funcional, quando várias unidades anatômicas seriam liberadas após lesões neurais, havendo substituição funcional mediada por alterações do número de receptores ou de potenciais pós-sinápticos ou da liberação de neurotransmissores.

Dois aspectos parecem-nos evidentes, com respeito aos possíveis mecanismos envolvidos. O primeiro é que, em Luria e nos textos referentes à recuperação, a "inércia" é explicada por hipóteses formuladas a partir de noções comuns ao processamento neural como um todo. O segundo é que, tanto em um caso como no outro, nota-se a presença, histórica na neurobiologia de analogias e metáforas, buscando indiretamente uma linguagem unitária originada das ciências físicas (Mainx, 1955; Brunswik, 1955).

A nosso ver, em que pese a importância de uma discussão conceitual rigorosa, quanto à precedência e evolução históricas desses conceitos na psicologia soviética e na literatura contemporânea acerca da plasticidade neural, esta não seria pertinente ao presente estudo.

A orientação acima exposta surge particularmente em Luria nos textos em que trata da tipologia afasiológica (1970, 1977, 1979).

Assim, o sujeito N.L. seria portador de uma afasia amnésica (Luria, 1977), com déficit do processo de nomeação resultante do acometimento de uma dentre as habilidades requeridas "... uma imagem nítida do objeto ... a preservação das propriedades fonêmicas concisas da palavra e ... da seletividade das designações, isto é, de um sistema semântico devidamente estruturado ... (p.73)".

No caso em questão, ainda de acordo com a opinião de Luria (1977), fundamentada nesses critérios, haveria um distúrbio da "... percepção e retenção da estrutura fonêmica das palavras, acarretando uma deficiência em selecionar a palavra apropriada e distingui-la de outras foneticamente semelhantes ... algumas vezes produzindo parafasias literais, em outras demonstrando que esqueceram as palavras necessárias, substituindo-as pela nomeação de outros detalhes ... (p.74)".

Tais aspectos distinguem o que Luria define como afasia acústica amnésica (1966, 1970, 1977), confirmada em N.L. por

vários dos exemplos citados (exemplos 2, 9, 13, 21) e pela busca de soluções em perífrases (exemplos 1, 8, 13).

O mecanismo fisiológico responsável por essa "*desorganização paradigmática da linguagem*" seria o comprometimento da alta seletividade dos processos neurais, devido à ruptura da "*regra de força*", "*... descrita por Pavlov como uma das leis básicas do fluxo das atividades nervosas superiores ...* (p. 85; Luria, 1977)".

Essa forma de afasia amnésica é por Luria atribuída a lesões do lobo temporal do hemisfério dominante, o que de fato ocorreu com o sujeito N.L., conforme se depreende das figuras 2 a 8, sumariadas no diagrama indicado na figura 23.

Quanto a O.P.L., em meio aos fatores lingüísticos já debatidos ressalta (Luria, 1977) "*... o estilo telegráfico, em que somente elementos nominativos das sentenças persistem e perdem-se todos os predicativos ...* (p.79)", a tal ponto que "*... como Tsvetkova demonstrou, a localização dos verbos requer um tempo cinco a seis vezes mais prolongado que a de nomes ...* (p.60)".

Ao tomá-lo como marco essencial de uma das formas de afasia transcortical motora, Luria salienta ter sido esta síndrome apropriadamente caracterizada em toda sua complexidade por Akhutina, em 1974.

Luria refere-se no mesmo texto à noção clássica, para ele anacrônica, de afasia transcortical motora, atribuída então a uma interrupção das vias entre o centro motor da fala e o dos conceitos, a propósito, este último inexistente em seu arcabouço teórico. Rejeitando-a, considera um único quadro a ocorrência de contaminação (exemplos 27, 28, 29), a impossibilidade de produção oral fluente (exemplos 13 a 19,57), assim como de repetição de séries, de palavras ou sentenças sucessivamente organizadas (exemplos 39, 40, 45, 47 a 52), e ainda a dificuldade de nomear (exemplos 1 a 32). Todos esses aspectos seriam uma consequência da "*... inércia patologicamente aumentada dos processos neurais no sistema de ativida-*

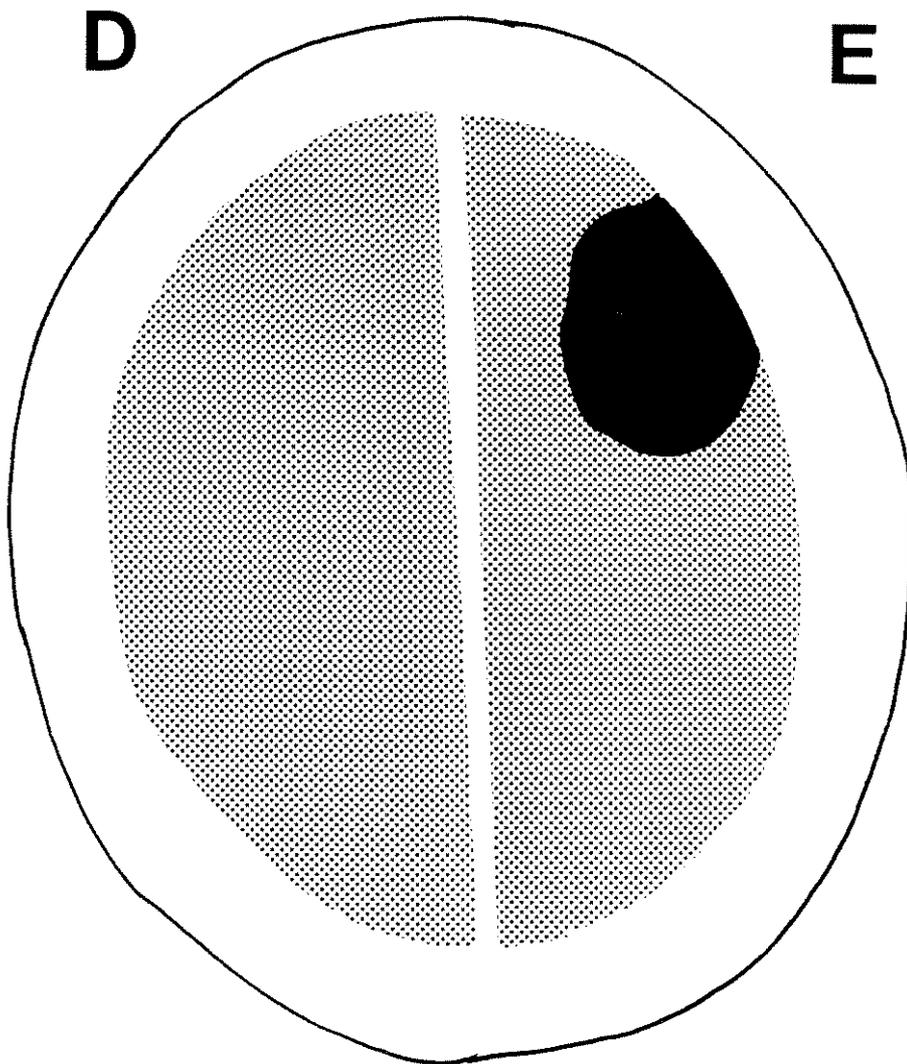


Figura 23. Diagrama indicativo (plano supraventricular) de lesão fronto-parietal esquerda apresentada por **N.L.** (ver figura 8).

de verbal ..." devida por sua vez à perda "... da alta plasticidade dos processos neurais que torna possível a mudança de um a outro segmento do esquema sintático, mudança que gera a melodia cinética necessária ... (p. 76, 78)".

Subseqüentemente, Luria estabelece (1977) uma associação entre afasia transcortical motora e lesões anteriores do hemisfério esquerdo.

Os exames radiológicos (figuras 9 a 15) com efeito revelaram ser **O.P.L.** portador de uma extensa lesão temporo-parieto-occipital esquerda, conforme assinala a figura 24, o que esclarece também terem sido constatadas alterações no campo paradigmático.

Lamentavelmente, tal confirmação tornou-se inviável no que concerne a **L.N.**, dada a sua recusa em submeter-se a estudos radiológicos. Em que pese a ausência dessa informação, o quadro neuropsicológico permitiu a identificação do que, para Luria (1977), representa o sintoma básico da afasia sensorial ou seja "... a inabilidade de compreender a fala ... (p. 68)".

Ao discutir suas características, Luria menciona as origens históricas da descrição dessa afasia, por ele atribuídas a Wernicke e sua hipótese de distúrbio do conceito sensorial da palavra em 1874 (1977).

Na mesma análise, refuta as primeiras considerações acerca desse tema, baseando-se na concepção desenvolvida por Troubezkoï e Jakobson na década de 30, de que "... a fala está fundamentada em um código fonético, isto é, um sistema de oposições fonéticas, distintas em distintos idiomas; compreender a fala significa identificar as características básicas desse código ... (p. 69)".

Os mecanismos neurais relativos a tal "qualificação fonêmica" estariam associados à área de Wernicke (Luria, 1977), supostamente lesada em **L.N.**, de onde sua incapacidade variável de compreender o significado das palavras (exemplo 1 a

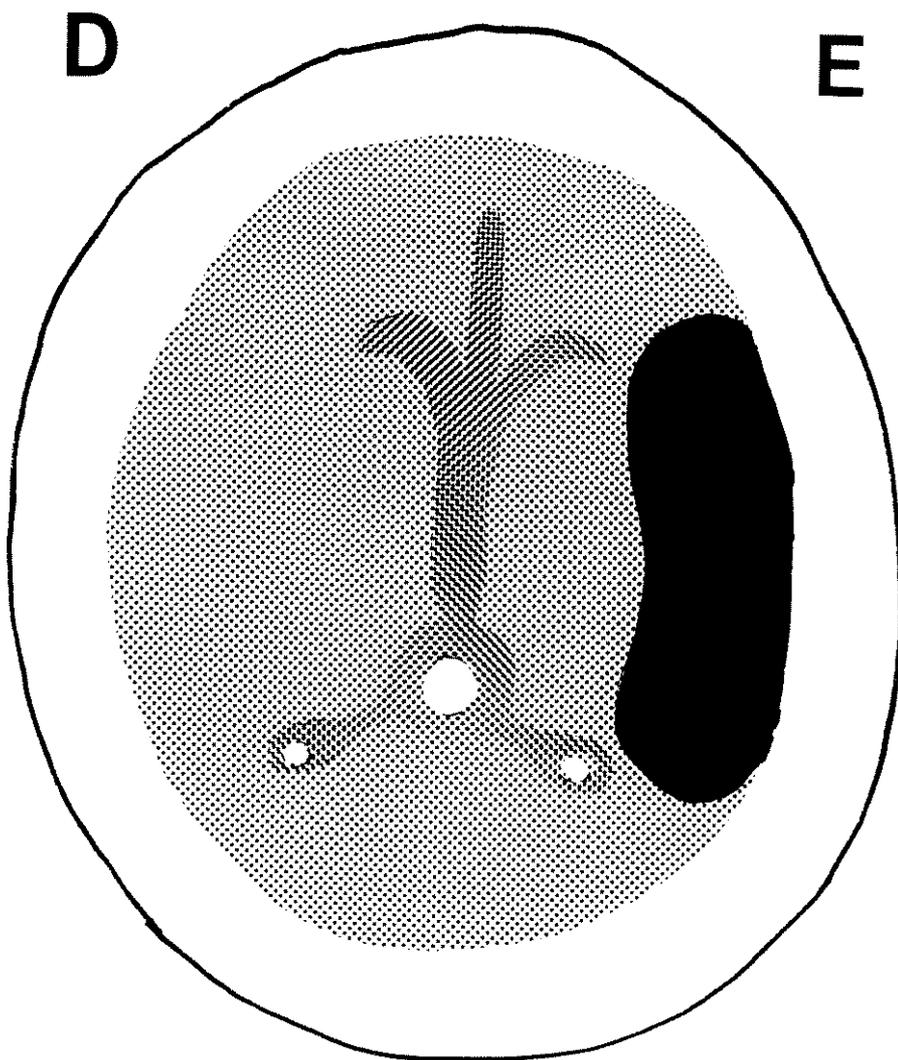


Figura 24. Diagrama indicativo (plano caudal da série ventricular) de lesão temporoparieto-occipital esquerda apresentada por **O.P.L.** (ver figura 13).

5), em virtude de já não diferenciá-las foneticamente.

Dentre os "*sintomas secundários*", arrolados pelo mesmo autor, **L.N.** manifesta dificuldade na evocação de palavras, não solucionada pelo "*prompting*", a menos que seja escrito (exemplos 6, 10), e comprometimento da escrita como ditado.

Todos esses elementos, para Luria (1977), seriam resultantes de uma "*desorganização paradigmática*", tal que os sistemas fonético e articulatorio mantêm-se relativamente preservados, enquanto as conexões semânticas sofrem um processo de "*equalização de excitabilidade*".

Em **R.A.R.**, por outro lado, localizada a área afetada (porção caudal do giro pós-central esquerdo) pelos exames radiológicos (figuras 16 a 22), representados na figura 25, confirma-se a relação defendida por Luria (1977) entre essa região cortical e a afasia motora aferente ou cinestésica, identificada nesse sujeito.

De fato, **R.A.R.** manifestou ao longo de sua avaliação neuropsicológica uma alteração tida como primária nessa "*...forma especial de afasia de articulação ... uma ruptura do sistema de articulemas (unidades de expressão motora) ...* (Luria, 1977; p. 71)".

Nessa condição, sucede que o afásico "*... perde a distinção entre articulemas relacionados, tornando-se incapaz de discriminar entre articulemas opostos e selecionar o mais adequado dentre várias alternativas e reconhecer as diferenças entre articulemas semelhantes ...* (Luria, 1977; p. 71)". Logo, compreende-se não ter o "*prompting*" contribuído, e também pouco outros recursos, para um melhor desempenho nos testes de denominação (tabela 5) ou em quaisquer outras circunstâncias, sendo freqüente a pronúncia incorreta, tanto quanto o emprego de palavras-frase e parafasias literais (exemplos 2 a 17).

Esses elementos, a par de outras características, como as paragrafias (na escrita espontânea ou como ditado — exem

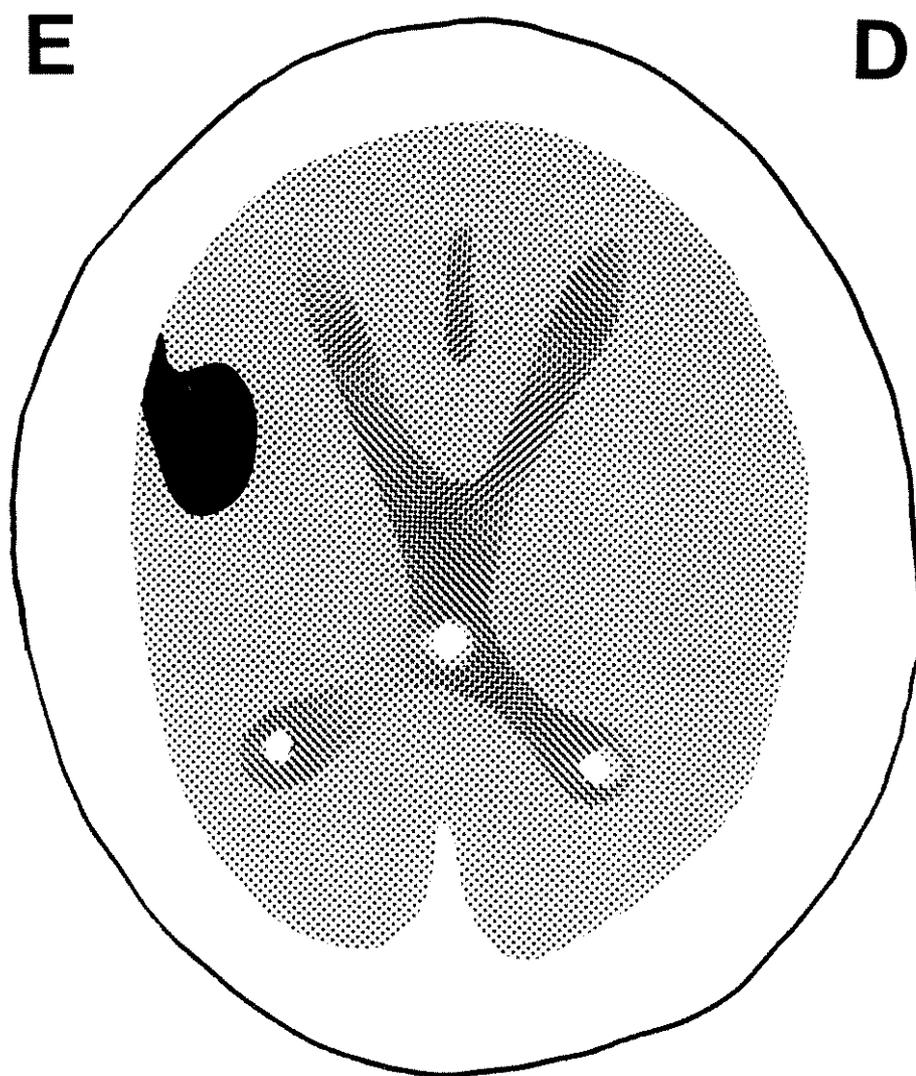


Figura 25. Diagrama indicativo (plano caudal da série ventricular) de lesão temporoparietal esquerda apresentada por R.A.R. (ver figura 22).

plos 18 a 20) e as paralexias (p.134), referendam a hipótese de afasia motora aferente, de acordo com a tipologia de Lúria (1977), em contraposição à eferente (ou cinética).

Consta ainda do quadro neuropsicológico de R.A.R. a persistência da apraxia buco-lábio-lingual (p. 136). Esse aspecto que atravessa todo o seu acompanhamento, é tomado por Lúria (1977) como um ponto central para a diferenciação entre as formas aferente e eferente de afasia motora, dada a sua concepção particular dessa afasia, dentro de um contexto estreitamente vinculado aos conceitos fisiológicos de motricidade elaborados por Bernshtein.

Assim, abandonando o tratamento clássico da questão, como foi abordada por Broca (1865), Lúria transpõe para a articulação da fala a demonstração de Bernshtein, por ele citado, de que "*... devido à alta plasticidade do sistema motor, ao número infinito de graus de liberdade previstos pelos complexos articulares dos membros e à tensão frequentemente alterada dos músculos ... um sistema de impulsos aferentes deve estar ativo a todo momento ... para a correção contínua dos movimentos visando a um objetivo específico ...* (Lúria, 1977; p. 70)".

Portanto, a perturbação dos movimentos, inclusive dos articulares da fala, envolveria sinais cinestésicos - afasia motora aferente - e cinéticos - afasia motora eferente, uma e outra decorrentes de lesões em áreas corticais diversas e caracterizadas cada qual por distintas síndromes neuropsicológicas (Lúria, 1977).

Estes, por sua vez, retratariam seus diferentes fatores neurodinâmicos. No primeiro caso, como ocorre em R.A.R., o aspecto determinante seria uma ruptura da "regra de força" e a conseqüente perda da habilidade de discriminar entre articulemas relacionados e selecionar o mais apropriado. Quanto às lesões anteriores, na afasia motora aferente (ou cinética) o preponderante seria a inércia exacerbada dos processamentos neurais (Lúria, 1977).

No que se refere a L.L.C., os elementos que participam do quadro neuropsicológico definem, no interior da classificação luriana, uma afasia de condução.

Ao desenvolver a mesma análise aplicada a outras formas de afasia, Luria (1977) sugere que os mecanismos internos da afasia de condução possam estar relacionados a uma deficiência na articulação ou na percepção, razão da dificuldade desses pacientes em repetir sons, palavras ou sentenças, o que se verificou no caso em discussão (p. 139).

Luria (1977) não vincula essa síndrome neuropsicológica a lesões focais, porém Hécaen (1976), Leleux & Lebrun (1979) e Huvelle et al. (1979) sugerem sua relação anatômica com a confluência temporo-parietal (giro supramarginal e giro angular) do hemisfério dominante, aliás plausível nesse caso.

Parece-nos oportuno observar que as evidências obtidas pelos exames realizados (p. 52), indicam ser L.L.C. portador de uma lesão, não detectável à tomografia computadorizada, no território da carótida interna esquerda.

A abordagem adotada por Luria na revisão de formas complexas de afasia, ilustrada pelos comentários acima, foi por ele definida em várias ocasiões (1970, 1976a, 1977, 1979). Suas diretrizes consistem em identificar as condições básicas vinculadas ao distúrbio da fala e, somente após ter-se tornado suficientemente clara a estrutura psicológica dos sintomas em questão, seguir os passos necessários à compreensão de fatores e mecanismos neurodinâmicos da atividade das áreas, implicadas em síndromes específicas.

Consideramos, como é defendido por Cole (1979), que esta posição, por nós compartilhada quanto ao caminho a ser trilhado na pesquisa neurolinguística, surgiu em meio a um contexto pessoal e social particular, conforme reconhece o próprio Luria em diversas passagens (1976b, 1987), inclusive em sua autobiografia, *"The Making of Mind"* (1979).

Nesse texto, ao discutir aspectos de sua colaboração com

Vygotsky, retoma a crença deste último acerca da origem mediada dos processos psicológicos superiores:

"... Vygotsky apreciava denominar sua abordagem

— cultural ... os caminhos socialmente estruturados pelos quais uma sociedade organiza tipos de tarefas que a criança enfrenta e tipos de instrumentos, físicos e mentais, de que ela dispõe para executá-las ... um desses instrumentos é a linguagem ...

— histórica ... esses instrumentos foram inventados e aperfeiçoados ao longo da história social humana ...

— instrumental ... referência à natureza basicamente mediada de todas as funções psicológicas complexas ... (p. 44) "

Interessa-nos ainda destacar um preceito assumido por Vygotsky e presente em Luria, critério também adotado no planejamento e na avaliação dos resultados do presente trabalho:

"... A abordagem de Vygotsky para o estudo da afasia serviu como um modelo para todas as nossas pesquisas posteriores em neuropsicologia; partindo de evidências relativas à neurologia e à psicologia, estudou individualmente exames clínicos de pacientes para obter um quadro claro das diferenças qualitativas entre o funcionamento normal e afásico ... síndrome que conduz a dois caminhos, em direção a um entendimento profundo das estruturas neurais envolvidas e também à identificação das características psicológicas manifestadas ... (1979; p. 55) "

Considerando, como Luria, o estudo de lesões patológicas uma das possíveis estratégias para discutir as funções superiores, aceitamos a lógica particular que atribuí à pesquisa clínica: *"... o ponto de partida não é um problema claramente definido, mas sim um feixe desconhecido de problemas e soluções — o paciente ... (Luria, 1979; p. 132) "*

Assim, a seu modo de ver, impõe-se captar todos os eventuais detalhes por meio de observações cuidadosas, podendo então emergir hipóteses tentativas, confirmadas como síndromes, quando suficiente o número de sintomas compatíveis. Entretanto, esse número suficiente e necessário, segundo o autor, prescinde de testes padronizados, literalmente rejeitados por ele como "... inadequados, tanto para a tarefa para a qual foram elaborados como para as novas aplicações que tinhamos em mente ... (1979; p. 133)", desde que "... as condições do trabalho clínico não permitem a aplicação devidamente controlada de muitos métodos experimentais e, lidando com pacientes, não devemos nunca esquecer que uma vida humana individual não é certamente uma abstração estatística que, na média, sustenta uma teoria ... (1979; p. 173)".

Ressaltamos que a revisão crítica da hegemonia desfrutada pelas extensas análises estatísticas propiciadas pelos testes padronizados, um dos objetivos dessa tese, é no momento atual amplamente preconizada, tanto que consta dentre as sugestões oferecidas pelo "*Grupo de Estudos em Plasticidade Neural e Regeneração do Sistema Nervoso Central*", reunido em Roma, em 1987. Embora em um contexto distinto daquele em que nos inserimos, esses pesquisadores consideram valiosas as contribuições dos estudos, prospectivos e retrospectivos, de casos isolados, pois não incorreriam em conclusões equivocadas e tampouco encobririam os eventuais casos de recuperação (Bignami, 1988).

Ocorre porém que, em Luria, essa condição diferenciada por ele conferida à clínica decorre de um conflito entre a avaliação quantitativa pelos testes e sua visão teórica. É evidente que tal abordagem seria incompatível, sob diversos ângulos, com a perspectiva em que se movem seu pensamento e sua obra:

"... Como a proposição geral apresentada por Vygotsky constitui a base de nossa pesquisa, adotamos a assertiva fundamental de que uma mudança no objetivo da tarefa inevitavelmente acarreta uma mudança significativa na estrutura dos

processos psicológicos por ela responsáveis ... em outras palavras, uma mudança na organização neural da atividade... (Luria, 1979; p. 172)".

Tomemos essa reflexão de Luria como um contraponto às questões suscitadas previamente, relativas à natureza metalingüística e descontextualizada dos testes padronizados (p. 25 a 29). De fato, com Luria e a escola soviética, busca-se colocar esse debate que perpassa a história da afasiologia (Lebrun, 1983), em um cenário de contornos conceituais e epistemológicos únicos no âmbito das neurociências.

Distanciando-se dos argumentos comumente apresentados para solucionar esse impasse, Luria fundamenta-se nas concepções elaboradas conjuntamente com Vygotsky, defendendo os valores histórico-culturais e a natureza instrumental das por ele denominadas "*funções psicológicas complexas*", entre elas a linguagem (1972, 1973, 1976b, 1979). Em sua análise socio-histórica dos processos cognitivos publicada originalmente em 1972, Luria afirma que as particularidades da consciência humana somente podem ser compreendidas com o entendimento do papel regulador da linguagem, que "*... serve de intermediário à percepção do homem ... realiza o complicadíssimo trabalho de análise e síntese da informação que lhe chega, ordenando o mundo por ele percebido, codificando em sistemas determinados as impressões que recebe ...* (p. 30)".

Atento a essa óptica epistemológica, Luria coerentemente se ocupará do qualitativo, do individual, do epilingüístico.

Assim se constitui, acreditamos, a referência em torno da qual se deve organizar a reflexão advinda no presente estudo da contraposição das observações no decurso da interação dialógica aos resultados dos testes. O descompasso então verificado, ainda que experimentalmente, foi ilustrado de maneira clara pelos estudos acima apresentados. Parece-nos que ficou devidamente caracterizado, graças a ter o critério metodológico incluído avaliações concomitantes, nos planos epistemológico e metalingüístico, em que a atuação dos sujeitos mostrou-se

significativamente distinta.

Tal fato foi observado quando **N.L.**, portador de afasia amnética, apresentou dismnesia verbal grave, mas enumerou o que foi servido em uma festa a que compareceu (exemplos 5, 6); ou ainda, paralelamente às dificuldades encontradas durante o teste de prosopagnosia, narrou episódios envolvendo pessoas de sua família, nomeando-as corretamente (exemplos 9, 10, 19, 20, 21).

No acompanhamento de **O.P.L.**, nota-se que no mesmo dia em que o índice de respostas corretas foi 0,50, em um teste de denominação de objetos, **O.P.L.** relatou com desenvoltura quais os animais vistos por ele e sua irmã durante uma visita a uma exposição (exemplos 20, 22).

Quanto a **L.N.**, a situação mais representativa dessa divergência, entre a atividade discursiva e a avaliação metalingüística, foi sua crítica ao teste de praxia relativo à execução de gestos simbólicos (exemplo 9).

Para **R.A.R.**, como para **L.L.C.**, dada a natureza de sua afecção lingüística, não se constatou um impacto tão significativo da contextualização na atividade metalingüística, havendo contudo uma precedência de um melhor desempenho na interação dialógica, em ambos os casos.

Uma vez orientados ao longo de todo o acompanhamento a se constituírem como sujeitos da interação dialógica, a identificarem, compreenderem e superarem seus déficits, conforme atestam os vários exemplos, os sujeitos dessa investigação conseguem distinguir a natureza dessas análises (exemplos **N.L.**: 14; **L.N.**: 9), questionando-as e terminando, algumas vezes, por refutá-las, contextualizando por sua interferência atividades propostas como metalingüísticas (exemplos **N.L.**: 12, 13; **O.P.L.**: 47; **L.N.**: 9).

Esses dados nos remetem, uma vez mais, a Luria que, ao comentar seus estudos especialmente devotados ao tema das di

ferências culturais no processamento neural, destaca a resposta a ele dirigida por um dos participantes, no decorrer de uma discordância, quanto à solução de um silogismo: "... nós sempre falamos somente do que vemos, nós não falamos do que não vimos ... (1979; p. 79)". Para Luria (1979), isso retrata que "... novas experiências ... mudam a maneira segundo a qual as pessoas empregam a linguagem, de modo que as palavras tornam-se o principal agente da abstração e generalização ... (p. 73)".

Rememoremos outro paralelismo, por nós traçado no início desta análise (p. 22), entre a "lingüística da forma", constituída pelo estruturalismo saussureano e a gramática chomskyana, e a "medicina da forma", definida pelo nascimento da clínica moderna (Foucault, 1962). Com essa "forma" da patologia buscando no espaço do doente a localização do fenômeno patológico, neurológico ou não, os paradigmas lingüísticos, cronologicamente posteriores, vinculam-se a esse modelo anatomo-clínico, localizacionista em sua mais ampla acepção.

Portanto, compartilhamos a opinião de Luria (1979), de que as diretrizes que adotamos e que foram estabelecidas por ele tornam-se viáveis tão somente a partir da refutação desse localacionismo, desde que não se incorra na concepção holística das funções psicológicas, isso porque, a seu modo de ver, nenhuma dessas visões permite lançar as bases de um programa científico.

De uma parte, refuta as teorias holísticas, pois afirma a possibilidade da descoberta de um substrato material da mente, e diverge da separação entre vida espiritual e atividade neural. Conseqüentemente, em Luria, a consciência humana não é mais compreendida como uma qualidade da alma, tornando-se "... a forma mais elevada do reflexo da realidade, forjada no processo de desenvolvimento histórico-social que se realiza com o auxílio dos meios existentes objetivamente, e à qual se pode aplicar uma análise histórico-científica causal ... (1972; p. 31)".

Quanto à doutrina localizacionista, seus argumentos baseiam-se na discussão do conceito de "função", este o ponto central do confronto, em suas dimensões epistemológicas e científicas, com repercussões teóricas e pragmáticas. Assim sendo, Luria diz a princípio que os que investigaram o problema das localizações corticais tomaram o termo "função" como a "função de um tecido particular", enquanto ele se fundamenta no conceito de "sistema funcional", tal como proposto por Anokhin, em 1935, "... a presença de uma tarefa invariável, desempenhada por mecanismos variáveis, que conduzem o processo a uma conclusão constante ... (1979; p. 124)", complementado pelas concepções surgidas por estudos em diversas áreas, como na fisiologia da motricidade com Bernshtein:

"... o segundo traço característico é a sua composição complexa, que sempre abrange uma série de impulsos aferentes (ajustadores) e eferentes (efetores) ... (1979; p. 124)".

Tanto mais absurdo lhe parece que funções complexas sejam vistas como dependentes diretamente de grupos celulares restritos ou mesmo localizadas em áreas corticais específicas, o que considera poderia suceder com funções elementares.

Na verdade, como anteriormente comentamos, também esse papel intermediário da linguagem em Luria tem origem em Vygotsky, para quem as funções psicológicas superiores representariam sistemas funcionais complexos, mediados em sua estrutura por símbolos e instrumentos historicamente acumulados (1934, 1978).

Logo, de acordo com a solução de Luria *"... o sistema funcional é uma constelação de atividades em ação, em correspondência com uma constelação de áreas neurais que lhes dá origem ... (1979; p. 141)".*

Essa é a razão pela qual Luria considera objetivo do diagnóstico investigar quais os laços, quais as conexões do "sistema normal" da constelação de áreas corticais que estariam afetados no afásico ou seja *"... tratamento e diagnóstico não estão tão separados como possam parecer... (1979;p.*

143)", conclusão que se constituiu em fio condutor do nosso estudo.

Por esse caminho, a nosso ver, estrutura-se o afastamento do reducionismo, conforme preconiza Luria (1979) no trecho:

"... Essas tentativas de reduzir formas complexas de comportamento consciente a um nível microscópico foram especialmente predominantes no estudo do cérebro como a base do comportamento; nesse período o estudo da atividade humana consciente tornou-se submerso em um mar de especulação molecular ... (p. 176)".

Ao assimilar a resposta a esse impasse segundo a reformulação sugerida por Vygotsky, Luria opõe-se a cortes reducionistas na investigação neuropsicológica, afirmando que *"... para explicar as formas mais complexas da vida consciente do homem é imprescindível sair dos limites do organismo e buscar as origens do comportamento categorial, não nas profundidades do cérebro ou da alma, mas sim nas condições externas da vida e, em primeiro lugar, da vida social, nas formas histórico-sociais da existência humana ... (1985; p. 21)".*

E acrescenta:

"... Estou inclinado a rejeitar firmemente uma abordagem em que esses elementos auxiliares tornam-se o método central e seu papel como servidores do método clínico é invertido de tal modo que o raciocínio clínico segue aos dados instrumentais, assim como um escravo segue a seu senhor ... (1979; p. 177)".

Desde que propõe um "reducionismo neural", uma transposição de conceitos da neurofisiologia geral à investigação do que inclui no que Pavlov chama "atividade nervosa superior", Luria quando refuta o reducionismo, reporta-se evidentemente ao conceito histórico de reducionismo biológico ou seja refere-se à convicção de que os fenômenos apresentados pelos seres vivos possam ser totalmente explicados por leis fisi-

co-químicas, conforme preconizado no início do século passado. Tal reação ao vitalismo da "*Naturphilosophie*" pretendia conferir à fisiologia o mesmo "*status*" científico então atribuído à física, não reconhecendo propriedades emergentes no fenômeno biológico (Edwards, 1967; Bynum et al. 1981).

De fato, reducionismo "*sensu strictu*", chamado "*fisicalismo*" por Feigl (1953), que "... afirma a possibilidade de deduzir todas as leis científicas das leis da física ... (p. 382)", foi amplamente criticado por Luria no domínio das "*funções corticais superiores*", justificando-se com base no enfoque epistemológico com que trata essa questão. Parece-nos deva essa atitude crítica, proposta por Luria e por nós adotada, ser adequadamente inserida em meio ao amplo debate relativo à unidade da ciência.

À semelhança da conduta luriana, buscamos neste trabalho, sem incorrer em uma metodologia inspirada no extremo reducionismo, manter-nos igualmente à distância do holismo e do naturalismo (Feigl, 1953), guardando entretanto a perspectiva de uma unidade da linguagem científica (Mainx, 1955; Brunswik, 1955).

Acreditamos que, embora seja extremamente relevante para a compreensão do modelo teórico de Luria e para a neurolingüística estudar a possível influência de um contexto pessoal e social na sua recusa do reducionismo biológico, por ele explicitada formalmente, essa discussão foge ao escopo desta tese.

De outra parte, parece-nos relevante o fato de que esse tema afeta também, tanto através do prisma conceitual como em seus desdobramentos experimentais, o problema da plasticidade neural.

Poderíamos sugerir que as diversas fases observadas, dentro da evolução neuropsicológica apresentada pelos sujeitos, pressupõe mecanismos neurodinâmicos envolvendo áreas suposta ou comprovadamente lesadas. Esses mecanismos incluem alguns modelos amplamente discutidos na literatura, descri-

tos com base em evidências experimentais (Teuber, 1974; Le Vere, 1975; Bach-y-Rita, 1980; Bach-y-Rita, 1981; Finger & Stein, 1982; Cotman & Nieto-Sampedro, 1982; Finger & Almlí, 1985; Irle, 1987; Weinberger & Diamond, 1987; Bignami, 1988; Kolb & Whishaw, 1989).

Powell, em 1981 (Code & Müller, 1984) reuniu as diversas posições acerca da recuperação funcional, geradas pelos paradigmas disponíveis em neuropsicologia, em três grupos:

- modelos fisiológicos (diasquise, regeneração, "sprouting" colateral, ativação de sinapses previamente ineficazes)
- modelos estruturais (redundância, níveis de representação, controle múltiplo)
- modelos de elaboração (substituição, adaptação, reorganização do fluxo).

Para Luria, porém, em decorrência do ponto de vista teórico que defende, os modelos presuntivos são os relativos aos níveis de representação e à reorganização de fluxo. No primeiro caso, o caráter complexo dos sistemas funcionais asseguraria o processamento a outros níveis em unidades não atingidas (1966, 1972, 1977, 1979). No que se refere à reelaboração de fluxo, Luria considera que uma lesão específica pode atingir somente um sub-sistema particular, cujo déficit específico acredita poder ser isolado, enquanto se busca pela terapia estabelecer novas sub-rotinas que o substituam (1963, 1972, 1977, 1979).

Na verdade, para ele, conforme comentamos anteriormente, a idéia de plasticidade neural encontra-se intimamente associada à noção desenvolvida por Pavlov e outros fisiologistas da escola soviética, isto é, ao grau de "dinamismo" dos circuitos neurais envolvidos em dado processamento.

Assim sendo, uma vez mais, em meio ao que se poderia designar como um sistema teórico em Luria, surge um tema que

privilegia a individualidade, o particular, o que aparentemente constitui um paradoxo. Em um quadro estruturado rigidamente dentro de uma perspectiva historico-social, Luria assume o pensamento de Pavlov, ao citá-lo: "... o patológico põe a descoberto, desmembrando e simplificando, o que para nós estava oculto, inteiro e indivisível na fisiologia normal ... (1986; p. 214)".

Em vários textos (1947, 1977, 1979, 1986), defende a prioridade da análise das particularidades na modificação da atividade psíquica, em casos de afecção local do córtex, sobre o método evolutivo-comparativo.

Impõe-se portanto melhor compreender o perfil por ele proposto para esse trabalho clínico, detalhando a relação entre seus traços mais característicos e a visão epistemológica que os sustenta, seus elementos mais marcantes e a repercussão clínica que determinam.

Cumpramos destacar que o qualitativo, o individual, em Vygotsky e Luria, confrontam uma problemática ampla e complexa — a das normas biológicas.

Segundo Foucault (1962), com o nascimento da clínica vinculado a diversos fatores, que o acarretaram ou o sucederam, o discurso emergente autorizou a transição do sintoma ao signo, do doente à doença, do individual ao conceitual.

Logo, a par da espacialidade caminha uma questão da distinção entre normal e patológico, não mais possível do ponto de vista qualitativo na vigência da medicina experimental de Claude Bernard, que adota um princípio de continuidade entre esses estados, distintos apenas por diferença de grau (Bernard, 1947; Canguilhem, 1966; Canguilhem, 1968).

No âmbito da plasticidade neural, a questão dos limites entre o fato fisiológico e o patológico adquire na nossa opinião grande importância, devido às dúvidas freqüentemente suscitadas quanto à ocorrência de falsos positivos ou falsos negativos, tanto mais em estudos relativos à neuropsico-

logia. Portanto, acreditamos revestir-se de relevância a dis
cussão, em toda a sua complexidade, das normas em Luria, da-
do seu valor conceitual e pragmático.

RESUMO

04. Como evoluiu sua possibilidade de falar com outras pessoas (fora da família) e seu interesse por novas amizades?

05. Como evoluiu sua capacidade de enfrentar a frustração causada pelos problemas de linguagem?

06. Escreva sua opinião e acerca da evolução, em termos gerais (descreva novos interesses que surgiram e situações que ocorreram, por exemplo).

O paradigma prevalente nos estudos da Neuropsicologia relativos à linguagem traduz uma abordagem reducionista devido a razões históricas e epistemológicas. Tanto que a análise mais usual na literatura é elaborada segundo baterias clássicas de testes-padrão, apresentadas em avaliações únicas ou realizadas durante curtos períodos. Os resultados assim obtidos são então relacionados a síndromes clínicas e topográficas. Neste estudo 5 sujeitos afásicos adultos foram avaliados, a partir de entrevistas semanais e ao longo de um período variável entre 13 e 53 meses, quanto às dificuldades individuais e orientados no que se refere à reconstrução do processo lingüístico. Visando a tal intuito, foi desenvolvido um paradigma baseado em recentes aquisições da Lingüística, ainda não devidamente incorporados pela Afasiologia. Concomitantemente, foram submetidos a um conjunto de testes representativo daqueles mais frequentemente aplicados na pesquisa afasiológica. Essas observações permitiram o diagnóstico de afecções vasculares no hemisfério esquerdo, acometendo distintas áreas, a par de uma sintomatologia clínica e neuropsicológica classicamente correlata ao local da lesão. Todos os sujeitos apresentaram evidências significativas quanto à repercussão da contextualização na atividade lingüística, no âmbito do diagnóstico ou da terapia, elementos de um binômio não dissociado nessa metodologia. A discussão dos dados à luz da classificação proposta por Luria, com base nos conceitos elaborados por ele e Vygotsky, aponta para a importância de estendê-los além das presentes condições experimentais, com o intuito de enriquecer o debate acerca de questões eminentemente teóricas e relevantes para a plasticidade neural.

ABSTRACT

The prevalent paradigm in the studies of Neuropsychology referring to Language express a reductionist approach due to historical and epistemological reasons. Usually the classical batteries of pattern-tests are employed for single evaluations or for several evaluations through short periods. The results thereby obtained are related to clinical and topographical syndromes. In the present work five aphasic adult subjects were evaluated, from weekly interviews ranging from 13 to 53 months as to their individual difficulties, and orientated in the linguistic process recovery. Aiming at this process a paradigm was worked out according to recent acquisitions which are not yet properly incorporated by Aphasiology. Concomitantly, they were submitted to a set of tests similar to those most frequently applied in aphasiological research. These observations allowed a diagnosis of a vascular disease in the left hemisphere at distinct areas as well as a set of clinical and neuropsychological symptoms regarding to the damaged area. In this methodology where diagnosis were not dissociated from therapy a significative improvement of the contextualized linguistic activities were reached by all aphasic subjects. The results are relevant not only concerning the rehabilitation but also because they offer a favorable support for a discussion beyond the present experimental conditions. In fact, these data point to the importance of the theoretical debate in the context of Vygotsky and Luria concepts in order to broad the neural plasticity knowledge.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, R.D. & VICTOR, M.** (1977), *Principles of Neurology*.
Mc Graw-Hill, Inc.
[2ª Edição: (1981)]
- BACH-Y-RITA, P.** (1980), *Recovery of Function: Theoretical Considerations for Brain Injury Rehabilitation*. Bern,
Hans Huber Publishers.
- . (1981), Central Nervous System Lesions: Sprouting and Unmasking in Rehabilitation. *Arch. Phys. Med. Rehabil.*,
62: 413-417.
- BERNARD, C.** (1947), *Principes de Médecine Expérimentale*.
Paris, Presses Universitaires de France.
[2ª Edição: (1987)]
- BIGNAMI, A.** (1988), Neuroplasticity and Repair in the Central Nervous System. *New Issues in Neurosciences. Basic and Clinical Approaches*, **1** (1).
- BRUNSWIK, E.** (1955), The Conceptual Framework of Psychology.
In: NEURATH, O.; CARNAP, R. & MORRIS, C. *Foundations of the Unity of Science*. Toward an International Encyclopedia of Unified Science, Vol. 1. Chicago, The University of Chicago Press.
[3ª Impressão: (1971)]
- BUELL, U.; LESCHEM, D.; RATH, M.; ROSE, M. & MARGUTH, F.** (1980), Radionuclide Angiography and Doppler Sonography to Detect Patients with Cerebrovascular Disease. A Correlation with Radiographic Angiography. *Stroke*, **11**(5): 452-456.
- BUONANNO, F.S.; PYKETT, I.L.; BRADY, T.J.; VIELMA, J.; BURT, C. T.; GOLDMAN, M.R.; HINSHAW, W.S.; POHOST, G.M. & KISTLER, J.P.** (1983), Proton NMR Imaging in Experimental Ischemic Infarction. *Stroke*, **14** (2): 178-184.
- BYNUM, W.F.; BROWNE, E.J. & PORTER, R.** (1981), *Dictionary of the History of Science*. New York, The Mac Millan Press Ltd.
[2ª Edição: (1983)]

- CALLEGARO, D. & NITRINI, R. (1983), Afasias. In: CANELAS, H. M.; ASSIS, J.L.; SCAFF, M. *Fisiopatologia do Sistema Nervoso*. São Paulo, Sarvier.
- CANELAS, H.M.; ASSIS, J.L.; SCAFF, M. (1983), *Fisiopatologia do Sistema Nervoso*. São Paulo, Sarvier.
- CANGUILHEM, G. (1966), *Le Normal et le Pathologique*. Paris, Presses Universitaires de France.
[Tradução Portuguesa (1982): *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária.]
- . (1968), *Études D'Histoire et de Philosophie des Sciences*. Paris, J. Vrin.
[5ª Edição: (1989)]
- CHUSID, J. G. (1982), *Correlative Neuroanatomy & Functional Neurology*. Drawer L., Los Altos, Lange Medical Publications.
[Tradução Portuguesa (1985): *Neuroanatomia Correlativa e Neurologia Funcional*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan]
- CODE, C. & MULLER, D.J. (1983), *Aphasia Therapy*. London, Edward Arnold Ltd.
[Tradução Italiana (1984): *Terapia Dell'Afasia*. Roma, Marrapese Editore.]
- COLE, M. & SCRIBNER, S. (1978), *Introdução*. In: VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- COTMAN, C.W. & NIETO-SAMPEDRO, M. (1982), Brain Function, Synapse Renewal and Plasticity. *Ann. Rev. Psychol.* 33: 371-401.
- COUDRY, M.I.H. (1986), *Diário de Narciso. Avaliação e Acompanhamento Longitudinal de Linguagem de Sujeitos Afásicos, de uma Perspectiva Discursiva*. Tese de Doutorado.
- DEMEURISSE, G.; VERHAS, M.; CAPON, A. & PATERNOT, J. (1983), Lack of Evolution of the Cerebral Blood Flow During Clinical Recovery of a Stroke. *Stroke*, 14(1): 77-81.

- EDWARDS, P.** (1967), *The Encyclopedia of Philosophy*. New York, The MacMillan Press Ltd.
[2ª Impressão: (1972)]
- FARRAR, J.K.** (1981), A Computerized Technique for the Display and Comparison of Regional Cerebral Blood Flow Data. *Stroke*, **12**(1): 22-26.
- FEIGL, H.** (1953). Unity of Science and Unitary Science. In: FEIGL, H. & BRODBECK, M. *Reading in the Philosophy of Science*. New York, Appleton-Century - Crofts Inc.
- FINGER, S. & STEIN, D.G.** (1982), *Brain Damage and Recovery: Research and Clinical Perspectives*. New York, Academic Press.
- FINGER, S. & ALMLI, C.R.** (1985), Brain Damage and Neuroplasticity: Mechanisms of Recovery or Development? *Brain Res. Rev.*, **10**: 177-186.
- FOUCAULT, M.** (1962), *Naissance de la Clinique*. Paris, Presses Universitaires de France.
[Tradução Portuguesa (1980): *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária.]
- FRANCHI, C.** (1987), Criatividade e Gramática. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, **9**: 5-45.
- GINSBERG, M.D.; GREENWOOD, S.A. & GOLDBERG, H.I.** (1981), Limitations of Quantitative Oculoplethysmography and of Directional Doppler Ultrasonography in Cerebrovascular Diagnosis. Assessment of an Air-Filled OPG System. *Stroke*, **12**(1): 27-32.
- GUR, D.; WOLFSON JR., S.K.; YONAS, H.; GOOD, W.F.; SHABASON, L.; LATCHAW, R.E.; MILLER, D.M. & COOK, E.E.** (1982), Progress in Cerebrovascular Disease: Local Cerebral Blood Flow by Xenon Enhanced CT. *Stroke*, **13**(6): 750-758.
- HÉCAEN, H.** (1976), *Introduction à la Neuropsychologie*. Paris, Librairie Larousse.
[Tradução Espanhola (1977): *Afásias y Apraxias*. Buenos Aires, Editorial Paidós.]

- HÉCAEN, H. & DUBOIS, J. (1969), *La Naissance de la Neuropsychologie du Langage (1825-1865)*. Paris, Flammarion, Editeur.
- HÉCAEN, H. & LANTERI-LAURA, G. (1977), *Évolution des Connaissances et des Doctrines sur les Localisations Cérébrales*. Paris, Desclée de Brouwer.
- HÉCAEN, H. & ALBERT, M.L. (1978), *Human Neuropsychology*. New York, John Wiley & Sons.
- HEISS, W.D. (1983), Flow Thresholds of Functional and Morphological Damage of Brain Tissue. *Stroke*, **14**(3): 329-331.
- HUVELLE, R.; BEDYNEK, S.; DECHAMPS, J. et DESCHRIJVER, V. (1979), *L'Aphasie*. Bruxelles, UCB. S.A.
- IRLE, E. (1987), Legion Size and Recovery of Function: Some New Perspectives. *Brain Res. Rev.*, **12**: 307-320.
- KARMILOFF-SMITH, A. (1979), *A Functional Approach to Child Language*. Cambridge, UK, Cambridge University Press.
- . (1986), From Metaprocesses to Conscious Access: Evidence from Children's Metalinguistic and Repair Data. *Cognition*, **23**: 95-147.
- KEYES, J.W. (1982), Perspectives on Tomography. *J. Nucl. Med.*, **23**(7): 633-640.
- KOLB, B. & WHISHAW, I.Q. (1989), Plasticity in the Neocortex: Mechanisms Underlying Recovery from Early Brain Damage. *Progress in Neurobiology*, **32**: 235-276.
- LEBRUN, Y. (1983), *Tratado de Afasia*. São Paulo, Panamed Editorial Ltda.
- LELEUX, C. & LEBRUN, Y. (1979), *Précis D'Aphasiologie*. Bruxelles, U.C.B. S.A.
- Le VERE, T.E. (1975), Neural Stability, Sparing and Behavioral Recovery Following Brain Damage. *Psychological Review*, **82**(5): 344-358.

- LURIA, A.R. (1966), *Higher Cortical Functions in Man*. London, Tavistock.
-
- . (1970), *Traumatic Aphasia*. The Hague: Mouton.
[Tradução espanhola (1978): *Cerebro y Lenguaje. La Afasia Traumática: Síndrome, Exploración y Tratamiento*. Barcelona, Ed. Fontanella S.A.]
- . (1972), Aphasia Reconsidered. *Cortex*, 8(1): 34-40.
- . (1973), *The Working Brain. An Introduction to Neuropsychology*. New York, Basic Books Inc., Publishers.
- . (1976a), *Basic Problems of Neurolinguistics*. Paris, The Hague: Mouton.
- . (1976b), *Cognitive Development*. Cambridge, Mass., Harvard University Press.
[Tradução espanhola (1980): *Los Procesos Cognitivos. Análisis Socio-Histórico*. Barcelona, Editorial Fontanella, S.A.]
- . (1977), *Neuropsychological Studies in Aphasia*. Amsterdam, Swets & Zeitlinger B.V.
- . (1979), *The Making of Mind*. Cambridge, Harvard University Press.
- . (1987), *Pensamento e Linguagem*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- MAINX, F. (1955), Foundations of Biology. In: NEURATH, O.; CARNAP, R. & MORRIS, C. *Foundations of the Unity of Science*. Toward an International Encyclopedia of Unified Science, Vol. 1. Chicago, The University of Chicago Press.
[3ª Impressão: (1971)]
- MERIC, Ph.; LUFT, A.; SEYLAZ, J. & MAMO, H. (1983), Analysis of Reproducibility and Sensitivity of Atraumatic Measurements of Regional Cerebral Blood Flow in Cerebrovascular Diseases. *Stroke*, 14(1): 82-87.

- MILLER, G.A.; GALANTER, E. & PRIBAM, K.H. (1960), *Plans and the Structure of Behaviour*. New York, Henry Holt and Company, Inc.
- MONOD, J. (1970), *Le Hasard et la Nécessité*. Paris, Editions du Seuil.
[Tradução Portuguesa (1976): *O Acaso e a Necessidade*. Petrópolis, Editora Vozes Ltda.]
- PHELPS, M.E.; HOFFMAN, E.J.; HUANG, S. & KUHL, D.E. (1978), ECAT: A New Computerized Tomographic Imaging System for Positron-Emitting. *Radiopharmaceuticals*, **19**(6): 635:647.
- PYKETT, I.L.; BUONANNO, F.S.; BRADY, T.J. & KISTLER, J.P. (1983), True Three-Dimensional Nuclear Magnetic Resonance Neuro-Imaging in Ischemic Stroke: Correlation of NMR, X-Ray CT and Pathology. *Stroke*, **14**(2): 173-177.
- ROSE, S. (1973), *The Conscious Brain*. London, Weidenfeld & Nicolson.
[Tradução Portuguesa (1984): *O Cérebro Consciente*. São Paulo, Ed. Alfa-Omega.]
- ROSE, S. & ROSE, H. (1971), The Myth of the Neutrality of Science. *Impact of Science on Society*, **21**: 137-149.
- SARNO, M.T. & LEVITA, E. (1979), Recovery in Treated Aphasia in the First Year Post-Stroke. *Stroke*, **10**(6): 663-670.
- SEGAWA, H.; WAKAI, S.; TAMURA, A.; YOSHIMASU, N.; NAKAMURA, O. & OHTA, M. (1983), Computed Tomographic Measurement of Local Cerebral Blood Flow by Xenon Enhancement. *Stroke*, **14**(3): 356-362.
- TAYLOR, M.L. (1965), A Measurement of Functional Communication in Aphasia. *Arch. Phys. Med. Rehab.*, **46**: 101-107.
- TEUBER, H.L. (1974), Recovery of Function after Lesions of the Central Nervous System: History and Prospects. *Neurosciences Res. Prog. Bull.*, **12**(2): 197-211.

THURMAN, D.J. & MILLIKAN, C.H. (1981), Clinical Phenomena and Their Correlation to Angiographic Findings in Cerebrovascular Disease. *Stroke*, 12(1): 54-57.

TOLOSA, A.P.M. & CANELAS, H.M. (1969), *Propedêutica Neurológica. Temas Essenciais*. São Paulo, Sarvier.
[2ª Edição: 1975.]

VYGOTSKY, L.S. (1962), *Thought and Language*, Cambridge, The M.I.T. Press and Wiley.

[Tradução Portuguesa (1987): *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martins Fontes Editora Ltda.]

VYGOTSKY, L.S. (1978), *Mind in Society. The Development of Higher Psychological Processes*. Cambridge, Harvard University Press.

[Tradução Portuguesa (1984): *A Formação Social da Mente. O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. São Paulo, Martins Fontes Editora Ltda.]

WEINBERGER, N.M. & DIAMOND, D.M. (1987), Physiological Plasticity in Auditory Cortex: Rapid Induction by Learning. *Progress in Neurobiology*, 29: 1-55.

ZIEGLER, D.K. (1985), Is the Neurologic Examination Becoming Obsolete? *Neurology*, 35: 559.

De acordo com:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Referências Bibliográficas: NB-66. In: Normas ABNT sobre Documentação, Rio de Janeiro, 1978.

AMBULATÓRIO DE NEUROLINGUÍSTICA

NOME _____

DATA _____

EM RELAÇÃO AO INÍCIO DAS ENTREVISTAS:

01. Como evoluiu sua capacidade e seu interesse pelo trabalho?

02. Como evoluiu seu interesse por formas de lazer?

03. Como evoluiu sua dependência das outras pessoas?

APÊNDICE

	NORMAL	GOOD	FAIR	POOR	0	
MOVEMENT						Ability to imitate oral movement
						Attempt to communicate
						Ability to indicate "yes" and "no"
						Indicating floor to elevator operator
						Use of gestures
SPEAKING						Saying greetings
						Saying own name
						Saying nouns
						Saying verbs
						Saying noun-verb combinations
						Saying phrases (non-automatic)
						Giving directions
						Speaking on the telephone
						Saying short complete sentences (non-automatic)
					Saying long sentences (non-automatic)	
UNDERSTANDING						Awareness of gross environmental sounds
						Awareness of emotional voice tone
						Understanding of own name
						Awareness of speech
						Recognition of family names
						Recognition of names of familiar objects
						Understanding action verbs
						Understanding gestured directions
						Understanding verbal directions
						Understanding simple conversation with one person
						Understanding television
						Understanding conversation with more than two people
						Understanding movies
					Understanding complicated verbal directions	
					Understanding rapid complex conversation	
READING						Reading single words
						Reading rehabilitation program card
						Reading street signs
						Reading newspaper headlines
						Reading letters
						Reading newspaper articles
						Reading magazines
						Reading books
OTHER						Writing name
						Time orientation
						Copying ability
						Writing from dictation
						Handling money
						Using writing in lieu of speech
						Calculation ability

ESTIMATED TOTAL SPEAKING VOCABULARY: 0 1-50 50-100 100-500 500-1000 over 1000

DEPARTMENT OF PHYSICAL MEDICINE AND REHABILITATION, NEW YORK UNIVERSITY MEDICAL CENTER,
Speech Therapy Service, New York, New York

REGISTRO _____

I - IDENTIFICAÇÃO

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

FILIAÇÃO: _____

IDADE: _____ COR: _____

ESTADO CIVIL: _____

NATALIDADE: _____

PROCEDÊNCIA: _____

PROFISSÃO: _____

II - INFORMAÇÕES CLÍNICAS

História Pgressa da Moléstia Atual
(Clínica, Cirúrgica)

H.D. _____

Medicação em Uso:

ANTECEDENTES MÓRBIDOS:

Pessoais:

Familiares:

EXAME FÍSICO/NEUROLÓGICO:

H.D.:

III - INFORMAÇÕES RELATIVAS À LINGUAGEM

1. Língua Materna _____

2. Duração Alfabetização _____
Vivência Escolar _____

3. Grau de Escolaridade _____

4. Aprendizado de outras Línguas

Condições _____

Razões _____

Expressão Falada _____

Escrita _____

Compreensão Falada _____

Escrita _____

Vivência no Cotidiano

5. Habilidade Manual

Preferência Manual _____

Trabalhos Manuais _____

Instrumentos Musicais _____

IV - TESTES LINGUÍSTICOS

A. Expressão/Compreensão Oral

1. Denominação - Objetos _____

- Fotos _____

2. Denominação de Objetos em um Contexto _____

3. Repetição (Sons, palavras mono e polissilábicas, logotomas, frases simples e complexas)

4. Exercício de Programação _____

5. Fluência Verbal _____

6. Conversação Corrente _____

7. Ordens Oraís - Simples _____

- Semi-complexas _____

- Complexas _____

8. Reprodução Oral de um Texto () Lido pelo Examinador

9. "Token Test"

10. Testes Metalinguísticos

B. Expressão/Compreensão Escrita

1. Escrita - Espontânea (ANEXO 1)

- Sob Ditado (ANEXO 2)

2. Leitura () - Em voz alta _____

- Silenciosa _____

C. Cálculo

1. Mental _____

2. Escrito (ANEXO 3)

3. Escrita de Números Complexos (ANEXO 3)

D. Desenho

1. De Memória (ANEXO 4)

2. Em Cópia (ANEXO 4)

E. Vocalia _____

F. Esquema Corporal

1. Posição do Corpo no Espaço _____

2. Discriminação entre D e E _____

3. Autotopognosia _____

4. Agnosia Digital _____

G. Agnosias Tácteis

1. Estereognosia _____

2. Sentido Espaço-táctil _____

3. Dermolexia _____

H. Agnosias Visuais

1. Objetos/Fotos/Figuras Geométricas _____

2. Cores _____

3. Prosopagnosia _____

4. Topográfica _____

5. Simultânea _____

I. Apraxias

1. Ideomotora

- Movimentos Intransitivos _____

- Movimentos Transitivos _____

- Gestos Simbólicos _____

2. Ideatória

- Movimentos Intransitivos _____

- Movimentos Transitivos _____

3. Gestos sem Sentido _____

4. Gestos de Mãos e Braços em Sequência _____

5. Buco-Labio-Lingual _____

6. Construtiva _____

